



Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa

Ed: Rodrigo de Balbín Behrmann

© 2008 de esta edición:
Junta de Castilla y León
Consejería de Cultura y Turismo

ISBN:

Depósito Legal:

Diseño y Arte final: dDC, Diseño y Comunicación

Imprime:

Printed in Spain. Impreso en España

António Pedro Batarda Fernandes

Parque Arqueológico do Vale do Côa.
Avd. Gago Coutinho, 19-A,
5150-610 V.N. Foz Côa, Portugal
abatarda.pavc@ipa.min-cultura.pt

Limites de intervenção na conservação de superfícies de arte rupestre. O caso específico dos afloramentos gravados do Vale do Côa

Resumo

Considerando testes prévios de conservação realizados em Rocha-Tipo do Vale do Côa (afloramentos sem gravuras mas com dinâmicas erosivas semelhantes aqueles que possuem motivos de arte rupestre), pretende-se discutir os limites razoáveis de intervenção nos trabalhos de conservação de superfícies de arte rupestre. O facto de estarmos a lidar com um objecto de arte que subsiste há vários milhares de anos e num determinado contexto de evolução natural, mas também social, obriga-nos a colocar questões metodológicas e conceptuais pertinentes sobre tais limites. Levando em conta que a totalidade do afloramento pode ser considerado como o *objecto de arte*, será que temos o ‘direito’ de manipular o ‘total’ objecto de arte de uma forma em que este é transformado numa outra coisa? Se o

trabalho de conservação for realmente necessário ele deve ser fortemente determinado por preocupações estéticas e éticas? Ou pelo contrário, será que o objectivo de fazer subsistir este património de arte rupestre nos permite o completo ‘sacrifício’ do um objecto de arte ‘original’? E qual será esse estado ‘original’ do objecto de arte rupestre do Vale do Côa? Por outro lado, as intervenções de conservação podem afectar a apreciação estética contemporânea dos motivos de arte rupestre? Estas são, em suma, algumas das questões que pretendemos aprofundar, com o objectivo de estabelecer um compromisso entre a tentativa de assegurar a perenidade da arte rupestre do Vale do Côa e a intervenção ‘re-criadora’ conservativa.

Palavras-Chave

Conservação de Arte Rupestre; Limites estéticos e éticos.

Introdução

O objectivo deste artigo é, até certo ponto, fazer o balanço das experiências de conservação levadas a cabo nos últimos dois anos no Vale do Côa em Rochas-Tipo mas principalmente analisar questões éticas e estéticas não só relacionadas com as propostas de intervenção ensaiadas mas também com a mais vasta problemática de conserva-

ção da arte rupestre do Côa. Assim, iremos apresentar sumariamente os problemas de conservação que determinaram decisivamente as intervenções piloto de conservação realizadas, seguida duma breve reflexão sobre a exequibilidade ética ou estética de tais intervenções. Nesta reflexão, constituem-se como tópicos fundamentais as

qualidades intrínsecas de todos os afloramentos que contêm motivos de arte rupestre, bem como a interacção que é possível estabelecer entre estes e os seus suportes pétreos. O objectivo será não tanto o de estabelecer limites concretos, do ponto de vista ético e estético, para acções futuras de conservação, mas sim o de suscitar o debate sobre uma questão pouco discutida pela comunidade de estudiosos de “Arte Rupestre” conquanto estarmos conscientes que as interrogações que colocamos logo de início não são de fácil resposta...

Problemas determinantes de conservação dos suportes da arte rupestre do Vale do Côa

Como já em outras ocasiões (A. P. B. FERNANDES, 2003, 2004 e 2005) analisámos de uma forma exaustiva todo o contexto (Geológico, Geomorfológico, Biológico, Climático ou Sócio-Económico) de conservação da arte do Côa, apresentando ainda o Programa de Conservação do Parque

Fig. 1. O encaixe do rio do Côa na zona da sua foz. De notar a inclinação das vertentes escavadas precisamente pelo encaixe do rio. Nesta zona já se constata a influência da albufeira da barragem do Pocinho, construída em 1984 no rio Douro e a montante da foz do Côa. Assim, o nível natural das águas do Côa seria cerca de 10-12 metros mais baixo. O nível presente do Côa impede a visualização de zonas ribeirinhas muito declivosas e que nesta área apresentam razoável número de painéis de arte rupestre agora submersos. Nesta área, existem também zonas não submersas e mesmo situadas a meia encosta com afloramentos gravados de cronologia Paleolítica e da Idade do Ferro.



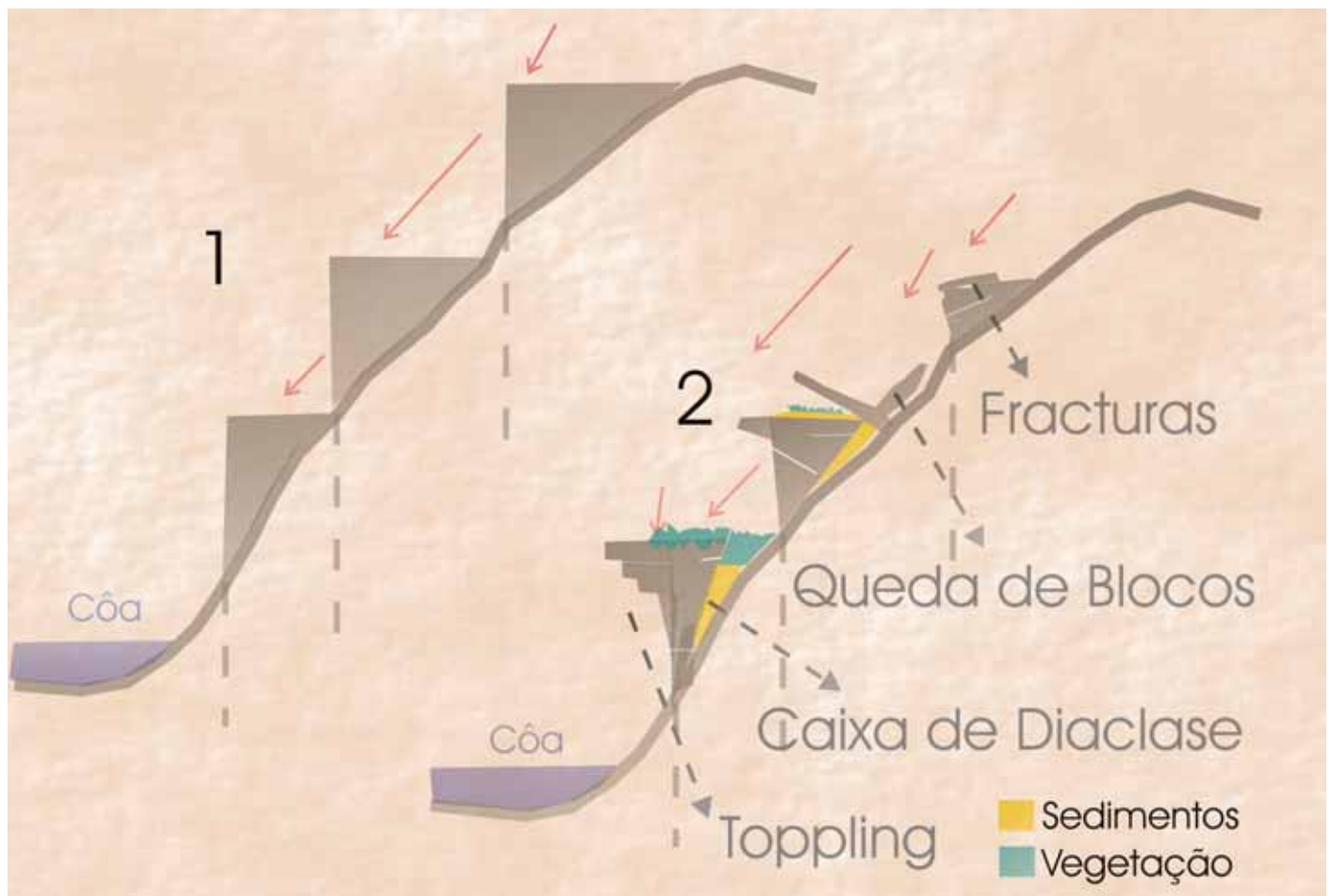
Arqueológico do Vale do Côa (PCPAVC), iremos focar a nossa análise nos problemas de ordem mecânica que afetam a estabilidade dos painéis de arte rupestre e que determinaram as prioridades estabelecidas para os testes de ações de conservação realizados em três Rochas-Tipo do Vale do Côa.

Os afloramentos gravados do Vale do Côa situam-se nas encostas íngremes que ladeiam o curso do rio Côa ou dos seus tributários. Aliás, foi o próprio processo de encaixe do rio e seus afluentes que desencadeou a exposição dos painéis suportes de motivos de arte rupestre (A. P. B. FERNANDES, 2004: 11). A maioria dos afloramentos gravados situa-se no sopé destas encostas, embora painéis existam que se localizam a meia encosta e mesmo no topo destas vertentes. Sendo que os sopés das encostas que se precipitam sobre o Côa se localizam a cotas entre os 100 e 150 metros, A. M. Baptista e M. Garcia Díez (2002: 198), num

artigo sobre a organização simbólica da arte rupestre do Vale do Côa, haviam já notado, de acordo com os dados disponíveis na altura e ainda não desmentidos, que a maioria dos afloramentos inscritos e sítios de arte rupestre se situam entre estas duas cotas. De notar ainda que, sendo o Côa um rio geologicamente jovem, o perfil das suas encostas é naturalmente em V sendo bastante acentuada a inclinação dessas vertentes atingindo nalguns casos os 25% de desnivelamento (*ibidem*:190) (fig. 1).

Assim, consequência do posicionamento topográfico acima descrito, a instabilidade das vertentes é o problema fundamental de conservação dos afloramentos de arte rupestre do Côa. Como motor desta instabilidade temos as dinâmicas de carácter coluvional: a força da gravidade impele encosta abaixo sedimentos e fragmentos de maiores ou menores dimensões fraccionados dos afloramentos situados a cotas mais elevadas por acção da sismicidade ou

Fig. 2. Ilustração do processo de instabilização das encostas e desmonte dos afloramentos aí localizados causada por pressão gravitacional ou coluvional (assinalada a vermelho) agravada pela sismicidade e por ciclos de expansão e retracção da rocha provocados por variações climáticas.



da pluviosidade. Por outro lado, os próprios afloramentos (gravados ou não), localizados na base das vertentes, constituem-se como um ‘calço’ impeditivo da estabilização das encostas. Só o inexorável mas moroso processo de desmantelamento destes afloramentos poderá proporcionar um maior nivelamento e portanto estabilidade às encostas (fig. 2) (J. D. RODRIGUES, 1999: 1).

Toda esta acção coluvional, agravada pela pluviosidade, provoca grande instabilidade, não apenas nas vertentes, mas também nos próprios afloramentos. Grande parte de todo o catálogo identificado de tipos de erosão em acção nos afloramentos (J. D. RODRIGUES, 1999) tem como origem a instabilidade das vertentes, actuando desde escalas macro-locais –i. e. toda a encosta– a escalas micro-locais

–áreas restritas dos painéis insculturados– e originado ou contribuindo para acelerar a evolução de fenómenos erosivos como o toppling ou a fracturação (A. P. B. FERNANDES, 2004: pp. 12-17). Apesar da região possuir um regime pluviométrico bastante moderado (A. P. B. FERNANDES, 2004: 15; 2005: 161), as águas pluviais e a sua percolação contribuem também para enfraquecer os afloramentos, ao agravarem o ritmo de erosão provocado por fracturas preexistentes. A localização de afloramentos em leito de cheia é ainda outro factor que contribui para a instabilidade de alguns painéis de arte rupestre (fig. 3).

Em suma, foi esta dinâmica de erosão mecânica dos afloramentos de arte rupestre do Côa que as experiências de conservação realizadas nos últimos dois anos tentaram

Fig. 3. Estado do afloramento que contém a rocha 1 da Ribeira de Piscos logo após as cheias inverniais de 2004/2005.



Fig. 4. Pormenor da rocha 5 B da Penascosa. A figura caprínea de cronologia Paleolítica, gravada pela técnica de abrasão, está representada em dois planos diferentes, devido a fracturação do suporte pétreo. Como se observa facilmente, esta fractura é anterior ao episódio de gravação, sendo que eventualmente motivos mais antigos gravados por picotagem poderão ter sido interrompidos pela fracturação evidente. Esta figura, se por um lado demonstra, tal como a seguinte, a erosão que os suportes da arte do Côa sofrem, por outro sublinhará a grande durabilidade dos painéis, pois o motivo capríneo sobrevive, apesar da fracturação intensa em acção nesta rocha, desde o Paleolítico Superior. (Foto e referência: Baptista, 1999, p. 104).



enfrentar, propondo e testando soluções passíveis de mitigar a sua acção e evolução. Outras questões de conservação de origem biológica (como a colonização líquenica) ou mesmo geológica (conservação da película siliciosa que cobre os painéis – A. P. B. FERNANDES, 2004: 16-17) não foram objecto directo de intervenção nas experiências efectuadas. Isto porque, se por um lado, se afigura a estabilidade mecânica das vertentes como o maior problema de conservação da arte do Côa, a verdade é que algumas das soluções ensaiadas nos testes contribuem também colateralmente para a resolução de alguns problemas de ordem biológica (como o crescimento de plantas inferiores e superiores enraizadas nos sedimentos que preenchem

caixas de fractura) e mesmo geológica (com o estabelecimento de canais de escoamento das águas pluviais que evitem a percolação de maciços e painéis gravados).

A evolução das dinâmicas erosivas que afectam os afloramentos gravados do Vale do Côa pertence a uma escala de tempo dificilmente mensurável no tempo humano. Por outro lado, o xisto presente na região possui características de notável resistência e durabilidade (M. L. RIBEIRO, 2001: 54), como se pode comprovar na [Figura 4](#). No entanto, noutros casos os processos erodentes manifestam-se de forma lenta mas inexorável, como é notório nos exemplos dados na [Figura 5](#) e, mais abaixo, na [Figura 14](#).

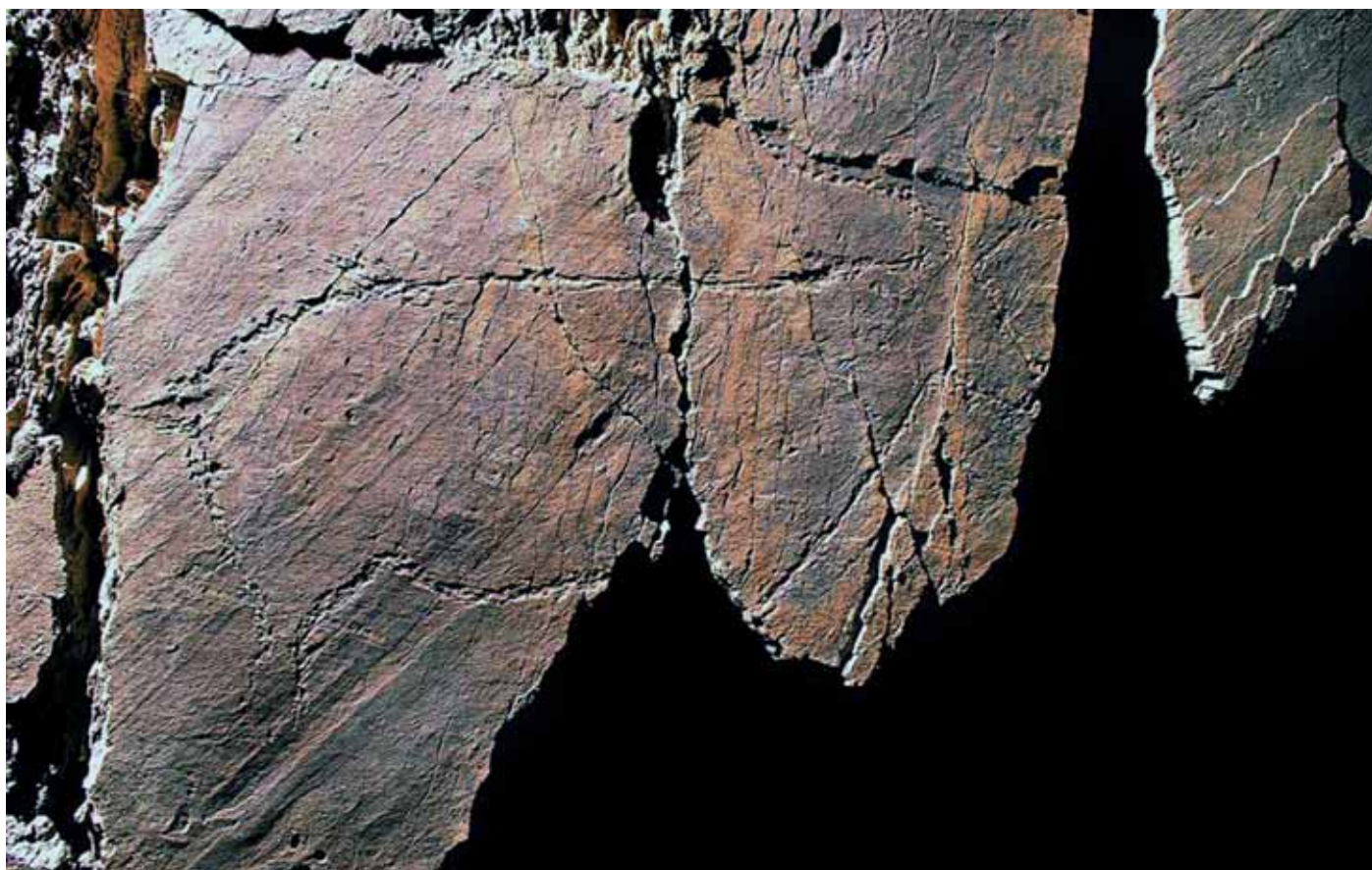
Trabalhos preparatórios de conservação da arte rupestre do Vale do Côa

Sendo a conservação de painéis de arte rupestre que têm como suporte o xisto uma actividade com características algo únicas no mundo, as referências bibliográficas sobre o assunto não abundam e as poucas existentes apenas dão conta das consequências negativas, nomeadamente duma evolução mais rápida de dinâmicas erosivas previamente existentes bem como o surgimento de outras, que intervenções realizadas de uma forma um pouco ‘amadora’ provocaram (ver, por exemplo, DEVLET e DEVLET, 2002, p. 93). Assim, foi julgado como conveniente, após sugestão de

Delgado Rodrigues, geólogo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e consultor do PCPAVC em questões de conservação, encetar uma série de trabalhos preparatórios de conservação.

Refira-se que foram convidadas três empresas portuguesas de conservação de pedra a participar nestes trabalhos de modo a ficarem disponíveis análises variegadas e complementares às temáticas de conservação de afloramentos de xisto no seu ambiente natural. A cada uma destas três empresas foi atribuído um dos três Núcleos de Arte Rupestre abertos ao público, tendo estas posteriormente escolhido quer as rochas de arte rupestre, quer as Rochas-Tipo, sobre as quais incidiriam os seus trabalhos de análise por um lado e experimentação por outro. De referir ainda que nesta primeira fase dum projecto para o estabelecimento de

Fig. 5. Esta figura caprínea assinala de modo exemplar a perda de partes de motivos (bem como sugere a ocorrência da desaparecimento de motivos completos) que a erosão do suporte xistoso pode provocar. Assinale-se, no entanto, que este motivo sobreviverá desde o período Solutrense (cerca de 18.000 anos BP) de acordo com a proposta de atribuição cronológica (pontuada com um ponto de interrogação, é certo) de António Martinho Baptista. De qualquer modo, é de sublinhar, que apesar da intensa pressão a que é sujeito, este motivo perdura ainda de forma quase completa. Esta figura e a anterior sublinham também o estudo caso a caso a que se deve proceder, quer aquando da análise do estado de conservação dos painéis, quer na implementação de intervenções de conservação. (Foto e referência: BAPTISTA, 1999, p 80).



metodologias de intervenção, o PCPAVC deu total liberdade aos participantes de escolherem as abordagens, técnicas e materiais segundo as quais norteariam os seus trabalhos, sem contudo deixar de definir como objectivos a análise das dinâmicas erosivas presentes no afloramento gravado escolhido e a experimentação prévia na Rocha-Tipo respectiva escolhida em função das suas semelhanças, em termos erosivos, com a rocha de arte seleccionada. Os trabalhos de ensaio nas Rochas-Tipo seleccionadas decorreram durante o ano de 2004.

Sistematização das propostas apresentadas

Para uma melhor compreensão das propostas apresentadas nos dois quadros seguintes procuramos sistematizar os estudos realizados e os materiais utilizados pelas empresas convidadas. Primeiramente será talvez útil indicar os dados referentes a cada empresa. Assim, pela Nova Conservação temos como técnicos responsáveis Nuno Proença e Paula Coghi tendo sido seleccionadas no Núcleo de Arte Rupestre da Ribeira de Piscos a Rocha 1 como painel a

analisar e um afloramento situado imediatamente por detrás e a poucos metros da Rocha 1 como Rocha-Tipo (Nova Conservação, 2004). Já no caso da Compósito, Luís Machado foi o técnico responsável pela análise à Rocha 1 do Núcleo de Arte Rupestre da Canada do Inferno e pelos testes efectuados na Rocha-Tipo situada em frente do cais fluvial instalado neste Núcleo (Compósito, 2004). Pela empresa In Situ o técnico responsável foi Fátima de Llera tendo os trabalhos de análise sido realizados na Rocha 5 do Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa. Como Rocha-Tipo da Penascosa foi escolhido um afloramento situado junto ao parque de estacionamento deste Núcleo (In Situ, 2005).

As seguintes tabelas são da exclusiva responsabilidade do autor. Estamos cientes que esta sistematização possa resultar numa apresentação excessivamente simplificada do complexo trabalho de análise e intervenção realizado pelas empresas até porque se corre o risco de cotejar procedimentos e linhas de actuação eventualmente não comparáveis. No entanto, julgamos que em benefício do leitor, esta é a melhor forma de apresentar, sem nos alongarmos em demasia, os trabalhos realizados e que servem de base às reflexões éticas e estéticas adiante expostas, o grande objectivo, aliás, de todo este artigo.

Tabela 1. Estudos efectuados pelas empresas.

Estudos	compósito	nova conservação	in situ
<i>Enquadramento Geral</i>	Sim	Sim	Sim
<i>Caracterização climática</i>	Sucinta	Sucinta	Desenvolvida
<i>Caracterização hidrológica</i>	Não	Sucinta	Desenvolvida
<i>Caracterização geomorfológica, geológica e sísmica</i>	Não	Não	Desenvolvida
<i>Caracterização petrográfica dos afloramentos</i>	Não	Não	Sim
<i>Diagnóstico do estado de conservação das rochas seleccionadas</i>	Sucinta	Sim	Sim
<i>Diagnóstico da envolvimento dos afloramentos escolhidos</i>	Sucinta	Sim	Sim
<i>Mapeamento de dinâmicas erosivas</i>	Sucinta	Sim	Sim
<i>Estudo geotécnico de estabilidade da rocha seleccionada</i>	Não	Não	Análise cinemática e avaliação geomecânica da estabilidade do talude da rocha 5
<i>Proposta de monitorização das superfícies gravadas</i>	Não	Fotografia e AutoCad	Fotografia e AutoCad
<i>Proposta de monitorização topográfica dos taludes e superfícies gravadas</i>	Não	Sugestão sucinta	Desenvolvimento e implementação de um sistema topográfico de monitorização
<i>Análise de inertes disponíveis na região para misturar nas argamassas</i>	Não	Não	Sim
<i>Anexos</i>	Não	Sim	Sim

Tabela 2. Propostas de conservação sugeridas pelas empresas. (As propostas implementadas estão assinaladas com a expressão: Realizada esta experiência na Rocha-Tipo, abreviada para RRT).

Propostas	compósito	nova conservação	in situ
Argamassa Adranal (TET)	Não	Em capeamento alternativo. <u>RRT</u>	Não
Argila expandida armada com Adranal (TET)	Não	Capeamento de preenchimento de diaclase. <u>RRT</u>	Não
Argila expandida solta	Não	Da marca Leca para preencher caixa de diaclase. <u>RRT</u>	Não
Argamassa à base de Cal Hidráulica e inertes calibrados	Em fracturas com grande perda de material. <u>RRT</u>	-	-
Argamassa Ledan C30 (TET)	Acabamento do preenchimento descrito imediatamente acima. <u>RRT</u>	Regularização do preenchimento de caixa de diaclase e tratamento de lacunas. <u>RRT</u>	Preenchimento de fracturas. <u>RRT</u>
Cal Hidráulica natural da Lafarge	Em linhas de fracturas mais finas. <u>RRT</u>	Preenchimento de fracturas. <u>RRT</u>	Preenchimento de fracturas e caixa de diáclase. <u>RRT</u>
Argamassa acima mas pigmentada	Acabamento descrito acima mas em zona com gravuras. <u>RRT</u>	Considerada. Não realizada devido à dificuldade em obter materiais.	Considerada
Argamassas hidráulicas fluidas isentas de sais solúveis	Não	Considerada a micro injeção de consolidação das lesões mais significativas	Não
Membrana elastomérica da Viero	Não	Inertização e criação de planos de drenagem do preenchimento da caixa de diaclase. <u>RRT</u>	Não
Membrana elastomérica poliuretânica	Não	Sikalastic 450 e Sikafloor 400 da Sika nos planos de drenagem do preenchimento da caixa de diaclase. <u>RRT</u>	Não
RBI 81 da Road Building International	Não	Sugestão para a impermeabilização de caixas de diaclase e dos topos das rochas	Não
Limpeza de terras e plantas nas fracturas	Ferramenta manual e água destilada. <u>RRT</u>	Corte e desmatagem com aplicação de herbicida, arbusticida e remoção de cepos. <u>RRT</u>	Ferramenta manual

**LIMITES DE INTERVENÇÃO NA CONSERVAÇÃO
DE SUPERFÍCIES DE ARTE RUPESTRE. O CASO ESPECÍFICO
DOS AFLORAMENTOS GRAVADOS DO VALE DO CÔA**

Propostas	compósito	nova conservação	in situ
<i>Criação de rampas de escoamento óptimo de águas pluviais</i>	Fixação de placas de xisto com recurso a resina acrílica com carga mineral e acabamento com argamassa de C30 pigmentada. <u>RRT</u>	Criação de planos de escoamento de águas pluviais. <u>RRT</u>	Criação de pendentes para desvio de águas pluviais. <u>RRT</u>
<i>Aplicação de espigões de tracção em fragmentos de rocha</i>	Espigões de fibra de vidro fixados por resina epóxida	Não	Não
<i>Coberturas para evitar exposição ao sol</i>	Sugestão de utilização de toldos (rede fina ou madeira)	Não	Não
<i>Escoamento de águas pluviais em torno dos afloramentos e contenção de terras</i>	Criação de estruturas em xisto que funcionarão como barreiras naturais de desvio e escoamento de águas pluviais	Criação de estruturas em xisto que funcionarão como barreiras naturais de desvio e escoamento de águas pluviais e de contenção de terras	Criação de estruturas em xisto que funcionarão como barreiras naturais de desvio e escoamento de águas pluviais e de contenção de terras
<i>Inverter processos de toppling</i>	Recurso a gruas e força manual. <u>RRT</u>	Considerado.	Analizado o desenvolvimento deste processo de degradação e sua relação com a estabilidade do afloramento gravado seleccionado
<i>Recolocação ou minimização de elementos soltos ou em risco de queda</i>	Vide acima	Realizada a recolocação de um fragmento de xisto externo na Rocha-Tipo ancorado por pernos em fibra de vidro de 4 mm, resina epoxídica nos furos e argamassa. <u>RRT</u>	Teste de resina de epoxi líquida Epo 150 da CTS para colagem de peças caídas. <u>RRT</u>
<i>Utilização de consolidantes</i>	Silicato de etilo com adição de RC 90/Rhodia ou Funcosil KSE 300E/ Remmers. <u>RRT</u>	Não	Não
<i>Eliminação de colonização biológica</i>	Remoção mecânica da camada superficial e posterior pincelagem de áreas colonizadas com biocida tipo Preventol R80	Biocida idóneo	Considerada não necessária

ANÁLISE AO TRABALHO REALIZADO PELAS TRÊS EMPRESAS QUE PARTICIPARAM NOS TRABALHOS PRÉVIOS DE CONSERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA

Resumidamente apresentadas que estão as propostas de conservação das empresas envolvidas nestes trabalhos prévios de conservação da arte rupestre do Côa, aduziremos, também de forma concisa, a nossa opinião sobre tais trabalhos. Tal análise irá focar-se no que julgamos ser mais relevante abstraindo-nos de avaliar os materiais de conservação propostos e a sua validade na mitigação das dinâmicas erosivas que afectam o estado de conservação da arte do Côa. Assim, iremos focar a nossa análise nas questões estéticas, éticas e de exequibilidade das propostas apresentadas.

Primeiramente há que considerar a questão da autenticidade e integridade dos afloramentos de arte rupestre. Estes são um 'objecto de arte' —no sentido que contém em si motivos inscritos como de valor artístico universal— que tem vindo a existir há já vários milénios num dado espaço, sujeitos, no entanto, às acções erosivas naturais, apresentando assim um estado de conservação contingente. Intervir, mesmo que actuando com a filosofia de intervenção minimal que norteou a abordagem das empresas contratadas, implicará sempre modificar o estado actual desse objecto de arte, o que nos coloca perante o desafio de conciliar intervenções futuras com questões de autenticidade e integridade. Obviamente que um dos objectivos de todo este projecto era o de analisar formas de conciliar as questões éticas e estéticas com a mitigação das dinâmicas erosivas em acção nos afloramentos de arte rupestre, mormente nos mais degradados.

Em virtude da 'carta branca' dada às empresas participantes, estas apresentaram abordagens próprias e variegadas. De qualquer modo, a Nova Conservação e a Compósito tiveram perspectivas algo semelhantes centrando os seus esforços na proposição e experimentação de materiais e técnicas de conservação. Todos os materiais experimentados terão a sua evolução natural dentro do contexto em que foram inseridos devendo a monitorização dessa evolução nas Rochas-Tipo sujeitas a teste ser o mais alargada possível no tempo, de modo a conhecermos exactamente o que esperar de cada material testado. Já a In Situ, embora também experimentando materiais, centrou mais a sua proposta na compreensão de tudo o que está a montante de uma intervenção de conservação; ou seja, na análise das causas e efeitos das dinâmicas erosivas em acção. Assim, esta empresa efectuou estudos de estabilidade, trabalhos preparatórios de criação dum sistema de monitorização topográfica dos afloramentos e das vertentes onde estes se encontram, bem como uma caracterização desenvolvida de factores sísmicos, geomorfológicos ou climáticos da

região. Uma das conclusões mais interessantes em relação à rocha estudada, a nº 5 da Penascosa (fig. 15), é a da situação, considerando a percolação pouco significativa das diaclases que o regime pluviométrico brando regional implica (ver acima), estável da vertente e, com excepção de uma, de todas as diaclases que esta rocha apresenta. E dizemos interessante porque à partida se considerou (nós próprios e a equipa de trabalho da In Situ), empiricamente, que este afloramento se encontrava instável. Tal conclusão traduz a necessidade de se desenvolverem estudos aprofundados sobre a estabilidade das vertentes e das diaclases, porque, permitirão estabelecer graus de urgência de intervenção.

O resultado destes trabalhos prévios, que globalmente reputamos como muito relevantes, e devido à liberdade de abordagens e execução pretendidas, apresenta-nos alguma diversidade de análises e propostas que, no seu todo, contribui claramente para a definição e implementação duma metodologia correcta de intervenção nos afloramentos de arte rupestre. Apesar disto, uma das pechas que se pode apontar a estes testes é a certa semelhança dos materiais testados nas Rochas-Tipo, nomeadamente a utilização recorrente de argamassas à base de cal hidráulica, o que resulta do campo de actuação tradicional das três empresas seleccionadas. Como estas são empresas de conservação de pedra especializadas em intervenções de conservação de fachadas, ou paramentos de monumentos históricos tal facto determinou uma abordagem algo semelhante nos materiais utilizados nos afloramentos teste. Logo, o espectro de aplicação de materiais não foi, infelizmente, tão alargado como poderia ser.

Outra questão, também referida nos relatórios das empresas, reside na reversibilidade das intervenções. Se bem que estes relatórios façam menção ao facto dos materiais e técnicas utilizados sejam reversíveis, a verdade é que cremos, como a edição coordenada por A. Oddy e S. Carroll (1999) evidencia, que nenhuma intervenção de conservação é 100% reversível. Estes autores sugerem mesmo que a reversibilidade em conservação ou restauração do património é, de um modo geral, um mito apetecível. Mesmo que os materiais utilizados possam ser retirados de uma forma que não deixem nenhuns vestígios, a verdade é que uma intervenção de conservação muda de facto o objecto intervencionado. Tal como não se pode pôr o tempo a andar para trás (ver adiante), a acção de reversão não faz retroceder o objecto ao estado em que ele subsistia antes da primeira intervenção, transformando-o sim numa outra coisa, já somatório das acções de intervenção e de reversão. Logo parece-nos importante, que a partir do momento em que se decidir avançar com uma acção se tenha consciência que de facto se vai alterar ('')para sempre('') o objecto de arte rupestre

e que não existem acções de reversão que possam inverter totalmente esse resultado.

Também a manutenção que será necessário realizar às intervenções realizadas e que terá de ser efectuada com intervalos de tempo relativamente curtos deve ser levada em conta. Assim, não será contraproducente ou mesmo praticável, ter forçosamente, de x em x anos e em intervalos de tempo relativamente curtos, realizar esta indispensável manutenção, quando, idealmente, o horizonte temporal do objectivo de conservação da arte do Côa deverá ser ambiciosamente alargado?

Inter-complementaridade entre arte rupestre e o seu suporte rochoso

O fenómeno de aproveitamento de características específicas dos suportes por parte dos artistas Paleolíticos de modo a conferirem tridimensionalidade ou forma aos motivos inscritos é já bem conhecido e estudado pelos investigadores

de arte rupestre (como a lista de trabalhos que analisam este tema é extensa, sugerimos duas referências que podem servir de base a pesquisa bibliográfica mais especializada: J. CLOTES, 2002 e A. LEROI-GOURHAN, 1992; para uma análise geral a este tema subordinada ao Vale do Côa recomendamos A. M. BAPTISTA, 1999). Assim, zonas convexas ou formas específicas 'zoomorfizáveis' ou 'antropomorfizáveis', que, por capricho da natureza, apenas uma simples linha incisa ou pintada transforma numa representação/abstracção da realidade, são desde há muito utilizadas para esse fim. Por outro lado, parece-nos que também outras características idiossincráticas das rochas são determinantes no fenómeno "Arte Rupestre".

No Vale do Côa o fenómeno de aproveitamento de formas pré-existentes e de intercomplementaridade directa entre motivos representados e características idiossincráticas dos seus suportes xistosos está presente, embora não seja muito frequente. Vejamos alguns exemplos. Na rocha 5 C da Penascosa o traço do membro anterior do caprideo representado apresenta-se incompleto tendo o artista aproveitado uma fractura pré-existente para completar a figura (fig. 6). No mesmo Núcleo da Penascosa temos o

Fig. 6. Motivo de cabra montês da rocha 5 C da Penascosa. A seta assinala a fractura pré-existente que foi aproveitada para dar forma ao membro anterior. (Foto e referência: BAPTISTA, 1999, p 106-7).

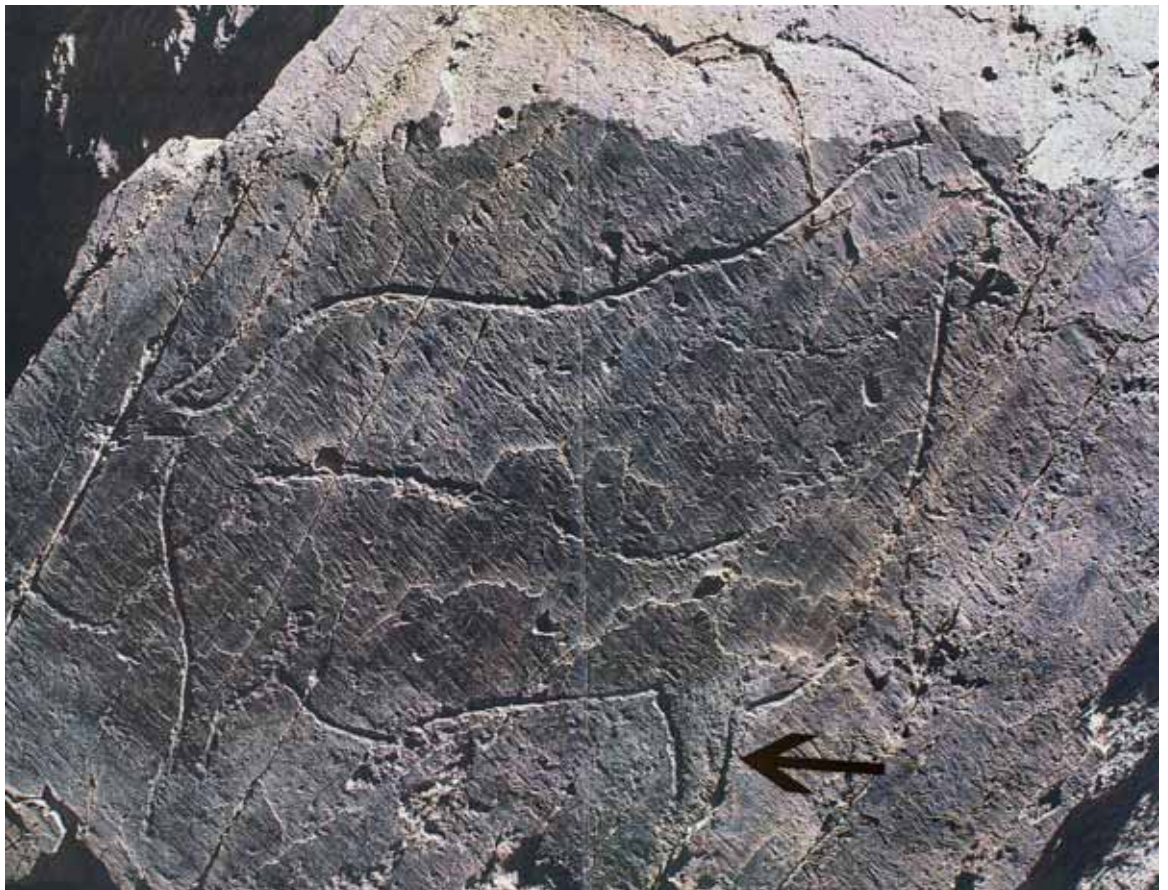
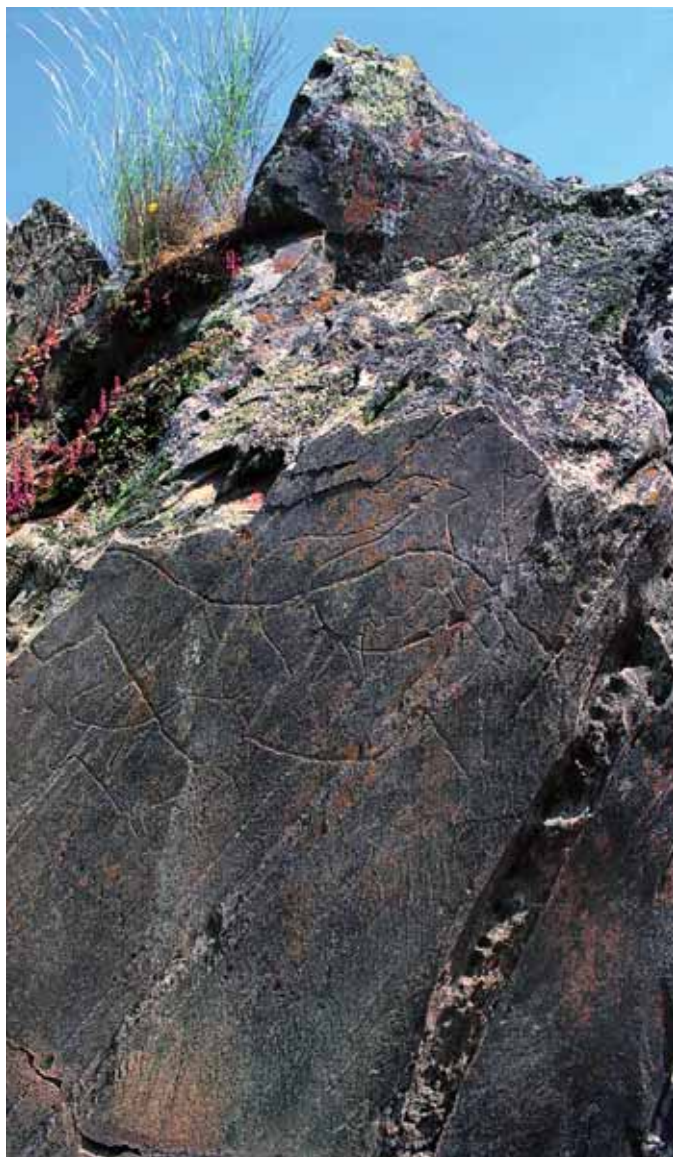


Fig. 7. Rocha 6 da Penascosa. De realçar a concentração de motivos na parte superior do afloramento, bem como o possível aproveitamento da configuração da rocha para sugerir parte da forma da cabeça dos dois equídeos representados. (Foto e referência: BAPTISTA, 1999, p 109).



caso da Rocha 6 em que o contorno da parte superior da cabeça de dois equídeos é talvez sugerido pelo próprio limite do afloramento em causa (fig. 7). Já no caso Rocha 1 de Piscos, para além do aproveitamento de uma zona arredondada do afloramento para “sugerir volumetria ao conjunto cénico” (BAPTISTA, 1999, p. 120), o que salta à vista é o facto de ser a orientação da estratificação do xisto

que define a ‘tela’ sobre a qual o artista trabalhou (fig. 8; ainda como exemplo do aproveitamento de características dos suportes ver, adiante, a fig. 14).

Para além do aproveitamento de formas sugestivas pré-existentes também a própria forma do afloramento ou painel seria fundamental para a escolha das superfícies a insculturar e nestas, de zonas particulares (mais) propícias para acolher motivos gravados, símbolos codificados apenas plenamente significantes dentro do contexto cultural preciso dos tempos Paleolíticos de gravação. A concentração e logo sobreposição de motivos em determinadas zonas dos painéis, deixando vastas zonas igualmente passíveis de serem utilizadas para gravação (pelo menos aos olhos do observador contemporâneo) completamente desprovidas de motivos sugere-o. Existem vários exemplos ilustrativos desta importância idiossincrática dos afloramentos posteriormente gravados, não só pela quantidade de motivos sobrepostos, mas por essa sobreposição se localizar em determinadas zonas dos afloramentos; podemos citar, entre outros, os casos da Rocha 1 da Canada do

Fig. 8. Os célebres cavalos enlaçados da Ribeira de Piscos. É facilmente discernível que são os estratos xistosos que definem a orientação sub-horizontal da composição. (Foto e referência: BAPTISTA, 1999, p 120-1).



Fig. 9. Rocha 1 da Canada do Inferno, o primeiro painel de arte rupestre a ser descoberto no Vale do Côa. Mais um vez os motivos concentram-se na parte superior do afloramento. (BAPTISTA, 1999, p. 53).



Inferno (fig. 9) ou da já referida Rocha 6 da Penascosa (fig. 7) (A. M. BAPTISTA, 1999: 109). Ainda um outro exemplo do ‘determinismo’ que a forma ou qualidades inatas, para olhos Paleolíticos, de certas zonas, das superfícies pétreas ditam em relação à localização dos motivos de arte rupestre no Côa, é dado pelo grande prótomo de auroque gravado e pintado da Rocha 6 da Faia (situado já em ambiente granítico) que é “figurado como que saindo do interior da rocha” (A. M. BAPTISTA, 1999: 154) (fig. 10).

Cremos portanto que as características idiossincráticas dos próprios afloramentos (forma, volume, textura, tonalidade, localização proeminente...) eram decisivas na escolha do objecto de arte a criar, resultante da conjugação do gesto artístico com a ‘ferida’ traçada na rocha, material particularmente ‘eterno’, dentro de uma na escala de

tempo humano. Senão como explicar que existindo no Vale do Côa milhares de ‘bons’ afloramentos passíveis (tecnicamente mas não ‘culturalmente’) de serem gravados, apenas algumas centenas, e apenas só esses, o tenham sido? Pensamos que o mero acaso não explicará cabalmente a grande ocorrência de sobreposições.

Face a esta intercomplementaridade entre suporte e motivos gravados, julgamos que se deve considerar como o “objecto de arte” (e não apenas de arte rupestre) todo o painel e mesmo a totalidade do afloramento contendo motivos rupestres considerado como a soma de todas as suas características intrínsecas investidas dum maior valor estético e simbólico pela gravação de representações artísticas. Se nos parece óbvia a utilização intencional, pelos artistas Paleolíticos, da configuração de certos painéis ou

zonas destes, pensamos ser também de considerar que características mais ou menos tangíveis ou mais dificilmente demonstráveis dos afloramentos (proeminência espacial, e mais uma vez, textura, tonalidades...) poderiam ser, para os artistas Paleolíticos, fundamentais e parte essencial da 'obra de arte'.

Assim, e não só em termos éticos, deve considerar-se como o objecto de arte a ser intervencionado não apenas as zonas gravadas mas a totalidade dos afloramentos. Como adiante iremos sublinhar, tal consideração será fundamental no planeamento e implementação de intervenções de conservação de modo a tentar preservar as qualidades estéticas próprias, algumas talvez etéreas, mas que dão profundidade e corpo às primeiras representações artísticas da Humanidade. Pensamos que devemos tal manifes-

tação de respeito aos nossos antepassados... A partir do momento em que o artista Paleolítico (ou de outra Era) utilizou os afloramentos rochosos, feitos de mineral sólido mas ao mesmo tempo estranhamente 'orgânicos', de xisto do Côa estabeleceu um pacto entre o suporte pétreo e motivo artístico gravado, tornando o todo resultante no *Objecto de Arte* e de arte rupestre que hoje apreciamos e tentamos conservar. Considerar um sem o outro é amputar do seu pleno significado uma arte 'naturalista', evidência eloquente da ligação (e dependência) humana com a (da) paisagem e ambiente natural que nos rodeia, enforma e molda mas que também procuramos marcar, delimitar e afeiçoar. Observação, compreensão e domínio.

Limites na intervenção conservativa na arte rupestre do Vale do Côa

Tendo em conta as qualidades que apelidámos de idiossincráticas –mas que podem também ser classificadas de qualidades estéticas– dos afloramentos e da arte do Côa –em suma do objecto de arte total– julgamos ser relevante colocar uma série de questões que poderão ajudar a definir os limites de intervenção na conservação da arte do Côa e mesmo de outros sítios de arte rupestre de ar livre de características semelhantes. Em primeiro lugar, e tendo em conta que o objecto de arte a intervir tem vindo a existir há já vários milhares de anos num dado meio natural (mas também humanamente apercebido e 'construído'), sujeito a uma evolução geomorfológica bastante lenta, será que temos o direito de modificar este objecto transformando-o ou 'artificializando-o' numa outra coisa? Se por um lado, a evolução geomorfológica da paisagem é a evolução natural mas 'destruidora', ou melhor, transformadora, do meio ambiente e dos afloramentos gravados onde estes se situam, a verdade é que isso implicará, se nada for feito, o implacável desaparecimento físico dos painéis de arte rupestre. No entanto, a chamada "intervenção zero" poderá ser uma filosofia de (não) intervenção válida que, porém, implicaria uma outra linha de acção que poderia passar pelo início da realização maciça de réplicas de todos os painéis de arte rupestre do Côa. Contudo, a preservação *in situ* dos painéis de arte rupestre está no âmago do estabelecimento de todo o programa do PAVC: gestão, *conservação* e usufruto público de toda a paisagem que fornece sentido e, obviamente, abarca toda a arte rupestre existente no Vale do Côa. Falamos pois da preservação, como um todo, do *genius loci*, de um espírito de lugar total. Para a definição do que pode ser esse espírito no Vale do Côa, é crucial

Fig. 10. Protótipo de auroque da rocha 5 da Faia (sector direito). (BAPTISTA, 1999, p. 154).



estabelecer e entender as relações idiossincráticas entre suporte e arte, arte e paisagem.

Como vimos, a afinidade da arte do Côa com as características dos afloramentos gravados é bastante forte. Contudo, como esta afinidade, e também os problemas de conservação específicos, variam de caso para caso, a análise de possíveis intervenções de conservação deve ser também realizada de uma forma individual.

Experiências das empresas

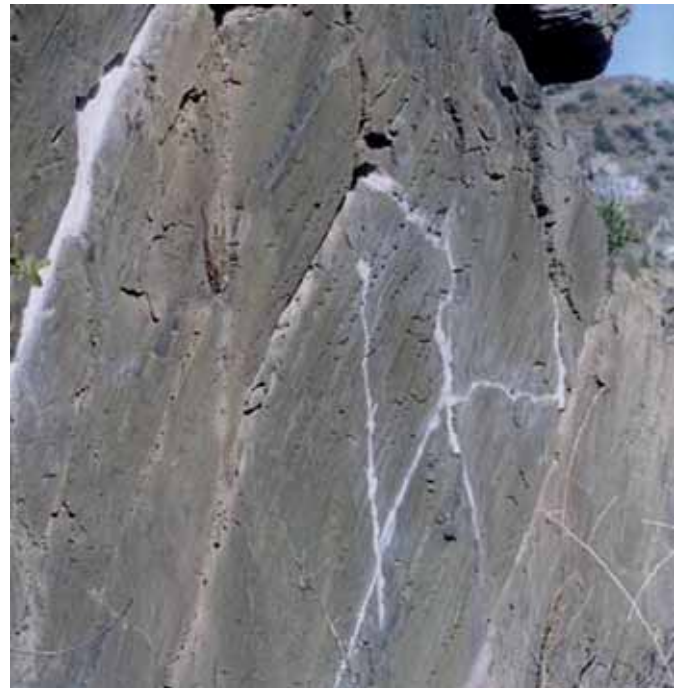
Começamos pelas experiências realizadas pelas empresas de conservação. Estas serão muito úteis (para além, evidentemente, do objectivo primário de testar materiais e técnicas de conservação) na pré-visualização do que poderá ser uma intervenção num afloramento gravado e, como tal, na análise de questões éticas e estéticas que nos propomos realizar. Assim, como uma imagem vale por mil palavras, iremos apresentar algumas Figuras que mostram o aspecto final das três Rochas-Tipo intervencionadas nestes testes piloto de conservação. Assim, a Figura 11 corresponde à Rocha-Tipo intervencionada pela empresa Compósito na Núcleo da Canada do Inferno, a Figura 12 corresponde à Rocha-Tipo intervencionada pela In Situ na Penascosa e finalmente a Figura 13 corresponde à Rocha-Tipo intervencionada pela Nova Conservação na Ribeira de Piscos. Um primeiro olhar destacará o carácter mais ou menos intrusivo das intervenções realizadas¹. De qualquer modo, mesmo considerando que um processo de 'renaturalização' se encarregará de dissimular razoavelmente as intervenções efectuadas, é óbvio que as experiências realizadas transformaram os afloramentos-teste numa outra coisa que não aquela que subsistia (em contínua adaptação ao seu meio-ambiente, é certo) há já milhares de anos.

Uma outra característica bem visível nas intervenções realizadas, é a opção de não de mimetizar, com os materiais utilizados, as características idiossincráticas dos painéis de arte rupestre. Este facto está, aliás, em contradição com a nossa convicção acerca deste assunto (ver abaixo). A opção tomada pelas empresas explica-se em parte por estas intervenções constituírem-se precisamente como testes; aquando

duma hipotética intervenção futura será possível mimetizar tons e texturas. Por outro lado, a opção resulta também duma escolha consciente em assinalar marcadamente as experiências e consequentemente as intervenções realizadas modificadoras duma dada realidade.

Uma das experiências, realizadas por apenas uma das empresas (apesar de as outras terem considerado propostas algo semelhantes, no entanto não efectivadas) merece-nos também um comentário. A Compósito procedeu a uma experiência que apelidou de "Pôr o tempo andar para trás". Tal experiência consistiu no recuo de elementos da

Fig. 11. Pormenor da intervenção da Compósito na Rocha-Tipo seleccionada na Canada do Inferno. Observa-se o preenchimento de várias fracturas com argamassas de diferente composição. (Foto e referência: MACHADO, 2004, p. 20).



¹ Refira-se no entanto que no caso da rocha intervencionada pela Nova Conservação esperava-se que, estando este afloramento localizado em leito de cheia, o topo tratado da rocha fosse coberto por sedimentos que posteriormente promoveriam a 'renaturalização' da zona com a fixação de plantas na camada de solo que se formaria (e que com o tempo se formará mais lentamente por acção coluvional se cheias não ocorrerem) no topo da rocha intervencionada. Embora, se apresente com um carácter mais discreto, a intervenção da In Situ na Penascosa, por também a rocha intervencionada se situar em leito de cheia, também levava em conta a ocorrência de cheias e os depósitos coluvionais. A Rocha-Tipo da Canada do Inferno não se situa em leito de cheia e como tal apenas se levaram em conta os depósitos de coluvião.

Fig. 12. Rocha-Tipo da Penascosa após ter sido intervencionada pela In Situ com indicação de zonas de aplicação de duas argamassas distintas. (Foto e referência: In Situ, 2005, p. 84).



Rocha-Tipo, que no seu topo é impelidos pelo fenómeno de toppling acima descrito, se encontravam avançados em relação ao resto do afloramento cerca de 30 cms. Se todas as intervenções realizadas nas Rochas-Tipo modificaram o putativo objecto de arte rupestre, como que ‘cristalizando’ no tempo (humano) o estado actual do afloramento, esta proposta testada vai mais longe ao ‘pretender’ reverter a aparência e estado de conservação do afloramento testado para um tempo já passado. Este é um exercício que reputamos como de muito interessante, se bem que eventualmente polémico, já que, se por um lado, do ponto de vista estritamente conservativo, esta recolocação da peça em toppling contribui decisivamente para a estabilização do afloramento e encosta envolvente, ao considerarmos já questões éticas e mesmo estéticas o caso poderá afigurar-se como menos consensual. Assim, será legítimo recuar as peças em toppling para uma situação anterior intuível, presumivelmente mais estável mas não demonstrável? Seria portanto preferível tentar ‘consolidar’ a peça na posição

avanzada em que se encontra hoje, logo contribuindo também assim para uma maior estabilização do afloramento? Como é evidente que não é possível “Pôr o tempo a andar para trás” (nem essa era a intenção da Compósito, tendo a frase sido apenas utilizada para colocar a questão de forma imediata [L. Machado, comunicação pessoal]), pensamos que correremos o risco de criar um objecto que nunca existiu (ou melhor, que não sabemos com que precisa configuração existiu), fruto da nosso desígnio e acção conservadora.

Para além desta experiência gostaríamos ainda de chamar a atenção para a fixação de um bloco de xisto de pequenas dimensões ao afloramento denominado por Rocha-Tipo da Ribeira de Piscos. Esta fixação, realizada pela Nova Conservação, pretendia testar a resistência do material de colagem para eventual ‘recolagem’ futura de blocos que se percam de painéis de arte rupestre. Até agora, decorridos que foram já dois anos desde a realização desta experiên-

cia, o bloco –que originalmente não fazia parte da Rocha-Tipo– continua firmemente agregado ao afloramento teste, o que parece indiciar boa resistência do aglutinante utilizado. No entanto, o recurso à ‘recolagem’ de elementos fracturados deve ser vista com algumas reservas e só após uma análise detalhada caso a caso se deverá decidir da sua aplicabilidade. Tais reservas prendem-se com o facto de algumas intervenções bem intencionadas mas mal preparadas terem motivado impactes inesperados nos painéis sujeitos a ‘recolagem’, provocando aceleração de dinâmicas erosivas e levando mesmo à perda de painéis de arte rupestre (ver, por exemplo, O. WALDERHAUG, E. M. WALDERHAUG, 1998; P. FINN, N. HALL, 1996). Refira-se ainda que a In Situ testou também materiais de colagem, sem no entanto ‘recolar’ qualquer fragmento xistoso, apenas preenchendo duas pequenas caixas de diacalse com materiais aglutinantes.

Casos específicos de afloramientos gravados

Alarguemos agora a nossa análise a casos específicos de conservação de afloramentos gravados tentando antecipar os impactes que podem resultar duma hipotética intervenção de conservação nos moldes sugeridos pelas empresas. Começamos pelo caso da Rocha 5A da Penascosa, mais especificamente pela chamada “gravura do peixe”. Este motivo ictiomorfo de cronologia Paleolítica (aliás, uma representação bastante rara no bestiário do Côa) (A. M. BAPTISTA, 1999: 104) foi inscrito numa zona do afloramento que por ter uma forma convexa conferiu tridimensionalidade duma forma subtil mas marcada ao animal. Como se pode observar na Figura 14 trata-se de um motivo incompleto, quer pela fracturação do suporte

Fig. 13. Rocha-Tipo da Ribeira de Piscos após a intervenção da Nova Conservação. Observam-se fracturas e lacunas da superfície da rocha preenchidas com argamassas distintas bem como o revestimento final de topo que era suposto ser ‘renaturalizado’ com a ajuda das cheias inverniais. (COGHI e PROENÇA, 2005).



Fig. 14. Zona da rocha 5 A da Penascosa onde figura uma representação ictioforme. Note-se a referida lacunação que já motivou a perda de parte do motivo gravado. (Foto e referência: BAPTISTA, 1999, p 104).

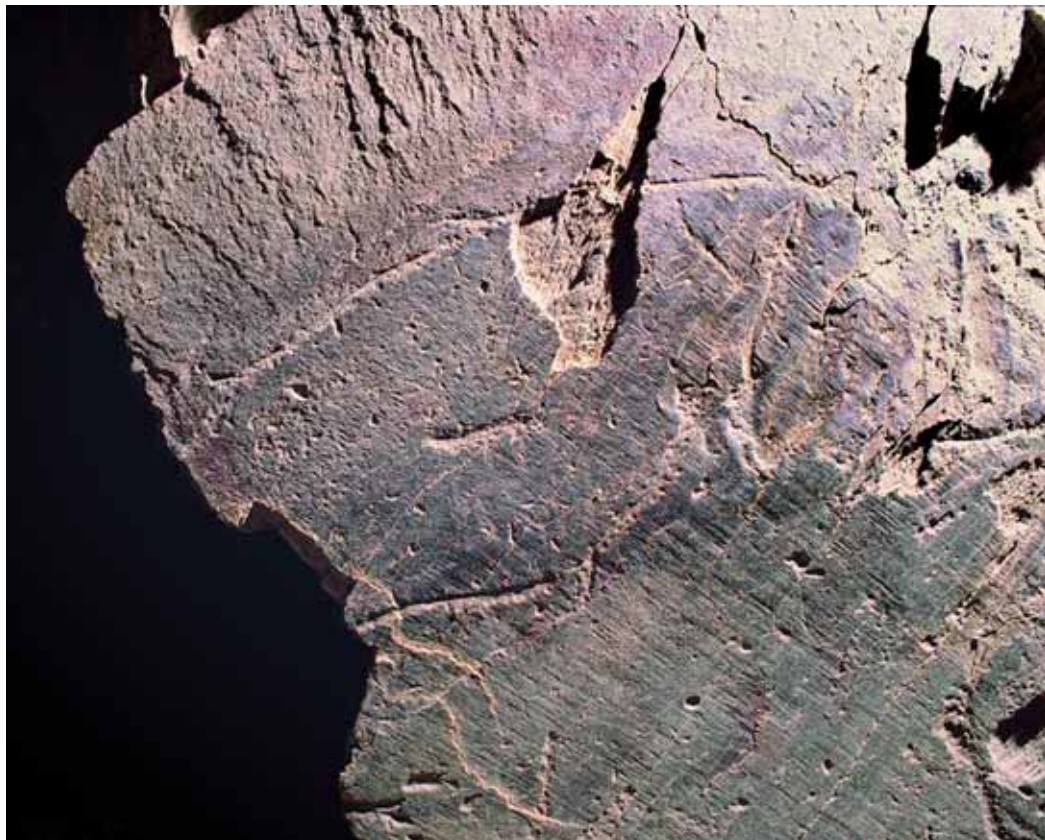


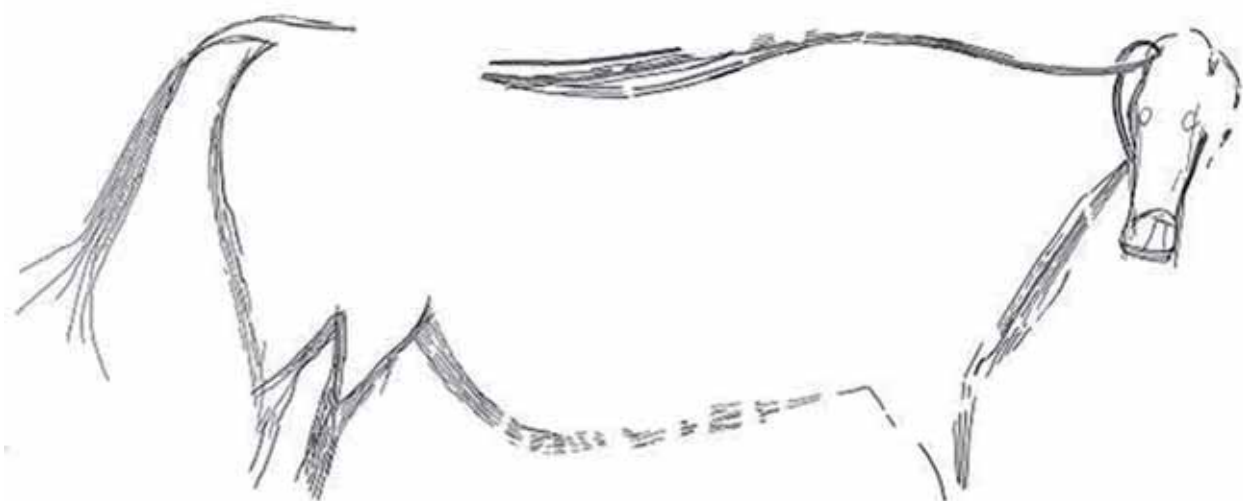
Fig. 15. Rocha 5 A da Penascosa, severamente castigada por várias formas de meteorização, nomeadamente pela existência de fracturas e lacunas.

xistoso que albergava a representação da zona terminal do animal mas também pela lacuna existente, à superfície, próxima da sua cabeça. A existência de lacunas superficiais é um dos problemas de erosão mais sérios que podem ocorrer a um nível micro-local num painel de arte rupestre (J. D. RODRIGUES, 1999: 15). Aliás, todo o painel 5 A da Penascosa enferma desta dinâmica erosiva, sendo visível a perda de parte de vários motivos de arte rupestre devido à acção desta dinâmica e de outras dinâmicas (fig. 15). Esta 'ferida aberta' implicará o arranque progressivo da camada superficial praticamente sub-centimétrica onde o ictiomorfo está localizado. A percolação de águas pluviais e fluviais (este painel está situado em leito de cheia), além de criar novas, alargará as micro-fissuras já existentes no interface entre a camada que suporta o motivo gravado e a zona mais profunda da lacuna, provocando o progressivo desgaste da superfície e, por fim, o total desaparecimento deste motivo. Poder-se-á dizer que a superfície do painel será progressivamente 'descascada'. É pois prioritária uma intervenção que proceda ao preenchimento e selagem da lacuna e das micro-fissuras adjacentes em acção. Este seria, sem mais considerações, estéticas ou éticas, o programa para uma intervenção de conservação que vise solucionar ou atenuar a acção erosiva deste mecanismo de meteorização. No entanto, tendo já em conta, por um lado, as questões estéticas e éticas, e por outro, que do ponto de vista conservativo a solução acima enunciada seria a mais adequada, será legítimo preencher completamente esta lacuna? E se sim, optar-se-ia pelo preenchimento completo

da lacuna de modo a uniformizar toda a superfície do painel? E nesse caso, tentar-se-ia completar o motivo de arte rupestre? Parece-nos que não. A intervenção mais sensata seria talvez selar pontualmente, no interface entre camada superficial gravada e zona mais profunda, as micro-fissuras existentes de modo a evitar percolações. Por outro lado, e em ambos os casos, deveria optar-se por um material de selagem que mimetize o melhor possível a superfície existente, ou, pelo contrário, deve-se tentar marcar vincadamente a intervenção realizada, de modo a que se perceba que tal intervenção foi realizada e que este objecto de arte já não é o mesmo mas sim um outro?

Com respeito a este dilema, existem duas escolas de pensamento no campo da conservação de objectos e estruturas arqueológicas (ver, por exemplo, PYE, E., 2001: 145) cujas posições antagónicas se encontram já enunciadas na questão anterior. Sem pretender acrescentar muito a este debate, e de um modo geral, vemos vantagens em assinalar marcadamente, na intervenção restauradora e conservativa de objectos e estruturas arqueológicas ou outras, aquilo que é feito de novo, que é acrescentado a um dado objecto que sobrevive, até ser sujeito a uma intervenção, com uma determinada forma e patine, produto da passagem do tempo. Porém, a arte rupestre (do Côa) não é nem uma estrutura arqueológica construída nem um objecto arqueológico *lato sensu* e como tal a abordagem a esta questão deve ser também singular. Pensamos, que no caso da arte rupestre se deve optar por uma intervenção o mais discreta e menos perceptível possível.

Fig. 16. Extraordinária representação de auroque presente na rocha 24 da Ribeira de Piscos. Se dúvidas houvessem da necessidade de preservar e conservar a arte rupestre do Vale do Côa, elas seriam desfeitas pela simples eloquência desta figura de valor artístico e estético universal. (Desenho CNART, referência: BAPTISTA, 2003, p. 15).



Tomemos agora como exemplo a rocha 24 de Piscos. Este afloramento, pela qualidade e raridade dos motivos que apresenta (várias representações antropomórficas, entre outras, e especialmente de auroques figurados de perfil mas de cabeça em perspectiva frontal [fig. 16]) constitui-se como uma das rochas mais importantes do Núcleo da Ribeira de Piscos. Como se pode observar na Figura 17, o afloramento suporte destes motivos apresenta-se num estado de conservação delicado. Todo o maciço é atravessado por fracturas de diferente orientação que contribuem para uma grande instabilidade do afloramento, sendo mesmo possível observar várias peças já destacadas e assentes apenas no seu próprio peso. Uma intervenção de conservação nesta rocha afigura-se-nos como prioritária. No entanto, pela extensão e complexidade dos problemas

de conservação existentes, esta será sempre uma intervenção de carácter bastante intrusivo, pois será necessário, de acordo com a generalidade das propostas apresentadas pelas empresas que participaram nos testes de conservação, selar todas as fracturas existentes para evitar a erosão provocada pela percolação de origem pluvial ou fluvial (esta rocha está situada em leito de cheia do Côa). Tal implicará uma mudança quase que radical da aparência e forma deste afloramento. Mesmo recorrendo a uma filosofia que procure dissimular a intervenção tentando mimetizar textura e tonalidades próprias da rocha, a verdade é que estaremos a modificar totalmente todo o objecto de arte, tal como o entendemos. Se no caso da rocha anterior esta era uma situação localizada e restrita a alguns motivos, a rocha 24 exemplifica de forma eloquente as questões

Fig. 17. Zona superior da rocha 24 da Ribeira de Piscos sendo perfeitamente visível o delicado estado de conservação deste afloramento.



estéticas e éticas de difícil resposta, mas transversais a grande parte das hipotéticas intervenções futuras de conservação dos afloramentos gravados do Côa.

Conclusão

As experiências realizadas demonstram, juntamente com as considerações sobre as características idiossincráticas dos afloramentos gravados, a inevitabilidade de proceder a uma análise caso a caso aquando da implementação de acções de conservação, ditada pelos problemas de conservação específicos cuja evolução se tentará mitigar e, consequentemente, pelas soluções particulares propostas em cada situação numa mesma superfície ou em afloramentos diferentes.

O primeiro factor que devemos considerar é o da inevitabilidade de realização de trabalhos de conservação. Sendo as intervenções de conservação no objecto de arte rupestre potencialmente intrusivas ou nocivas para a manutenção da sua autenticidade e (algo paradoxalmente) integridade como objecto de arte, e tendo ainda em conta o seu carácter não reversível, a decisão de intervir (ou não) não é fácil de tomar. Contudo estas questões não serão *per se* impeditivas da implementação de intervenções de conservação. O PAVC encontra-se, é certo, numa posição difícil: seguindo uma filosofia de zero intervenção, painéis ir-se-ão perder resultando assim no empobrecimento do património de arte rupestre do Vale do Côa. Por outro lado, as intervenções de conservação poderão ter, em maior ou menor grau, as consequências negativas que temos vindo a enunciar. Tem sido complexo definir precisamente critérios que não empíricos para a medição do grau de urgência de intervenção em cada painel ou estabelecer um programa sistemático de monitorização da evolução da estabilidade dos afloramentos gravados do Côa, bem como das encostas onde estes se situam. Assim, pensamos ser ainda cedo para avançar com intervenções de conservação em afloramentos gravados e, idealmente, mais testes e estudos deviam ser realizados. Se bem que alguns afloramentos se apresentem, a uma observação empírica, já bastante erodidos e em situação instável (o que no entanto poderá ser desmentido pela análise científica dos variegados factores em acção, como o relatório da In Situ demonstra [In Situ, 2005: 47-72]), a maioria dos afloramentos encontra-se numa condição que podemos apelidar de estável subsistindo, aliás, há

já vários milhares de anos. F. M. Phillips, *et al*; (1997) demonstraram que algumas superfícies posteriormente insculturadas tinham já sido expostas há cerca de 136 000 anos BP. Como tal, pensamos que temos o tempo necessário disponível para tentar responder de forma o mais cabal possível a toda a série de questões que aqui colocámos, sejam elas de ordem estética, ética, técnica ou geotécnica.

Referimos acima que toda a intervenção conservativa tem um carácter artificializante ou descaracterizadora do objecto de arte a conservar, nomeada e mais vincadamente do objecto de arte rupestre. Consequentemente, colocou-se a questão da legitimidade de intervenção nestes objectos. Contudo, talvez esta seja uma falsa questão. Se por um lado o *Sapiens Sapiens* não é (por enquanto!) um ser artificial, também, neste sentido, todas as suas acções não serão ‘anti-naturais’². Por outro lado, há que considerar a natureza adaptativa dos afloramentos, que não são monólitos ‘imutáveis’. Aliás, a erosão dos afloramentos, com todas as fracturas, diaclases e outras dinâmicas de degradação resultantes, pode ser entendida como uma adaptação (votada ao fracasso numa escala de tempo geológica, é certo) à pressão que sobre eles é exercida pelas encostas e seus coluviões, e por outros factores de desmonte mecânico. O que é certo é que se o gesto artístico Paleolítico selou um pacto entre motivo de arte rupestre e o seu suporte, este não é um pacto que tivesse resultado na cristalização no tempo e imutabilidade desse conjunto significativo, o objecto de arte. Assim, será que a questão sobre a legitimidade humana para modificar os afloramentos estará respondida? Como em tudo o bom senso deverá imperar. Talvez tenhamos apresentado a defesa da manutenção da autenticidade e integridade numa forma demasiado radical, mesmo fundamentalista. Pensamos, todavia, que estas questões devem ser colocadas, e desta forma, para que se possa realizar uma reflexão abrangente que possa ajudar a estabelecer critérios futuros de intervenção. A decisão de intervir nos afloramentos gravados terá de ser tomada da forma o mais informada, consciente e fundamentada possível, quer do ponto de vista técnico como ético, pois terá necessariamente de assumir inteiramente as intervenções a efectivar bem como as suas consequências previsíveis levando ainda em conta uma certa imprevisibilidade inerente a trabalhos deste tipo. É preciso também não esquecer a palavra importante que os organismos da UNESCO terão acerca desta questão pois o estatuto de Património Mundial da arte do Côa assim o dita.

² Paradoxalmente, sob o ponto de vista da evolução natural das encostas, é uma verdade um pouco lapalissiana, sem dúvida, reconhecer que a intervenção conservativa nos afloramentos é ela própria ‘anti-natural’ na sua tentativa de ‘parar’ ou retardar o inabalável desejo de auto-estabilização das vertentes.

Agradecimientos

Gostaríamos de agradecer a António Martinho Baptista e a Rodrigo de Balbín Behrmann pelo convite que nos dirigiram para participar no Curso de Arte Rupestre ao Ar Livre. Gostaríamos ainda de agradecer a toda a equipa do CNART pela estimulante troca de ideias que nos ajudou a amadurecer ideias sobre a intercomplementaridade entre

arte rupestre e seu suporte, e muito particularmente a Dalila Correia pela sugestão do caso exposto na Figura 6. Pela sua dedicação a este projecto, cumprimentando-as pelos bons resultados obtidos, também às equipas das empresas de conservação que participaram nestes trabalhos estamos gratos, reconhecendo ainda as sugestões e críticas construtivas a versões preliminares deste artigo que muito contribuíram para o seu polimento final.

Bibliografía general

- ABELANET, J. 1985. Le premier site d'art rupestre paléolithique à l'air libre: le rocher gravé de Campôme. *Conflent* 133. pp. 2-7.
- 1990. *Les roches gravées nord catalanes*. Centre d'Etudes Préhistoriques Catalanes, Perpignan, 5, Revista Terra Nostra, 1989, Prades, 209 pp.
- ABREU, M. S. de, ARCÀ, A., JAFFE, L., FOSSATTI, A. 2000. As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa Douro – Parque Arqueológico do Vale do Côa: Notícia preliminar. In JORGE, V. O., ed. – *Proto-história da Península Ibérica Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: ADECAP, pp. 403-406.
- ACOSTA, P. 1968. *La pintura rupestre esquemática en España*, Salamanca.
- 1986. Arte rupestre postpaleolítico hispano, en *Historia de España*. 1. *Prehistoria*, Ed. Gredos, pp. 265-299, Madrid.
- ADAN, G., GARCÍA, M. A., JORDA PARDO, J. F., SÁNCHEZ, B. 1989. Jarama II, nouveau gisement Magdalénien avec art mobilier de la “Meseta Castellana” (Guadalajara, Espagne). *Préhistoire Ariégeoise*, t. XLIV. pp. 97-120.
- AFONSO, B. 1993. Ritos de delimitação e sacralização do espaço no Nordeste Transmontano, *Brigantís*, vol. XIII (3-4), Bragança, pp. 89-105.
- AIRVAUX, J. 2001. *L'art préhistorique du Poitou-Charentes*. La Maison des roches, 223 pp.
- ALARCÃO, J. DE. 1998 a. Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 89-119.
- 1998b. On the *Civitates* Mentioned in the Inscription on the Bridge at Alcântara. *Journal of Iberian Archaeology*. Lisboa. 0, pp. 143-157.
- 2001. Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, pp. 293-349.
- 2005. Povoações romanas na Beira Transmontana e Alto Douro. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 9-29.
- ALCALDE DEL RÍO, H., BREUIL, H., SIERRA, L. 1911. *Les cavernes de la région cantabrique*. Mónaco.
- ALCOLEA, J. J. 1990. *El Arte Paleolítico en la Meseta*. Memoria de Licenciatura inédita. Universidad de Alcalá de Henares.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE. 2003a. Témoins du froid. La faune dans l'art rupestre paléolithique de l'intérieur péninsulaire. *Rev. L'Anthropologie* 107 pp. 471-500.
- 2003b. El Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. Elementos para el estudio de su variabilidad regional. En: R. DE BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp 223-253.
- 2006 a. *Arte Paleolítico al aire libre*. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca. *Arqueología de Castilla y León* n° 16. Junta de Castilla y León 2006, 390 p., 203 figs., 126 láms.
- 2006b. Siega Verde y el Arte Paleolítico al aire libre del interior peninsular. En: *Delibes de Castro, G., y Díez Martín, F.* eds: *El Paleolítico Superior en la Meseta Española*, *Studia Archaeologica* n° 94, Valladolid, pp. 41-74.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. de, GARCÍA VALERO M. A., CRUZ, L. A. 1995. La cueva del Turismo (Tamajón, Guadalajara): Un nuevo yacimiento rupestre paleolítico en la Meseta Castellana. En: *Arqueología en Guadalajara. Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 125-136.
- ALCOLEA, J. J., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO M. A., JIMÉNEZ, P. J. 1997a. Nouvelles decouvertes d'Art Pariétal Paléolithique á la Meseta: La grotte del Reno (Valdesotos, Guadalajara). *Rev. L'Anthropologie*. Tome 101, Paris. 1997, pp. 144-163.
- 1997b. Nuevos descubrimientos de arte rupestre paleolítico en el centro de la Península Ibérica: La cueva del Reno (Valdesotos, Guadalajara). En R. de BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ: *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico*. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora, pp. 239-257.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- ALCOLEA, A., BALBÍN, R. DE, GARCÍA VALERO, M. A., JIMÉNEZ, P., ALDECOA, A., CASADO, A., ANDRÉS, B. 1997. Avance al estudio del poblamiento paleolítico del Alto valle del Sorbe (Muriel, Guadalajara). *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I. Paleolítico y Epipaleolítico. Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora, 1997*, pp. 201-218.
- ALCOLEA, J., BALBÍN, R. de, JIMÉNEZ, P., GARCÍA, M. A., FOYO, A. 2000. La cueva de El Reno (Valdesotos, Guadalajara). Una visión de conjunto de su arte parietal paleolítico. *3º Congreso de Arqueología Peninsular. Actas. Vol. 2. Porto 2.000*, pp. 525-540.
- ALCOLEA, J. J., GARCÍA VALERO, M. A., ALCAINA, A. 1995. El poblamiento prehistórico antiguo en el sector suroriental del Sistema Central: Investigaciones en el valle alto del Sorbe, Guadalajara. *Rev. Raña, nº 19*, pp. 37-40.
- ALDECOA, A. 2005. *Memoria de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en el tramo final del río Ibor y en el área del Alto Tajo a su paso por los términos municipales de Berrocalejo, El Gordo, Peraleda de San Román y Valdelacasa del Tajo*. Inédita.
- ALMAGRO BASCH, M. 1973. Las pinturas y grabados rupestres de la cueva de Chufín. Riclones (Santander). *Trabajos de Prehistoria* 30, pp. 9-67.
- 1958. *Origen y formación del pueblo hispano*. Editorial Bergara.
- ALMEIDA, C. A. B. de. 1986. A paróquia e o seu território, *Cadernos do Noroeste*. Braga, pp. 113-130.
- 1995. Aspectos da Idade do Ferro e da Romanização da Bacia Inferior do Rio Côa. *Boletim da Universidade do Porto*. 25:Junho, p. 26-27.
- ALMEIDA, C. A. F. e MOURINHO, M. M. 1981. Pinturas esquemáticas de Penas Róias, terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, 3, Porto, pp. 43-48.
- ALMEIDA F., ANGEL LUCCI D., GAMEIRO C., COREIA J., PEREIRA T. 2004. Novos dados para o Paleolítico Superior final da Estremadura Portuguesa: Resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 1997-2003 no Lapa dos Coelho (Casias Martanes, Torres Novas). *Promontoria, Ano 2, n.º 2*, pp. 157-192.
- ALMEIDA, F., MAURICIO, J., SOUTO, P., VALENTE, M. J. 1999. Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez da Baixo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2-1, pp. 25-38.
- ALONSO, A. y GRIMAL, A. 1999. El arte levantino: una manifestación pictórica del epipaleolítico peninsular. *Cronología del Arte Rupestre Levantino. Serie Arqueológica nº 17*. Real Academia de Cultura Valenciana, pp. 43-76.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. 2003. *Los señores del ganado: Arqueología de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia*. Madrid: Ediciones Akal AKAL Arqueología 2.
- 2004. Etnias y fronteras: Bases arqueológica para el estudio de los pueblos prerromanos en el occidente de Iberia. In LOPES, M. C. VILAÇA, R., ed. – *O Passado em cena: Narrativas e fragmentos*. Coimbra Porto: CEAUCP, pp. 299-327.
- ALVES, F. M. 1938. *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança. Tomo X – Arqueologia, Etnografia e Arte*, Porto.
- ALVES, L. B. 2001. Rock art and enchanted moors: the significance of rock carvings in the folklore of north-west Iberia, in R. J. WALLIS and K. LYMER (eds.), *A Permeability of Boundaries? New Approaches to the Archaeology of Art, Religion and Folklore*, BAR International Series S936, Oxford, pp. 71-78.
- 2002. The architecture of the natural world: rock art in western Iberia, in C. SCARRE (ed.), *Monuments and Landscapes in Atlantic Europe. Perception and Society during the Neolithic and Early Bronze Age*, chapter 4, London and New York: Routledge, pp. 51-69.
- 2003. *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. (Tese de Doutoramento apresentada ao Dep. de Arqueologia da Universidade de Reading, Reino Unido) 2 vols. Policopiada.
- 2006. *IC-1 – Viana do Castelo/Caminha, Ligação a Caminha, Relatório técnico-científico da prospeção arqueológica entre Pks 1+800 e 2+300*. AMB&Veritas, Lda. Relatório dos trabalhos arqueológicos (IPA).
- ALTUNA, J. 1997. *L'art des cavernes en Pays Basque*. Seuil, 200. pp.
- ANATI, E. 1968. El arte rupestre galaico-português, *Simpósio Internacional de Arte Rupestre - Barcelona 1966*, Diputación provincial de Barcelona, Instituto de Prehistoria y Arqueología, Barcelona, pp. 195-256.
- ANDRADE, J. S. 1940. Vila Nova de Fozcoa. In CORDEIRO, J. Alcino (ed.), *Anuário da Região Duriense*, 1940, Imprensa do Douro, Régua, pp. 498-505.
- ANONYME. 2004. Renonciation par Guillaume Utalgar, vicomte de Castelnou, aux droits qu'il perçoit à

- Pezilla-la Rivière, au bénéfice de l'abbaye de Lagrasse (18 décembre 1003). *Perspectives. Les archives de l'Aude*, 19, p. 6.
- APELLANIZ CASTROVIEJO, J. M. 1982. *El arte prehistórico del País Vasco y sus vecinos*. Ed. Desclée de Brouwer, Bilbao, 227 pp.
- ARANDA, I. 2006. Cerámica ibérica [Em linha]. In *Contestania Ibérica: Guía arqueológica de los iberos contestanos*. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://contestania.com/Ceramica%20iberica.htm>>.
- ARAUJO, A. C. 2003. O Mesolítico inicial da Estremadura. En GONÇALVES, V. Ed: *Muita gente, poucas antas*. Trabalhos de Arqueologia, Lisboa: 101-113.
- ARGOTE, P. J. C. de 1734. *Memórias para a História Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, tomo I, Lisboa Occidental.
- 1738. *De Antiquitatibus Conventus Bracaugustani*, Typis Silvanis, Ulyssipone Occidentali.
- ARIAS CABAL, P., CERRILLO CUENCA, E., GÓMEZ PELLÓN, E., e. p. A view from the edges: the Mesolithic settlement of the interior areas of the Iberian Peninsula reconsidered, MESO2005. Belfast.
- ARIAS CABAL, P., GONZÁLEZ SAINZ, C., MOURE ROMANILLO, A., ONTAÑÓN PEREDO, R., PEREDA SAINZ, E., SAURA, P. 1999. *La Garma. Un descenso al pasado*. Gobierno de Cantabria. Universidad de Cantabria.
- ARNAUD, J. M. 1982. Le néolithique ancien et le processus de néolithisation au Portugal. Le Néolithique ancien méditerranéen. *Archéologie en Languedoc*, n° spécial, pp. 29-48.
- AUBRY, T. 1998. Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 1, n° 1, pp. 5-26.
- 2001. L'occupation de la basse vallée du Côa pendant le Paléolithique supérieur. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 253-273.
- 2002. Le contexte archéologique de l'art. Paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel-Campôme*. pp. 139-157. pp. 25-38.
- AUBRY T., BAPTISTA, A. M. 2000. Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série n° 4, novembre 2000: 54-55.
- AUBRY, T. e CARVALHO, A. F. DE. 1998. O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P. A. V. C. (1995-1997), *Côavisão*, N.º 0, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 23-34.
- AUBRY, T., CARVALHO, A. F., ZILHÃO, J. 1997. Arqueologia. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 77-209.
- AUBRY T., CHAUVIERE F. X., MANGADO LLACH X., SAMPAIO J. D. 2003. Constitution, territoires d'approvisionnement et fonction des sites du Paléolithique supérieur de la basse vallée du Côa. In: BAR S1122 2003: Perceived Landscapes and Built Environments *The cultural geography of Late Paleolithic Eurasia. Acts of the XIVth UISPP Congress, University of Liège, Belgium, 2-8 September 2001. Colloques / Symposia 6. 2 & 6. 5* edited by S. A. Vasil'ev, O. Soffer and J. Kozłowski, pp.
- AUBRY T., GARCÍA Díez M. 2001. Actualité sur la chronologie et l'interprétation de l'art de la vallée du Côa (Portugal). *Les Nouvelles de l'Archéologie*, n° 82: 52-57.
- AUBRY T., MANGADO-LLACH X. 2003 a. Interprétation de l'approvisionnement en matières premières siliceuses sur les sites du Paléolithique supérieur de la vallée du Côa (Portugal). In : *Actes de la table ronde d'Aurillac, "Les matières premières lithiques en Pré-histoire"*, 20-23/06/2002. Préhistoire du Sud-Ouest, Supplément n° 5, pp. 27-40.
- 2003b. Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas nos sítios do Paleolítico superior do Vale do Côa: dos dados à interpretação. In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de Arqueologia* 29, pp. 340-342.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., FULLOLA, J. M., ROSSEL L., SAMPAIO J. D. 2004. The raw material procurement at the Upper Palaeolithic settlements of the Côa Valley (Portugal); new data concerning modes of resource exploitation in Iberia. *The Use of Living Space in Prehistory, papers from a session at the E. A. A. 6th Annual*.
- AUBRY T., MANGADO LLACH X., SELLAMI F., SAMPAIO J. D. 2002. Open-air Rock-art. Territories and modes of exploitation during the Upper Paleolithic in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity* Vol. 76, n° 291, pp. 62-76.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- AUBRY, T. e J. SAMPAIO, J. D. 2003 a. O método das remontagens de vestígios líticos: aplicação ao nível de ocupação gravettense do sítio de Olga Grande 14 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)” in MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA, M. (eds.), *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 19], pp. 327-330.
- 2003 b. Remontagem de rochas termo-alteradas; um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio de Olga grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa), In: *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. MATEUS, J. E. e MORENO-GARCÍA M. eds. *Trabalhos de arqueologia* 29, pp. 331-335.
- AUBRY T., ZILHÃO J., ALMEIDA F. e. p. A propos de la variabilité technique et culturelle de l’entité gravettienne au Portugal: bilan des dernières découvertes et perspectives de recherche. Actes de la Table Ronde: «Entités régionales d’une paléoculture européenne: Le Gravettien». Les Eyzies-de-Tayac, juin 2005. Supplément à Paleo.
- AUJOUAT, N. 1993. La perspective. En “*L’Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d’étude. Documents Préhistoriques*, 5. Paris. pp. 281-288.
- AURA, J. E. 1995. *El Magdalenense mediterráneo: la Cova del Parpalló (Gandía, Valencia)*. Trabajos Varios del S. I. P., 91. Valencia.
- BACHILLER GIL, J. A. 2004. Aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico: La piedra de los Siete Infantes de Lara (Cortos, Soria), *Celtiberia*, núm. 98, pp. 285-297, Soria.
- BAHN, P. G. 1985. Ice Age drawing on open rock faces in the Pyrenees, *Nature* vol. 313, n° 6003, pp. 530-531.
- 1992. Open air rock art in the Palaeolithic. En M. Lorblanchet Ed. *Rock Art in the Old World*. New Delhi. pp. 395-400.
- 1994. Lascaux: composition or accumulation? *Zephyrus XLVII*. pp. 3-13.
- 1995. Cave art without the caves. *Antiquity*, n° 69. pp. 231-237.
- BAHN, P. G., VERTUT, J. 1988. *Images of the Ice Age*. Windward. London.
- BALBÍN, R. de 1975. *Contribución al estudio del arte rupestre del Sahara español*. T. Doctoral extracto, Univ. Complutense, 39, pp. 1975.
- 1989 a. El arte megalítico y esquemático del Cantábrico, en M. R. GONZÁLEZ MORALES (ed.): *Cien años después de Sautuola*, pp. 15-96, Santander.
- 1989b. Reflexiones en torno al Arte Levantino. *Rev. Arqueología*, n° 104, Diciembre 1989, pp. 6-7.
- 1989. L’Art de la grotte de Tito Bustillo (Ribadesella, Espagne). Une vision de Synthèse. *Rev. L’Anthropologie*. T. 93-2. París. pp. 435-462.
- 1995. L’art paléolithique à l’air libre de la vallée du Douro. *Archéologia*, n° 313, Junio. pp. 34-41.
- 2002. Estado actual de la investigación del Arte Paleolítico en Guadalajara. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. T. I. pp. 187-228.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J. 1992a. La grotte de Los Casares et l’Art Paléolithique de la Meseta espagnole. *Rev. L’Anthropologie*. T. 96, 2-3. París. pp. 397-452.
- 1992b. Los Casares. En *El Nacimiento del Arte Europa. Catalogo de la Exposición de la Unión Latina*. París. pp. 311-314.
- 1994. Arte Paleolítico de la Meseta española. *Complutum*, 5. Madrid. pp. 97-138.
- 1999. Vie quotidienne et vie religieuse. Les sanctuaires dans l’Art Paléolithique. *Rev. de l’Anthropologie*, T. 103. París pp. 23-49.
- 2001. L’Art Paléolithique en plein air dans la Péninsule Ibérique: quelques précision sur son contenu, chronologie et signification. En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 205-236.
- 2002. L’art rupestre paléolithique de l’intérieur péninsulaire ibérique: une revision chronoculturelle d’ensemble. In: *Actes du Colloque “L’art Paléolithique à l’air libre: le Paysage modifié par l’image”*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 139-157.
- 2005a. Testigos del frío. La fauna en el Arte Rupestre Paleolítico del interior peninsular. En M. Santonja, A. Pérez-González y M. J. Machado eds. *Geoarqueología y Patrimonio en la Península Ibérica y el entorno mediterráneo*. ADEMA. Soria 2005, pp. 547-566.
- 2005b. Espace d’habitation, espace d’enterrement, espace graphique. Les coïncidences et les divergentes dans l’Art Paléolithique de la Corniche Cantabrique.». En D. VIALOU, J. RENAULT-MISKOVSKY y M. PATOU-MATHIS Dirs. *Comportements des hommes du Paléolithique moyen et supérieur en Europe. Territoires et milieux*. Eraul 111. pp. 193-206.

- . 2006. Arte paleolítico en los confines de Europa: cuevas y aire libre en el sur de la Península Ibérica. *IV Simposio de Prehistoria Cueva de Nerja. La cuenca mediterránea durante el Paleolítico Superior. 38.000-10.000 años. Fundación Cueva de Nerja-UISPP*. pp. 118-136.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ PEREDA, M. A. 2003. El macizo de Ardines, Ribadesella, España. Un lugar mayor del arte paleolítico europeo. En: R. DE BALBÍN Y P. BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 91-152.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., GONZÁLEZ, M. A., MOURE, J. A. 2002. Recherches dans le massif d'Ardines: nouvelles galeries ornées de la grotte de Tito Bustillo. *L'Anthropologie*, 106, pp. 565-602.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MOURE, A., GONZÁLEZ, M. 2000. Le Massif d'Ardines (Ribadesella. Les Asturies). Nouveaux travaux de prospection archéologique et de documentation artistique. *L'Anthropologie*, 104. París; pp. 383-414.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., MORENO, F., CRUZ, L. A. 1995. Investigaciones arqueológicas en la cueva de La Hoz (Sta. María del Espino, Guadalajara). Una visión de conjunto actualizada. En R. DE BALBÍN, J. VALIENTE y M. MUSSAT Coord. "Arqueología en Guadalajara". *Patrimonio Histórico-Arqueología Castilla-La Mancha*. pp. 37-53.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M. 1994. Siega Verde y el arte rupestre paleolítico al aire libre. *VI Coloquio Hispano-Ruso de Historia. Madrid*. pp. 5-19.
- . 1995. El yacimiento rupestre paleolítico al aire libre de Siega Verde (Salamanca, España): una visión de conjunto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (3). Porto. pp. 73-102.
- . 1996a. Siega Verde. Un art rupestre à l'air libre dans la vallée du Douro. *Dossiers d'Archéologie*, n° 209. Diciembre 1995-enero 1996. Dijon. pp. 98-105.
- . 1996b. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa. *Fundación Rei Afonso Henriques, Serie monografías y estudios. Zamora*.
- BALBÍN, R. DE, ALCOLEA, J. J., SANTONJA, M., PÉREZ, R. 1991. Siega Verde (Salamanca). Yacimiento artístico paleolítico al aire libre. En "Del Paleolítico a la Historia". *Museo de Salamanca. Salamanca*. pp. 33-48.
- BALBÍN, R. DE y BUENO, P. 1994. Arte Postpaleolítico en Castilla-La Mancha. En: *La Edad del Bronce en Castilla-La Mancha. Simposio 1990. Diputación Provincial de Toledo*. pp. 87-110.
- . 2000. El análisis del contexto en el arte prehistórico de la Península Ibérica. La diversidad de las asociaciones. *Arkeos*, 10. pp. 91-128.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., ALCOLEA, J. J. 1995. Carta. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35 (4), pp. 872-873.
- BALBÍN, R. DE, BUENO, P., JIMÉNEZ, P., ALCOLEA, J. J., FERNANDEZ, J. A., PINO, E., REDONDO, J. C. El yacimiento de Rillo de Gallo (Guadalajara) *Wad-Al-Hayara*, n° 16, 1989, pp. 31-73.
- . 1989b. El abrigo rupestre del Llano, Rillo de Gallo. Molina de Aragón. *XIX Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza. 1989. vol. II; pp. 179-194.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A. 1981a. La "Galería de los Caballos" de la cueva de Tito Bustillo. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979. Ministerio de Cultura*. pp. 85-117.
- . 1981 b. Las pinturas y grabados de la cueva de Tito Bustillo: El Sector Oriental. *Studia Archaeologica*, 66. Valladolid.
- . 1982. El panel principal de la cueva de Tito Bustillo (Ribadesella, Asturias). *Ars Praehistorica*, t. I, pp. 47-97.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, N.º 87, Julio. pp. 16-24.
- BALBÍN, R. DE, MOURE, J. A., RIPOLL, E. 1982. Grabados esquemáticos de la comarca de Santa María de Nieva (Segovia). *Coloquio Internacional sobre Arte Rupestre Esquemático de la Península Ibérica. Resumen de Comunicaciones. Salamanca*. pp. 8-9.
- BALBÍN, R. DE, SANTONJA, M. 1992. Siega Verde (Salamanca). En *El Nacimiento del Arte Europa. Catálogo de la Exposición de la Unión Latina. París*. pp. 250-252.
- BALDELLOU, V. UTRILLA, P. 1999. Arte rupestre y cultura material en Aragón: presencias y ausencias, convergencias y divergencias. *Bolskan*, 16, pp. 21-37.
- BAPTISTA, A. M. 1980. Introdução ao estudo da arte pré-histórica do noroeste peninsular. 1. As gravuras rupestres do Gião. *Minia*. 2.ª série 3 (4), Braga, pp. 80-100.
- . 1981. A rocha F-155 e a origem da Arte do vale do Tejo. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. *Monografías Arqueológicas 1. Porto*.
- . 1981b. O complexo de arte rupestre da Bouça do Colado (Parada, Lindoso). *Notícia preliminar, Giesta 1 (4)*, Braga, pp. 6-16.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- 1983. O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. Porto. 8, pp. 57-69.
- 1983-84. Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*. Porto. Nova série: 4-5 *Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Novembro de 1983*, pp. 71-82.
- 1985. A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 3, Lisboa, pp. 7-44.
- 1986. Arte rupestre pós-glaciária: Esquematismo e abstracção. In ALARCÃO, J., ed. *História da Arte em Portugal*. 1. Lisboa: Editorial Alfa, pp. 31-55.
- 1997. Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro, *Brigantium*, 10, A Coruña, pp. 191-216.
- 1998. A arte do Côa e Alto-Douro e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART). In LIMA, A.C.P.S., ed. *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, pp. 196-201.
- 1999 a. *No tempo sen tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do vale do Côa*. Centro Nacional de Arte rupestre. Vila Nova de Foz Côa.
- 1999b. O ciclo quaternário do Vale do Côa. Copm algumas considerações do metodo sobre estilos, valoração estética e crono-estratigrafia figurativa. *Arkeos*. Tomar, 6:2m, pp. 197-277.
- 2000. Procés de Foz Côa (Portugal). *Història i arqueologia*, *Cota Zero*, 16, Dezembro 2000, Barcelona, pp. 96-110.
- 2001. Novas descobertas de arte paleolítica de aire libre no Alto Sabor (Tras-os-Montes, Portugal). *Site www.ipa.min-cultura.pt*, 3 págs.
- 2001a. The Quaternary Roc Arte of the Côa Valley (Portugal). *En Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commission VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 237-252.
- 2001b. Ocreza (Envendos, Maçao, Portugal central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *Arkeos: perspectivas em diálogo*, N° 11, 2001, *pages*. 163-192.
- 2002. Nuevos descubrimientos de Arte Paleolítico al aire libre en el río Sabor (Norte de Portugal). *En Libro Guía del Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, 2002, pp. 57-58.
- 2003. A fauna plistocénica na arte rupestre do Vale do Côa. *Tribuna da Natureza*. Porto. 13, pp. 14-20.
- 2004 a. A Arte Proto-Histórica no Vale do Côa. *Comunicação apresentada nas 2.ªs Jornadas de Património da Beira Interior: Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia, na Guarda, a 21 de Outubro, e não publicada nas respectivas actas*.
- 2004 b. Arte paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundao). *Eburóbriga, Fundao*, N.º 1, Primavera/verao, pp. 9-16.
- BAPTISTA, A. M., GARCÍA, M. 2002. L'Art Paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal). La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. *En D. SACCHI ed. L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. pp. 187-205.
- BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V. 1995. Arte rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões. *Dossier Côa*. pp. 349-422.
- 1997. Arte Rupestre. *En J. ZILHAO Coord. Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996. Ministerio de Cultura. Lisboa*. pp. 211-406.
- BAPTISTA, A. M., MARTINS, M. M., SERRAO, E. da C. 1978. Felskunst im Tejo-Tal. Sao Simao(Nisa, Portalegre) Portugal. *Madrider Mitteilungen* 19, pp. 89-11. 29 taf.
- BAPTISTA, A. M., REIS, M., 2006. *Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Do Paleolítico à Idade do Ferro. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 20 de Maio*.
- En prensa. *Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa: da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro*, In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- BAPTISTA A. M., SANTOS A. T., CORREIA D. 2006. Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca. *Côavisão, Cultura e Ciência*, n° 8, pp. 156-184.
- BARANDIARAN, I. 1972 a. *Arte Mueble del Paleolítico Cantábrico*. Monografias arqueológicas. Universidad de Zaragoza. 369 pp.
- 1972b. Algunas convenciones de representación en las figuras animales del Arte Paleolítico. *Santander Symposium. Santander-Asturias 1970. Santander-Madrid*. pp. 345- 381.
- BARRETT, J. C. 1999. The Mythical Landscapes of the British Iron Age. In ASHMORE, W. KNAPP, A. B., ed.

- Archaeologies of Landscape: Contemporary Perspectives*. Massachusetts Oxford: Blackwell Publishers, pp. 253-265.
- BÉCARES, J. 1974. Nuevas pinturas rupestres en Las Batuecas: El covacho del Pallón, *Zephyrus*, XXV, pp. 281-294, Salamanca.
- 1983. Hacia nuevas técnicas de trabajo en el estudio de la pintura rupestre esquemática, *Zephyrus*, XXXVI, p. 137-148, Salamanca.
- 1991. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Salamanca, *Del Paleolítico a la Historia*, Museo de Salamanca, pp. 61-79.
- BEDNARIK, R. G. 1995 a. More news from Hell's Canyon. Portugal. *AURA Newsletter*, 12. pp. 7-8.
- 1995b. Côa Valley rock art analytical research program. *Internal report to Electricidade de Portugal*.
- 1995c. The Côa petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. *Antiquity* 69, pp. 877-882.
- 1997a. The Côa petroglyphs : an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock-art. En: ZILHÃO, J. Ed. *Arte rupestre e Pré-História do vale do Côa*. Ministério da Cultura, Lisboa. pp. 411-416.
- 1997b. European Art: the Palaeolithic Legacy? *Cambridge Archaeological Journal* 7:2 (1997). pp. 255-68.
- BÉGOUËN, H., BREUIL, H. 1958. *Les cavernes du Volp, Trois Frères-Tuc d'Audoubert*. Arts et Métiers Graphiques ed., Paris, 124 pp.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M. 1994. Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabanas, A Coruña). Grupo de Viseu o Grupo Noroccidental? Aspectos taxonómico y cronológicos, in D. CRUZ (coord.) *O Megalitismo no Centro de Portugal*. *Actas do Seminário*. Estudos Pré-históricos, Vol. II, CEPBA, Viseu, pp. 287-304.
- 1995. Arquitectura, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el Megalitismo noroccidental, in F. P. LOSADA and L. CASTRO PÉREZ (eds.), *Arqueoloxía e arte na Galicia Prehistórica e Romana*, Monografías 7, Museu Arqueolóxico e Histórico de A Coruña, A Coruña, pp. 29-98.
- 2003. Un siglo de arte megalítico en Galicia, in R. DE BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 341-350.
- BELTRÁN, A. 1986. Megalitismo y arte rupestre esquemático: problemas y planteamientos. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo peninsular*. Madrid, pp. 21-32.
- 1989 a. Perduración en el arte prehistórico del "estilo paleolítico" durante el Mesolítico y los posibles enlaces: el "levantino". *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7: 125-166.
- 1989b. Crónica da reunião e conclusões. *Almazor. Revista de Cultura*, nº 7: 303-306.
- 1989c. *El arte rupestre aragonés. Aportaciones de las pinturas prehistóricas de Albalate del Arzobispo y Estadilla*, Iber-Caja, Zaragoza.
- 1989d. *Ensayo sobre el origen y significación del arte prehistórico*, Universidad de Zaragoza, Col. "Ciencias Sociales", 12, Zaragoza.
- 1989e. *Los parques culturales y el arte rupestre en Aragón*, Diputación General de Aragón, Zaragoza.
- 1996. La datación de los grabados de Foz do Côa, en Portugal y la importancia del yacimiento: síntesis de una polémica y planteamientos. In MACIEL, M. JUSTINO (coord.), *Miscellania de homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 45-54.
- BENDER, B. 1993. Introduction. Landscape – Meaning and Action, in B. BENDER (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 1-17
- BENITO DEL REY, L., GRANDE DEL BRÍO, R. 1992. *Santuarios Rupestres Prehistóricos en las provincias de Zamora y Salamanca*, Gráficas Cervantes, Salamanca.
- 1993. Estaciones de grabados rupestre en la comarca cacereña de las Hurdes. *Zephyrus*, vol. XLVI, pp. 215-225.
- 1995. *Petroglifos prehistóricos en la comarca cacereña de las Hurdes*. Ed. Librería Cervantes, Salamanca. 89 págs.
- 2000. *Santuarios rupestres prehistóricos en el centro-oeste de España*, Librería Cervantes, Salamanca.
- 2002. Art Rupestre dans la Grotte du Parpalló (Gandía, Valencia). *Inora* 33, pp. 7-11. Foix.
- BERGMANN, L. 1995. Nuevas cuevas con pinturas rupestres en el término municipal de Tarifa. III Jornadas de Historia del Campo de Gibraltar, Octubre de 1994. Almoraima. *Revista de Estudios Campogibaltareños*, 13: 51-61. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996 a. Los grabados paleolíticos de la cueva del Moro (Tarifa, Cádiz): el arte rupestre del paleolítico

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- más meridional de Europa. *Almoraima. Revista de Estudios Campogibaltareños*, 16: 9-26. Edita Mancomunidad de Municipios del Campo de Gibraltar. Cádiz.
- 1996b. La Cueva del Moro (Tarifa). El arte paleolítico más meridional de Europa. *Aljaranda*, 21: 9-11. Ed. Ayuntamiento de Tarifa.
- BERGMANN, L., CARRERAS, A. M., GOMAR, A. M., RUIZ, A. En prensa. La fauna gaditana en el arte sureño. *III Jornadas de Historia Natural de Cádiz*. 2006.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F. 1994. Reflexiones en la cueva de Altamira, *Monografías*, n° 17, Museo y Centro de Investigación de Altamira, pp. 261-267.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA, A. 1991. Le Paléolithique supérieur dans le Bassin du Duero. En M. OTTE Ed. "Le Paléolithique supérieur européen. Bilan quinquennal. Etudes et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège. Liège. pp. 281-283.
- BERNALDO DE QUIRÓS, F., NEIRA CAMPOS, A., FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C. 1996. Panorama del Paleolítico Superior y Epipaleolítico en el Norte de la cuenca del Duero. R. DE BALBÍN BEHRMANN, P. BUENO RAMÍREZ, eds: *II Congreso de Arqueología Peninsular, T. I. Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: 367-382.
- BETTENCOURT, A. M. S., REBLO, T. M. H. 1988/89. Monumentos megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga - Vale de Cambra). Inventário preliminar, *Portugália*, nova série, Porto IX-X, pp. 7-30.
- BETTENCOURT, A. M. S., SANCHES, M. J. 1998. Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Portugal, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77. Edicions do Castro, A Coruña, pp. 13-45.
- BICHO, N. 2000. Technological change in the final upper Paleolithic of Rio Maior, Tomar, *Arkeos* 8, Thèse de Doctorat de la Southern Methodist University soutenue en 1992 (Dallas, U.S.A.).
- BICHO, N., STINER, M., LINDLY, J., FERRING, C. R. 2003. O Mesolítico e o Neolítico antigo da costa algarvia. GONÇALVES, V. ed: *Muita gente, poucas antas. Trabalhos de Arqueologia*, 23. Lisboa:15-22.
- BLAS CORTINA, M. A. de 1997. El arte megalítico en el territorio Cantábrico: un fenómeno entre la nitidez y la ambigüedad, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 69-89.
- BOSCH-GIMPERA, P. 1954. La Edad del Bronce en la Península Ibérica, *Archivo Español de Arqueología*, vol. XXVIII, n° 89-90, Madrid, pp. 45-92.
- BOVEDA, M. J., CAÑIZO, J. A., VILASECO, X. I. 2000. Places to Engrave, Places do Die: Rock Art and Burial Cists of the Bronze Age in the North-west Iberian Peninsula. In NASH, G., ed. *Signifying Place and Space: World Perspectives of Rock Art and Landscape*. Oxford: Archeopress, pp. 49-57.
- BOURDIEU, P. 2002. *Esboço de uma teoria da prática – Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- BRADLEY, R. 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing and the land*. Routledge.
- 1990. *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 1997. *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*, Routledge, London/New York.
- 1998. *The significance of monuments. On shaping the human experience in Neolithic and Bronze Age Europe*. Routledge, London/New York.
- 2000. *An Archaeology of Natural Places*. Routledge, London/New York.
- 2002. Access, style and imagery: the audience for prehistoric rock art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC, *Oxford Journal of Archaeology*, 21, Oxford, pp. 231-247.
- BRADLEY, R.-CRIADO, F., FÁBREGAS, R. 1993-1994. Petroglifos en el paisaje: nuevas perspectivas sobre el arte rupestre gallego, *Minius*, II-III, Ourense, pp. 17-28.
- 1994. Los petroglifos como forma de apropiación del espacio: alguns ejemplos gallegos, *Trabajos de Prehistoria*, 51 (2), Madrid, pp. 159-168.
- 1994-95. Arte rupestre y paisaje prehistórico en Galicia: resultados del trabajo de campo entre 1992 y 1994, *Castrelos*, 7-8, pp. 67-95.
- 1995. Rock art and the prehistoric landscape of Galicia. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 61:341-370.
- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R. 1996. Petroglifos Gallegos y Arte Esquemático : una propuesta de trabajo: *Complutum Extra*, 6 (II), pp. 103-110.
- 1998. Crossing the border: contrasting styles of rock art in the Prehistory of north-west Iberia, *Oxford Journal of Archaeology*, 17 (3), Oxford, pp. 287-308.
- 1999. La "Ley de Frontera": grupos rupestres Galaico y Esquemático y Prehistoria del Noroeste de la Península Ibérica, *Trabajos de Prehistoria*, 56, n° 1, Madrid, pp. 103-114.

- BRADLEY, R., FÁBREGAS, R., VALCARCE, R., ALVES, L. B., VILASECO VÁZQUEZ, X. I. 2005. El Pedroso – A prehistoric cave in Castille, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 7, Porto, pp. 125-156.
- BRANDÃO, D. de P. 1959-60. Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Fozcoa. *Humanitas*. Coimbra. 11-12, pp. 66-70.
- 1961. Insculpturas do Monte de Eiró, Penha-Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, vol. 1(2), pp. 45-58.
- BREUIL, H. 1921. Nouvelles cavernes ornées paleolithiques dans la province de Málaga. *L'Anthropologie*, Vol. 31: 239-253. París.
- 1933-1935: *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, Lagny.
- 1934. Presidential address, *Proceedings of the Prehistoric Society of East Anglia*, 7, pp. 289-322.
- 1960. Les roches peintes paléolithiques de l'Espagne orientale. *Documentos preparatorios de la sesión Burg Warstenstein*.
- 1974. *Quatre cents siècles d'Art Pariétal*. Editions Max Fourny. París.
- BREUIL, H., BURKITT, M. C. 1929. *Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper Age Art Group*. Clarendon Press, Oxford, XII, 88 págs., 54 figs. y XXXIII láms.
- BREUIL, H., OBERMAIER, H., VERNER, W. 1915. *La Pileta a Benaolán (Málaga)*. Institut de Paleontologie Humaine, Fondation Albert, I Prince de Monaco, Mónaco, 1915.
- BRITO, J. P. DE. 1992. Tesouros: o passado, o presente e o risco de desordem, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXII (1-4), Porto, 47-70.
- BRÜCK, J. 2005. Experiencing the past? The development of a phenomenological archaeology in British prehistory, *Archaeological Dialogues*, 12 (1), Cambridge University Press, pp. 45-72.
- BUENO RAMÍREZ, P. 2000. El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura española. *Extremadura Arqueológica*, VIII. El Megalitismo en Extremadura. Homenaje a E. Dieguez: 35-80.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de. 1992. L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*, París, t. 96, n°s 2-3; pp. 499-572.
- 1998. The origin of the megalithic decorative system :graphics versus architecture. *Journal of Iberian Archaeology*, vol. O. Porto: 53-68.
- 2000a. Art mégalithiques art en plein air. Approches de la définition du territoire pour les groupes producteurs de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 104. París : 427-458.
- 2000b. La grafía megalítica como factor para la definición del territorio. *Arkeos*, 10. pp. 129-178.
- 2000c. Arte megalítico en la Extremadura española. Homenaje a Elías Diéguez Luengo. *Extremadura Arqueológica*, VIII: El Megalitismo en Extremadura: 345-379.
- 2001. Le sacré et le profane: notes pour l'interprétation des graphies préhistoriques péninsulaires. *Revue Archéologique de l'Ouest, supplé. N° 9*. pp. 141-148.
- 2002. L'Art mégalithique péninsulaire et l'art mégalithique de la façade atlantique: un modèle de capillarité appliqué à 'art post-paléolithique européen, *L'Anthropologie*, t. 106, París, pp. 603-646.
- 2003a. Una geografía cultural del arte megalítico ibérico: las supuestas áreas marginales". In: BALBÍN, R. DE BUENO, P., Eds. *Primer Symposium internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella. El arte prehistórico desde los inicios del siglo XXI*. Ribadesella: 291-313.
- 2003b. Grafías y territorios megalíticos en Extremadura. Muita gente, poucas antas? Orígens, espaços e contextos do megalitismo. *Trabalhos de Arqueología*, 25. Lisboa: 407-448
- 2006a. Between power and mythology: evidence of social inequality and hierarchisation in Iberian megalithic art. En P. DIAZ DEL RÍO y L. GARCÍA SAN JUAN eds.: *Social Inequality in Iberian Late Prehistory*. Bar International Series, XXX.
- 2006b. Arte megalítico en la Península Ibérica: contextos materiales y simbólicos para el arte esquemático. En J. MARTÍNEZ GARCÍA y M. HERNÁNDEZ PÉREZ eds.: *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de Los Vélez*. 2006, 57-84.
- 2006c. Arte parietal megalítico en la Península Ibérica. En F. CARRERA RAMÍREZ y R. FÁBREGAS VALCARCE: *Arte Parietal Megalítico en el Noroeste peninsular. Conocimiento y conservación*. Santiago de Compostela: 153-212.
- 2006d. Cervidés et serpents dans la mythologie funéraire du mégalithisme ibérique. *Anthropozoologica*, 41: 85-102.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de, ALCOLEA, J. J. 2003. Prehistoria del lenguaje en las sociedades cazadoras y productoras del sur de Europa. En: R. DE BALBÍN y P.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- BUENO Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 13-22.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO. 2004a. Application d'une méthode d'analyse du territoire à partir de la situation des marqueurs graphiques à l'intérieur de la Péninsule Ibérique: le Tâge International. *L'Anthropologie* 108, pp. 653-710.
- 2004b. Arte Megalítico en Andalucía: una propuesta para su valoración global en el ámbito de las grafías de los pueblos productores del Sur de Europa. *Mainake*, XXVI. Málaga, 29-62.
- 2005 a. *El dolmen de Azután (Toledo) Areas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*. UAH. Diputación de Toledo. Monografías 02.
- 2005b. Hierarchisation et métallurgie. Les statues armées de la Péninsule Ibérique. *L'Anthropologie*, 109. París, 577-640.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A. 2000. Arte megalítico en el Tajo: los dólmenes de Alcántara. Cáceres. España. *Pré-historia Recente da Península Ibérica*. Porto: 481-496, VI láms.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., VILLA, R., MORALEDA, A. 1999a. *El dolmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadylbas*. Diputación de Toledo. 136 p.
- BUENO, P., BALBÍN, R. DE, BARROSO, R., ALDECOA, A., CASADO, A., GILES, F., GUTIÉRREZ, J. M. CARRERA, F., 1999b. Estudios de arte megalítico en la necrópolis de Alberite. *Papeles de Historia*. Ubrique, 4: 35-60.
- BUENO, P., BALBÍN, R. de., DÍAZ-ANDREU, M., ALDECOA, A. 1998. Espacio habitacional / espacio gráfico. Grabados al aire libre en el término de la Hinojosa (Cuenca). *Trabajos de Prehistoria* 55 (1): 101-120.
- BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE., CARRERA, F. 2006. *Megalitos y marcadores gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- BUENO RAMÍREZ, P., BARROSO BERMEJO, R., JIMÉNEZ SANZ, P. 2002. Culturas productoras, culturas metalúrgicas y grafías en la provincia de Guadalajara. Una revisión historiográfica. *Actas del Primer Simposio de Arqueología de Guadalajara*. Guadalajara, 2002; pp. 47-64.
- BUENO, P., JIMÉNEZ, P., BARROSO, R. 1995. Prehistoria Reciente en el Noreste de Guadalajara. *Arqueología en Guadalajara*. Toledo, 1995; pp. 72-95.
- CABRAL, A. A. D. 1963. *História da cidade de Calábria em Almendra (Subsídios)*. Porto: Casa da Beira Alta.
- CABRÉ ACUILÓ, J. 1912-1916. *Catálogo arqueológico, histórico, artístico y monumental de la provincia de Soria*, "II: Neolítico y Edad del Cobre". (Inédito).
- 1915. *El arte rupestre en España*, Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas, 1, Madrid.
- 1934. Las cuevas de los Casares y de la Hoz. *Archivo Español de Arte y Arqueología*, n° 30. pp. 225-254.
- 1941. Pinturas y grabados rupestres, esquemáticos, de las provincias de Segovia y Soria, *Archivo Español de Arqueología*, XLIII, pp. 316-344, Madrid.
- CACHO, C., PÉREZ, S. 1997. El Magdaleniense de la Meseta y sus relaciones con el Mediterráneo Español: El abrigo de Buendía (Cuenca). En *El Món Mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)*. Col. loqui. Banyoles. pp. 263-274.
- CACHO, C., RIPOLL, S. 1987. Nuevas piezas de arte mueble en el Mediterráneo Español. *Trabajos de Prehistoria*, 44: 35-62.
- CACHO, C., RIPOLL, S., MUNICIO, L. 2001. L'art mobilier d'Estebanvela (Segovia, Espagne). En *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique. Actes du Colloque de la Commision VIII de la U.I.S.P.P.* pp. 263-278.
- CACHO, C., RIPOLL, S., JORDÁ, J. F., MUÑOZ, F., YRAVEDRA, J., MAICAS, R. 2003. El registro arqueológico del Pleistoceno Superior Final en el abrigo de la Peña de Estebanvela (S. de la cuenca del Duero, Segovia, España). *XI Reunión nacional de Cuaternario, Oviedo, 2003, AEQUA*, pp. 191-198.
- CALADO, M. 1997. Cromlechs alentejanos e a arte megalítica. *Brigantium*, 10. La Coruña, 289-297.
- 2004 a. *Menires do Alentejo Central genese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tesis doctoral. Lisboa.
- 2004 b. Entre o ceu e a Terra. Menires e arte rupestre no Alentejo Central. *Sinais da pedra*. Cd. Rom.
- CALADO, M., ROCHA, L. 2004. Relatorio da escavação do povoado pré-histórico de Aguas Frias-Rosario. Campanha 1. Recogido en M. Calado, *Menires do Alentejo Central*. Tesis Doctoral. Universidad de Lisboa.
- CALADO, D., NIETO, J. M., NOCETE, F. 2004. Menires, símbolos e organização social. O extremos SW peninsular. *Sinais da Pedra*. Cdrom.

- CANINAS, J., HENRIQUES, F., BATATA, C., BATISTA, A. 2004. Novos dados sobre a Pré-história Recente da Beira interior Sul. Megalitismo e arte rupestre no concelho de Oleiros. *Estudos "Castelo Branco"*, nova série, n° 3. pp. 3-30.
- CANTALEJO, P. La cueva de Malalmuerzo (Moclín, Granada): nueva estación con arte rupestre paleolítico en el área mediterránea. *Antropología y Paleoecología Humana*, 3: 59-99. Granada.
- CÁMARZ POZA, A. 1997. Por las sendas pinariegas de Urbión, *Revista de Soria*. II época, núm. 18, pp. 21-28. Soria.
- CARRASCO RUS, J., NAVARRETE ENCISO, M. S., PACHÓN ROMERO, J. A. 2006. Las manifestaciones rupestres esquemáticas y los soportes muebles en Andalucía, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 85-118.
- CARRERA, F., BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. DE. 2007. *Recuperación patrimonial de arte prehistórico: los abrigos de El Buraco y La Grajera, Santiago de Alcántara*, (Cáceres). Ayuntamiento de Santiago de Alcántara ISBN-10:84-611-4500-3, ISBN -13:978-84-611-4500-3.
- CARTAILHACC, E. 1885. Oeuvres inédites des artistes chasseurs de rennes. *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'Homme*, XIX, pp. 63-75.
- CARVALHO, A. F. de, ZILHÃO, J., AUBRY, T. 1996. Vale do Côa. Arte Rupestre e Pré-História. *Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Ministério da Cultura. Lisboa.
- CASABO BERNARD, J. 2004. *Paleolítico Superior Final y Epipaleolítico en la Comunidad Valenciana*. MARQ. Serie mayor 3.
- CASEY, E. S. 1996. How to get from space to place in a fairly short stretch of time. Phenomenological prolegomena in FELD S. e BASSO, K. H. (eds.) *Senses of Place*, School of American Research Advanced Seminar Series, pp. 13-52.
- CASSEN, S., VAQUERO LASTRES, J. 2004. El deseo pasmado. *Sinais de Pedra*. Evora. CdRom.
- CERRILLO CUENCA, E. 2005. *Los primeros grupos neolíticos de la cuenca extremeña del Tajo*. BAR International Series 1393.
- CERRILLO CUENCA, E., PRADA GALLARDO, A., GONZÁLEZ CORDERO, A., HERAS, F. J. 2002. La secuencia cultural de las primeras sociedades productoras en Extremadura: una datación absoluta del yacimiento de Los Barruecos (Malpartida de Cáceres, Cáceres). *Trabajos de Prehistoria*, 59, 2:101-111.
- CHIPPINDALE, C., NASH, G. 2004. *The Figured Landscapes of Rock-Art. Looking at Pictures in Place*. Cambridge University Press, Cambridge.
- CHOLLET, A., DUJARDIN, V. 2005. *La grotte de Bois-Ragot à Goux (Vienne). Magdalénien et Azilien. Essais sur les hommes et leur environnement*. Société Préhistorique Française. Mém. XXXVIII.
- CHOLLOT, M. 1964. *Musée des Antiquités Nationales. Collection Piette, art mobilier préhistorique*. Éditions des Musées nationaux, 479 pp.
- CLOTTES, J. 2002. *World Rock Art*. Los Angeles. Getty Publications.
- CLOTTES, J., ALTEIRAC, A., SERVELLE, C., 1981. Oeuvres d'art mobilier magdaléniennes des anciennes collections du Mas d'Azil. *Bulletin de la Société Préhistorique de l'Ariège*, XXXVI, pp. 37-70.
- CLOTTES, J. e J. COURTIN, J. 1992. *La Grotte Cosqueur. Peintures et Gravures de la Caverne Engloutie*, Paris, Éditions du Seuil.
- CLOTTES, J., LEWIS-WILLIAMS, J. D. 1996. *Les chamanes de la préhistoire. Transe et magie dans les grottes ornées*. Paris, Ed. Le Seuil.
- COIXÃO, A. do N. S. 2000. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.
- COLECTIVO BARBAÓN. 1998. Nuevas pinturas rupestres en la provincia de Cáceres: 42 nuevos abrigos en el Parque Natural de Monfragüe. *Revista de Arqueología*, año XIX, n° 212, pp. 12-17.
- COLLADO, H. 2003. Nuevas representaciones de Arte Paleolítico en Extremadura. C.A.E.A.P. *Veinticinco años de investigaciones sobre el patrimonio cultural de Cantabria*, pp. 111-121.
- 2004. Un nuevo ciclo de arte prehistórico en Extremadura: el arte rupestre de las sociedades de economía cazadora recolectora durante el Holoceno inicial como precedente del arte rupestre esquemático en Extremadura. *Sinais da Pedra*. Evora. Cdrom.
- 2006. *Manifestaciones rupestres de estilo levantino en Extremadura*. (en prensa).
- COLLADO, H., FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M. 2001. Paleolithic Rock Art in Manzaner Mill Area (Alconchel-Cheles, Badajoz) *Arkeos: perspectivas em diálogo*, n° 12, 2001, pp. 29-64.
- COLLADO, H., RIPOLL, S. 1996. Una nueva estación paleolítica en Extremadura. Los grabados de la cueva de la

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- Mina de Ibor (Castañar de Ibor, Cáceres). *Revista de Estudios Extremeños*. Tomo LII, nº 2, pp. 383-399.
- COMPÓSITO 2004. *Conservação das rochas com gravuras do Vale do Côa: estudo e proposta de intervenção (Núcleo da Canada do Inferno)*. Relatório entregue pela Compósito, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- CONDE BERDÓS, M. J. 1998. Estado actual de la investigación sobre la cerámica ibérica pintada de época plena y tardía [Em linha]. In *Revista de Estudios Ibericos*, 3 El mundo Ibérico: una década de investigaciones [1985-1995] 2.ª parte. [citado em 21 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/reib3/>>.
- CORCHÓN, M. S. 1985. Características técnicas y culturales del arte parietal paleolítico: su proyección en la Meseta. *Studia Zamorensia Historica*, vol. VI. pp. 223-271.
- 1986. *El Arte Mueble Paleolítico Cantabro: Contexto y Análisis Interno*, Madrid, Centro de Investigación y Museo de Altamira [Monografías, 16].
- 1989. Datos sobre el epipaleolítico en la Meseta Norte: la cueva del Níspero (Burgos/España). *Zephyrus*, XLI-XLII:85-100.
- 2002. El Tardiglacial y la transición al Postglacial en la Meseta Norte española: Una visión de síntesis. *Zephyrus*, LV, pp. 85-142.
- 2006. Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del Arte Paleolítico en la Meseta. En: DELIBES DE CASTRO, G., y DIEZ MARTÍN, F., eds: *El Paleolítico Superior en la Meseta Española*, *Studia Archaeologica* nº 94, Valladolid, pp. 75-111.
- CORCHÓN, M. S. Coord. 1997. *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. *Arqueología en Castilla y León*, 3. Junta de Castilla y León.
- CORCHÓN, S., LUCAS, R., GONZÁLEZ TABLAS, F., BECARES, J. 1991. El arte rupestre prehistórico en la región castellano-leonesa. *Zephyrus*, XLI-XLII, Salamanca. pp. 7-18.
- CORCHÓN, M. S., VALLADAS, H., BECARES, J., ARNOLD, M., TISNERAT, N., CACHIER, H. 1996. Datación de las pinturas y revisión del Arte Paleolítico de Cueva palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*, 49, 1996, pp. 37-60.
- CORDEIRO, A. M. R., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cadermos de Geografia*. Coimbra. 15, pp. 11-33.
- CORREIA, V. H., RECAREY, M. A. 1988. Insulturas rupestres da Serra da Gávea, Sra da Encarnação, *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura – 1985 – Arqueologia*, Esposende, pp. 93-111.
- COSME, S. 1998. Projecto de investigação arqueológica do território do Monte do Castelo (Almendra). In LIMA, A. C. P. S., ed. - *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo: os valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, p. 208-214.
- 2006. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. *Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa*, em Pinhel, a 17 de Maio.
- En prensa. Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda. In *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, 15 a 20 de Maio de 2006)*.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., NOVOA ÁLVAREZ, P., PEÑA SANTOS, A. de la. 1997. Aproximación a las representaciones de cuadrúpedos en el grupo galaico de arte rupestre, in F. J. COSTAS GOBERNA e J. M. HIDALGO CUÑARRO, *Los motivos de fauna y armas en los grabados prehistóricos del continente europeo*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, nº 3, Vigo, pp. 53-84.
- COSTAS GOBERNA, F. J., HIDALGO CUÑARRO, J. M., PEÑA SANTOS, A. 1999. *Arte Rupestre no sur da Ría de Vigo*. Instituto de Estudios Vigueses, Vigo.
- COUREAUD, C. 1985. *L'Art Azilien. Origine et survivance*. XX Supplé. Gallia Préhistoire. CNRS. París.
- COUTURIER, Dr. 1962. *Le bouquetin des Alpes*. Impr. Allier, Grenoble, 2 vol. 1564 pp.
- CRIADO BOADO, F. 1993. Espacio monumental y paisajes prehistóricos en Galicia. *Concepcions espaciais e estratègies territoriais na historia de Galicia*. Asociación Galega de Historiadores. Santiago de Compostela: 23-54
- CRIADO BOADO, F., SANTOS ESTÉVEZ, M. 2006. Paisajes domésticos, Espacios Cerrados: los Espacios de la representación y la Domesticación del Paisaje en la Edad del Bronce, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Actas del Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 173-192.
- CUNHA, A. L. , SILVA, E. J. L. 1980. Gravuras rupestres do

- Concelho de Valença. Montes dos Fortes (Taião), Tapada do Ozão, Monte da Laje, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, pp. 121-131.
- CRUZ, D. 1995. Cronologia dos monumentos com *tumulus* do Noroeste peninsular e da Beira Alta *Estudos Pré-históricos* 3, CEPBA, Viseu, pp. 81-112.
- 1998. Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira. In *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" (Tondela, Nov. 1997)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira *Estudos Pré-históricos* 8, pp. 149-166.
- CURA, M. 1997. Cuestiones generales en torno al neolítico y megalitismo. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 141-149.
- CURADO, F. P. 1988-94. A propósito de Conimbriga e de Coniumbriga. *Gaya*. Vila Nova de Gaia. 6 I Congreso do Rio Douro, pp. 213-234.
- DAVIDSON, I. BAILEY, G. N. 1984. Los yacimientos, sus territorios de explotación y la topografía. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid. 2, pp. 25-31.
- DELIBES, G. 1985. El Paleolítico. Los primeros asentamientos humanos en el valle del Duero. En *"Historia de Castilla y León I. La Prehistoria del valle del Duero"*. Ambito. Valladolid. pp. 8-21.
- DELIBES, G., SANTONJA, M. 1986. *El fenómeno megalítico en la provincia de Salamanca*, Diputación Provincial, Salamanca.
- DELLUC, B. G. 1978. Les manifestations graphiques aurignaciennes sur support rocheux des environs des Eyzies (Dordogne). *Gallia Préhistoire*, 21, 1 y 2. París. pp. 213-438. 96 figs.
- 1991. *L'art pariétal archaïque en Aquitaine*. XXVII supplément à Gallia Préhistoire. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. París. 393 págs. 235 figs.
- 1999. El arte paleolítico arcaico en Aquitania de los orígenes a Lascaux. En *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 145-166.
- 2003. L'art pariétal archaïque du sud-ouest de la France à la lumière des découvertes récentes. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella, Ribadesella, 2003*, pp. 23-39.
- DELPORTE, H. 1990. *L'image des animaux dans l'art préhistorique*. Paris, Picard, 254 pp.
- DEL RIEGO, C. 2005. Arqueología. Los primeros bercianos también dejaron documentos gráficos, *El Mundo. Jueves científico*, 16 de junio de 2005, p. 6.
- DENDALETCHÉ, C. 1990. *Animaux sauvages des Pyrénées*. Milan ed. 168 pp.
- D'ERRICO, F. 1994. *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*. XXXI^o supplément à Gallia Préhistoire. Édition du C. N. R. S.
- D'ERRICO, F., CACHO, C. 1994. Notation versus decoration in the Upper Palaeolithic. A case study from Tossal de la Roca. Alicante (Spain). *Journal of Archaeological Science*, 21:185-200.
- D'ERRICO, F., POSSENTI, L. 1999. L'art mobilier épipaléolithique de la Méditerranée occidentale: comparaisons thématiques et technologiques. XXIV Congrès Préhistorique de France. *Les Facies leptolithiques du Nord-Ouest Méditerranéen : milieux naturels et culturels*. París:93-116.
- D'ERRICO, F., SACCHI, D., VANHAEREN, M. 2002. Analyse technique de l'art gravé de Fornols-Haut, Campôme-France. Implications dans la datation des représentations de style paléolithique à l'air libre. En D. Sacchi ed. *L'art. Paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme. pp. 75-86.
- DIEZ CORONEL I MONTULL, L. 1987. La roca con grabados de Mas de N'Olives, en Torreblanca (Lérida). *Ars Praehistórica*, V/VI:71-102.
- DOMÍNGUEZ, A. 2005. *Memoria final de la prospección intensiva y documentación de arte rupestre en la ZEPa de la Serena: términos municipales de Puebla de Alcocer, Esparragosa de Lares y Campanario*. Inédita.
- DOMINGO, I. 2005. Las formas de representación de la figura humana. *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*, pp. 279-291.
- DORN R. I. 1997. Constraining the age of the Côa valley (Portugal) engraving with radiocarbon dating. *Antiquity* 71 pp. 105-115.
- ECO, U. 1990. *Os Limites da Interpretação*, Lisboa, Difel.
- ESCUDEIRO LACUSSANT, G. 1900. Los Infantes de Lara. Historia y tradición, *Recuerdo de Soria*, núm. 7 (2^a. ép.), pp. 13-17, Soria.
- ESPARZA ARROYO, A. 1977. El castro zamorano del Pedroso y sus insculturas, *Boletín del Seminario de Arte y Arqueología*, XLIII, pp. 27-39, Valladolid.
- ESTEVEZ ESCALERA, J., GASSIOT BALLBÉ, E. 2002. El cambio en sociedades cazadoras litorales: tres casos

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- comparativos. *Rampas*, V. Cádiz:43-83.
- FABIÁN GARCÍA J. F. 1985. El cerro del Berrueco. *Revista de Arqueología*. N.º 56. pp. 6-17.
- 1986. La industria lítica del yacimiento de la Dehesa en El Tejado de Béjar (Salamanca). Una Industria de tipología magdalenense en la Meseta. *Numantia* n.º 2, pp. 101-143.
- 1997. La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El yacimiento de la Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdalenense final. In R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ. Eds.: *II Congreso de Arqueología Peninsular, Tomo I – Paleolítico y Epipaleolítico*, Zamora, 24-27/09/1996. pp. 219-237.
- FÁBREGAS VALCARCE, R., VILASECO VÁSQUEZ, X. I. 2004. El megalitismo gallego a inicios del siglo XXI, *Mainake*, XXVI, Málaga, pp. 63-87.
- FERNANDES, A. P. B. 2003. O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, pp. 5-47.
- 2004. O Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objetivos e ações concretas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, pp. 5-37.
- 2005. Programa de conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), pp. 159-166.
- 2006. Understanding an Unique Conservation Work Environment: The Case of the Côa Valley Rock Art Outcrops. In RODRIGUES, J. D. ; MIMOSO, J. M., (ed.), *Theory and Practice in Conservation: A Tribute to Cesare Brandi (Proceedings of the International Seminar)*, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa, p. 323-332.
- FERNANDES, A. P. B., MARQUES, M. L., RODRIGUES, M., BLANES, F., COSTA, C. En prensa. Estudo das formas de degradação de fílitos com gravuras rupestres no Vale do Côa. In *Actas do VII Congresso Nacional de Geologia*, Universidade de Évora, Évora, 2006.
- FERNÁNDEZ, M. 2006. *Memoria final de la prospección en el área interior del Tajo Internacional*. TT. MM.: Ceclavín, Zarza la Mayor y Acehuche. Inédita
- FERNÁNDEZ, M., GIRÓN, M., CRIADO, A. 2004. *Memoria de los trabajos de prospección en el Parque Natural de Monfragüe*. Inédita.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., GARCÍA, R. M. 2002. El contexto arqueológico de la Cova dels Cavalls: poblamiento prehistórico y Arte Rupestre en el tramo superior del Riu de les Coves. En R. MARTÍNEZ y V. VILLAVARDE (Coor.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre. Museu de la Valltorta, 1, 49-73. Valencia: Generalitat Valenciana.
- FERNÁNDEZ, J., GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., PÉREZ, R. 2005. Nuevos datos sobre el Neolítico en el Maestrazgo: el Abric del Mas de Martí (Albocàsser). *III Congresos del Neolítico en la Península Ibérica*: 879-887. Santander. 2003.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., LÓPEZ FERNÁNDEZ, M.ª T. 1990. Secuencia cultural de El Raso de Candelada (Ávila), *Nvmantia*, III, pp. 95-124, Valladolid.
- FERNÁNDEZ MARTÍNEZ, V. M., RUIZ ZAPATERO, G. 1984. El análisis de territorios arqueológicos: una introducción crítica. *Arqueología Espacial*. Teruel. 1, pp. 55-71.
- FERNÁNDEZ-TRESGUERRES, J. 1980. *El aziliense en las provincias de Asturias y Santander*. Santander.
- FERREIRA, A. de B. 1978. *Planaltos e montanhas do Norte da Beira: Estudo de geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FERREIRA DA SILVA, A., RIBEIRO, M. L. 1991. Carta geológica de Portugal. *Notícia explicativa da folha 15-A, Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- FINN, P.; HALL, N. 1996. Removal of iron fastenings and iron stains from sites in the Grampians. In THORN, A.; BRUNET, J., eds. - *Preservation of Rock Art*. Melbourne. Australian Rock Art Research Association, pp. 65-71.
- FORTEA, F. J. 1975. *Los complejos microlaminares y geométricos del Levante español*. Universidad de Salamanca.
- 1978. Arte Paleolítico del Mediterráneo español. *Trabajos de Prehistoria*. 35. pp. 99-149.
- 1981. Investigaciones en la cuenca media del Nalón, Asturias(España).Noticia y primeros resultados. *Zephyrus*, XXXII-XXXIII, pp. 5-16.
- 1989. Cuevas de La Lluera. Avance al estudio de sus artes parietales. En M. R. GONZÁLEZ MORALES ed. *“Cien años después de Sautuola. Estudios en homenaje a Marcelino Sanz de Sautuola en el Centenario*

- de su muerte". *Diputación Regional de Cantabria. Santander*. pp. 189-202.
- . 1990. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1980-1986. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 55-68.
- . 1992. Abrigo de La Viña. Informe de las campañas 1987-1990. *Excavaciones Arqueológicas en Asturias* pp. 19-28.
- . 1994. Los "santuarios" exteriores en el Paleolítico cantábrico. *Complutum*, n° 5. pp. 203-220.
- FORTEA PÉREZ, F. J., GIMÉNEZ GÓMEZ, M. 1972-73. La cueva del Toro. Nueva estación malagueña con arte paleolítico. *Zephyrus*, XXIII-XXIV: 5-17. Salamanca.
- FOSSATI, A. 1996. The Iron Age in the Rock Art of Vermelhosa, Portugal [em linha]. In *Tracce. 5. 26 de Outubro de 1996*. [citado em 17 de Fevereiro de 2003]. Disponível em <<http://www.geocities.com/RainForest/3982/coaferro.html>>.
- FRADE, H. 1998. Ara a Júpiter da *Civitas Coberlcorum*. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 58, p. n° 266.
- FRADKIN, A. ANATI, E. 2001. *Valcamonica preistorica: Guida ai parchi archeologici*. Capo di Ponti: Centro Camuno di Studi Preistorici.
- FREITAS, A., SANTOS, M. F., ROLÃO, J. M. F. 1994. Notícia preliminar sobre "Fraga das Passadas" (Valpaços, Portugal), *Zephyrus*, vol. XLVIII, Salamanca, pp. 353-363.
- FULLOLA, J. M., VIÑAS, R. 1985. El primer grabado parietal naturalista en cueva de Cataluña: la Cova de la Taverna (Margalef de Montsant, Priorat, Tarragona). *Caesaraugusta*, 61-62: 67-78.
- FULLOLA PERICOT, J. M., VIÑAS R., GARCÍA ARGUELLES, P. 1990. La nouvelle plaquette gravée de Sant Gregori (Calatogne, Spagne). *L'Art des Objets au Paléolithique. Tome 1. L'art mobilier et son contexte*. pp. 279-286.
- GARCÍA, J. J. 1997. La pintura rupestre esquemática en la provincia de Cáceres. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 119-140.
- GARCÍA, N., ARSUAGA, J. L. 2003. Last Glaciation cold-adapted faunas in the Iberian Peninsula. En J. REUMER, J. de Vos y D. MOL eds. *Advances in Mammoth Research*. Róterdam. pp. 159-170.
- . 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En 32. 000 BP: *Una odisea en el tiempo*. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico. pp. 123-144.
- GARCÍA DÍEZ M., AUBRY T. 2002. Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): la estación arqueológica de Fariseu. *Zephyrus* 55, 2002, pp. 157-182.
- GARCÍA DÍEZ, M., ABARQUERO MORAS, J. L., GÓMEZ-BARRERA, J. A., PALOMINO LÁZARO, A. e. p. Las pinturas rupestres de la Covacha de Las Cascarronas (Becerril del Carpio, Palencia), *Sautuola*, en prensa.
- GARCÍA DÍEZ, M., LUÍS, L. 2003. José Alcino Tomé e o último ciclo artístico rupestre do Vale do Côa: um caso de etnoarqueologia, *Estudos Pré-Históricos*, Vol. X-XI, 2002-2003, CEPBA, Viseu, pp. 199-223.
- GARCÍA DÍEZ, M., MARTÍN I UIXAN, J., GENE, J., VAQUERO, 2002. La plaqueta grabada del Molí del Salt (Vimbodí, conca de Barberá) i el grafisme paleolític/epipaleolític a Catalunya. *Cypselà*, 14; pp. 159-173.
- GARCÍA DÍEZ, M., RODRIGUES, A. F. C., MAURÍCIO, J. M. G.. 2001. *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*, Crivarque (Relatório não publicado, entregue ao IPA em Dezembro de 2001).
- GARCÍA ROBLES, M^a. R. 2003. *Aproximación al territorio y el hábitat del Holoceno inicial y medio. Datos arqueológicos y valoración del registro gráfico en dos zonas con Arte levantino. La Rambla Carbonera (Castellón) y la Rambla Seca (Valencia)*. Tesis doctoral inédita. Universitat de Valencia.
- GARCÍA ROBLES M. R., VILLAYERDE BONILLA, V. 2002. Quelques conventions caractéristiques des niveaux anciens du Parpalló. Les graphismes du Gravettien et du Solutréen ancien, comparaison avec l'art rupestre du Côa. In: *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image. Tautavel- Campôme, 7-9 octobre 1999*, UMR 5590 du CNRS – Tautavel. D. Sacchi (dir.). GAEP & GÉOPRÉ (ed.). pp. 59-64.
- GARRIDO, R., GUTIÉRREZ, E., RODRÍGUEZ, F. J. 2000. Grabados rupestres al aire libre en el entorno de Tiermes. Algunas consideraciones respecto a su cronología y contexto cultural. *Actas Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo, ed. en Cd-Rom, ponencia 23.
- GARRIDO PENA, R.-MUÑOZ LÓPEZ-ASTILLEROS, K. 2000. Visiones sagradas para los líderes. Cerámicas campaniformes con decoración simbólica en la Península Ibérica. *Complutum*, 11:285-300.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GEERTZ, C. 1973. *The Interpretation of Cultures*, Basic Books, New York
- GIRÓN, M., FERNÁNDEZ, M. 2003. *Prospección, catalogación e inventario de pintura rupestre en la Siberia Extremeña (Sector Sur)*. Inédita.
- GOMES, M. V. 1983. Arte esquemática do Vale do Tejo. *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 277-285.
- 1989 a. A arte rupestre do Vale do Tejo. Um santuario pré-histórico. *Cuadernos de San Benito*, vol. 2; pp. 49-75.
- 1989b. Arte rupestre e contexto arqueológico, *Almensor*, vol. 7, Montemor-o-Novo; 225-269.
- 1990. A rocha 49 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinámico da arte do Vale do Tejo. *Homenagen a J. R. dos Santos Junior*. Lisboa, vol. I:151-177.
- 1997. Megalitismo do Barlovento algarvio. Nova síntese. *Setúbal Arqueológica*, vols. 11-12. 1997; pp. 147-190.
- 1999. *Gruta do Escoural*. IPAR, Lisboa.
- 2000. A Rocha 175 de Fratel-Iconografia e interpretação. *Estudos Pré-históricos*, vol. VIII;81-112.
- 2001. Arte rupestre do vale do Tejo (Portugal). Antropomorfos (estilos, comportamientos, cronologías e interpretações). *Semiótica del arte prehistórico. Servicio de estudios valencianos. Serie Arqueológica* nº 18, pp. 53-88
- 2002. Arte rupestre em Portugal, perspectiva sobre o último século, *Arqueologia & História*, 54, Lisboa, pp. 139-194.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L., 1989. A mais antiga representação de Equus do Vale do Tejo. *Almensor. Revista de Cultura*, nº 7: 167-210.
- GÓMEZ BARRERA, J. A. 1982. *La Pintura Rupestre Esquemática en la Altimeseta Soriana*, Excmo. Ayuntamiento de Soria, Soria.
- 1984-1985. El abrigo de La Peña de los Plantíos: nuevo hallazgo de pinturas rupestres esquemáticas en Fuentetoba (Soria), *Ars Praehistorica*, t. III-IV, pp. 139-180, Sabadell.
- 1988. D. Teógenes Ortego Frías y su aportación al estudio del arte rupestre postpaleolítico en la Península Ibérica, *Celtiberia*, 75, pp. 47-77, Soria.
- 1989. Las pinturas rupestres del Abrigo II del Barranco de Valdecaballos (Valonsadero, Soria), *Boletín de la Asociación Española de Arte Rupestre*, 2, pp. 3-10, Barcelona.
- 1990. Pintura Rupestre Esquemática en Soria, significado e interpretación, en J. L. Argente Oliver (Coord.), *Arte Prehistórico de la Provincia de Soria*, Museo Numantino-Junta de Castilla y León, Soria, 1990, p. 59-78.
- 1992. *Grabados Rupestres Postpaleolíticos del Alto Duero*, Serie de Investigación, 1, Museo Numantino, Caja Salamanca y Soria-Junta de Castilla y León, Soria, 408 págs.
- 1993. *Arte Rupestre Prehistórico en la Meseta Castellano-Leonesa*, Junta de Castilla y León, Valladolid, 263 págs.
- 1997. Arte Rupestre en Castilla y León: catalogación, gestión y nuevas investigaciones, *Extremadura Arqueológica*, VII, p. 53-71, Cáceres-Mérida.
- 1997b. El problema de la autenticidad de los grabados de la cueva de Las Salinas, en San Esteban de Gormaz (Soria), *II Congreso de Arqueología Peninsular*, Zamora (1996), t. II, pp. 647-659.
- 1999. *La Cueva de Las Salinas de San Esteban de Gormaz. Documentación y estudio de sus grabados rupestres*, Ayuntamiento de San Esteban de Gormaz, Salamanca.
- 2000. Arte Rupestre Esquemático en la Meseta Castellano-Leonesa, *Actas do 3.º Congresso de Arqueología Peninsular*, vol. IV, pp. 503-523, Porto.
- 2001 a. Las pinturas rupestres esquemáticas de La Cerrada de la Dehesa y de Los Callejones (Fuentetoba, Soria), *Quaderns de Prehistoria I Arqueologia de Castelló*, 22, pp. 73-87, Castellón.
- 2001 b. *Ensayos sobre el Significado y la Interpretación de las Pinturas Rupestres de Valonsadero*, Excma. Diputación Provincial, Soria, 295 págs.
- 2001 c. *Pinturas Rupestres de Valonsadero y su entorno*, Caja Rural, Soria, 255 págs.
- 2004. El grabado como manifestación artística en la Prehistoria peninsular, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 1, Murcia, pp. 25-55.
- 2005. La pintura rupestre esquemática como acción social de los grupos agroganaderos en la meseta castellano-leonesa, *Cuadernos de Arte Rupestre*, 2, Murcia, pp. 11-58.

- 2006. Grabados rupestres en el interior peninsular. Galería del Sílex, Cueva Maja y La Sala de la Fuente como paradigmas de investigación, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, Almería, mayo de 2004.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., FERNÁNDEZ MORENO, J. J. 1991. Dos nuevos abrigos con pinturas rupestres esquemáticas en El Cubillejo (Valonsadero, Soria). *Soria Arqueológica*, 1, pp. 103-120, Soria.
- GÓMEZ-BARRERA, J. A., ROJO GUERRA, M., GARCÍA DíEZ, M. 2005. Las pinturas rupestres del Abrigo de Carlos Álvarez o Abrigo de la Dehesa (Miño de Medinaceli, Soria), *Zephyrus*, LVIII, pp. 223-244.
- GONÇALVES, M. E. (coord.) 2001. *O Caso de Foz Côa: Um Laboratório de Análise Sociopolítica*, Edições 70, Lisboa, 271 p.
- GONZALEZ CORDERO, A., ALVARADO GONZALO, M. 1992. Nuevas pinturas rupestres en Extremadura. Pintura naturalista en el entramado esquemático de Las Villuercas -Cáceres- *Revista de Arqueología*, 143. Madrid, 18-25.
- GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Las pinturas rupestres de Peña Mingubela (Ávila), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 43-62, Salamanca.
- GONZÁLEZ SAINZ, C. 1989. *El Magdalenense Superior-Final de la región cantábrica*. Tantín-Universidad de Cantabria. Santander.
- 1993. En torno a los paralelos entre el Arte Mobiliario y el Rupestre. *Veleia*, T. 10. Vitoria. pp. 39-56.
- 1999. Sobre la organización cronológica de las manifestaciones gráficas del Paleolítico superior. Perplejidades y algunos apuntes desde la región cantábrica. En R. CACHO y N. GÁLVEZ, *32.000 BP: Una odisea en el tiempo. Reflexiones sobre la definición cronológica del arte parietal paleolítico*. pp. 123-144.
- 2005. Actividad gráfica magdaleniense en la región cantábrica. Datación y modificaciones iconográficas. En N. F. BICHO ed. *O Paleolítico. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. pp. 157-181.
- GONZÁLEZ SAINZ, C., SAN MIGUEL, C. 2001. *Las cuevas del Desfiladero. Arte rupestre paleolítico en el valle del río Carranza (Cantabria-Vizcaya)*. Santander.
- GONZALO, F. 1970. Arte rupestre en la provincia de Segovia. *Revista Ejército*, nº 370. pp. 5-9.
- GRANDE DEL BRÍO, R. 1978. Las pinturas rupestres del Risco de los Altares (Salamanca), *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 235-248.
- 1979. Las pinturas rupestres de la Sierra de las Quilamas (Salamanca), *Estudios dedicados a Carlos Callejo Serrano*, Cáceres, pp. 371-378.
- 1982. Descubrimiento de pinturas rupestres en la Sierra de la Culebra *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, pp. 145-148.
- 1987. *La pintura rupestre esquemática en el Centro-Oeste de España (Salamanca y Zamora). Ensayo de interpretación del arte esquemático*, Diputación de Salamanca, Salamanca.
- 1997. *Eremitorios altomedievales en las provincias de Salamanca y Zamora. Los monjes solitarios*, Librería Cervantes, Salamanca.
- GRANDE DEL BRÍO, R., GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. J. 1980. Hallazgo de pinturas rupestres en el valle de Lera (Salamanca), *Zephyrus*, XXX-XXXI, pp. 63-72.
- GRAZIOSI, P. 1964. L'Art paleolithique de la Province Méditerranéenne et ses influences dans les temps post-paleolithiques. *Prehistoric art of the western mediterranean and the sahara. Viking Fund Publications in Anthropology*, nº 39, pp. 35-46.
- GROUPE DE RÉFLEXION sur les méthodes d'étude de l'art pariétal paléolithique, 1993. *L'art pariétal paléolithique : Techniques et Méthodes d'Etude*. Comité des travaux Historiques et Scientifiques, Paris, Ministère de l'Enseignement Supérieur et de la Recherche.
- GUERRA, A. M. R. 1998. *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente peninsular*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (tese de dissertação de doutoramento).
- GUILLEM, P. M., MARTÍNEZ VALLE, R., MELIÀ, F. 2001. Hallazgo de grabados rupestres de estilo paleolítico en el norte de la provincia de Castellón: el Abric d'en Melià (Serra d'en Galceran). *Saguntum-PLAV*, 33: 133-140.
- GUIMARÃES, J. A. G. 1995. Arqueologia do Vale do Côa: a estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:4 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular: Actas 8, pp. 569-575.
- GUSI, F. 1975. Un taller bajo abrigo en la 2.ª cavidad del Cingle de l'Ermita (Albocàsser). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonense*, 2: 39-63.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A., AVELLÓ ÁLVAREZ, J. L. 1986. *Las pinturas rupestres esquemáticas de Sésamo, Vega de Espinareda (León)*, Monografías del Centro de Investigación y Museo de Altamira, 12, Madrid.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- GUY, E. 1993. Enquête stylistique sur l'expression figurative épipaléolithique en France: de la forme au concept. *Paleo*, 5: 333-373.
- 1997. Enquête stylistique sur cinq composantes de la figuration Epipaléolithique en France. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94. 3, 309-313.
- 2002. Contribution de la Stylistique à l'Estimation Chronologique des Piquetages Paléolithiques de la vallée du Côa (Portugal) in SACCHI, D. (dir.), *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image (Tautavel – Campôme, 7 – 9 octobre 1999)*, GAEP & GÉOPRÉ, pp. 65-72.
- HEIDEGGER, M. 1998. *El Ser y el Tiempo*, Madrid, Fondo de Cultura Económica.
- HELKOG, K. 1999. The Shore Connection. Cognitive Landscape and communication with Rock Carvings in Northernmost Europe, *Norwegian Archaeological Review*, vol. 32, n° 2, pp. 73-93
- HERNÁNDEZ PÉREZ, M. S. 2006. Artes esquemáticos en la Península Ibérica: el paradigma de la pintura esquemática, in J. MARTÍNEZ GARCÍA e M. S. HERNÁNDEZ PÉREZ (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 13-32.
- HERNÁNDEZ, M. S., FERRER, P., CATALÁ, E. 1988. *Arte rupestre en Alicante*. Alicante.
- HERNÁNDEZ PACHECO, E. 1919. *La caverna de la Peña de Candamo (Asturias)*. Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, 24, Madrid, 281 pp.
- HESJEDAL, A. 1995. Rock art, time and social context, in K. Helkog e B. Olsen (eds.), *Perceiving Rock Art: Social and Political Perspectives*. Instituttet for sammenlignende Kulturforskning, Oslo, pp. 200-206.
- HOCKETT, B. S., BICHO, N. F. 2000. Small mammal hunting during the late upper paleolithic of central Portugal. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto: 415- 424.
- IACOLEVA, L., PINÇON, G. 1997. *La frise sculptée du Roc-aux-Sorciers*. CTHS, 168 pp.
- IBERO, J. M. 1923. El Paleolítico de Oña y sus alrededores. *Razón y Fé*, t. 67.
- INGOLD, T. 1993. The temporality of the landscape. *World Archaeology*, vol. 25, n° 2, pp. 152-174.
- IN SITU 2005. *Estudo prévio de conservação das rochas gravadas do núcleo de arte rupestre da Penascosa - Parque Arqueológico do vale do Côa (PAVC)*. Relatório entregue pela In Situ, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- JIMÉNEZ GUIJARRO, J. 2001. El Parral (Segovia). Caracterización del epipaleolítico del interior peninsular. *Estudios de Prehistoria y Arqueología madrileñas*, 11:37-44.
- JIMENO MARTÍNEZ, A. 1985. Prehistoria, en J. A. Pérez Rioja (Coord.): *Historia de Soria*, vol. I, pp. 85-121, Soria.
- JORDA, F. 1955. Sobre la edad solutrense de algunas pinturas de la cueva de la Pileta. *Zephyrus*, VI: 131-143. Salamanca.
- 1964. El arte rupestre paleolítico en la región cantábrica: nueva secuencia cronológica cultural. En PERICOT, I. y RIPOLL, E. eds. "Prehistoric Art of the Western Mediterranean and the Sahara". Wenner-Gren Foundation, New York. Barcelona. pp. 47-82.
- 1965. Sobre técnicas, temas y etapas del Arte Paleolítico de la Región Cantábrica. *Zephyrus*, XV. Salamanca. pp. 5-25.
- 1978a. Los estilos en el arte parietal del magdalense cantábrico. *Curso de Arte Rupestre Paleolítico*. Univ. Intern. Menéndez Pelayo, Santander. pp. 79-130.
- 1978 b. El arte de los pueblos agricultores, ganaderos y metalúrgicos, en *Historia, I: La Antigüedad*, Ed. Alambra, pp. 144-148, Madrid.
- JORDA PARDO, J. F., GARCÍA, M. A., PÉREZ, C., SÁNCHEZ-MONGE, M., ESTRADA, R., BENITO, F., SÁNCHEZ, B. 1989. Investigaciones Prehistóricas en el Alto Valle del Jarama (Valdesotos, Guadalajara). *Revista de Arqueología*. n° 94, pp. 61-62.
- JORDA PARDO, J., PASTOR MUÑOZ, F., RIPOLL LÓPEZ, S. 1999. Arte rupestre paleolítico y postpaleolítico al aire libre en los Montes de Toledo occidentales (Toledo, Castilla-La Mancha) :noticia preliminar. *Zephyrus*, 52. Salamanca: 281-296.
- JORGE, S. O. 1991. A ocupação do espaço no Norte de Portugal durante o III° - inícios do II° milénio A. C., in V. O. JORGE and S. O. JORGE (eds), *Incursões na Pré-história*, Fundação Eng. António de Almeida, Porto, pp. 299-380.
- JORGE, V. O. 1983: Gravuras portuguesas. *Zephyrus*, XXXVI. Salamanca; pp. 53-61.
- 1987. Arte Rupestre en Portugal. *Revista de Arqueología*, n° 76, Agosto. pp. 10-19.
- JORGE, S. O. 1999. *Domesticar a Terra*. Trajectos Portugueses, Gradiva, Lisboa.
- JORGE, V. O Ed. 1995. Dossier Côa. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia XXXV-4*. Porto. pp. 311-896.

- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., SANTOS SILVA, M., LEITE DA CUNHA, A. 1988. O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, Porto, pp. 109-130.
- JORGE, V. O., BAPTISTA, A. M., SANCHES, M. J. 1988b. A Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) – Arte rupestre e ocupação Pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28 (1-2), SPAE, Porto, pp. 201-233.
- JORGE, S. O., JORGE, V. O., ALMEIDA, C. A. F. DE., SANCHES, M. J., SOEIRO, M. T. 1981. Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo da Espada a Cinta). *Arqueologia*, Porto, n° 3. pp. 3-12.
- 1982. Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo da Espada a Cinta (Portugal). *Zephyrus XXXIV-XXXV*. pp. 65-70.
- JORGE, V. O., JORGE, S. O., SANCHES, M. J., RIBEIRO, J. P. 1981-82. Mazouco (Freixo-de-Espada à Cinta). *Nótula arqueológica. Portugalia, nova serie, II/III*. pp. 143-145.
- KNAPP, A. B., ASHMORE, W. 1999. *Archaeologies of Landscape. Contemporary Perspectives*. Blackwell Publishers, Oxford.
- LALANNE, G., BREUIL, H. 1911. L'Abri sculpté de Cap-Blanc à Laussel (Dordogne). *Rev. L'Anthropologie*, t. 22. pp. 385-402.
- LAMING-EMPERAIRE, A. 1962. *La signification de l'art rupestre paléolithique: Méthodes et applications*. Impr. Picard et Cie. Paris.
- LANHAS, F. 1969. As gravuras rupestres de Montedor. *Revista de Etnografia*, 13 (2), pp. 367-386.
- LARRÉN, H. 1986. *Informe preliminar sobre las pinturas rupestres del Risco de La Zorrera (Candelada, Ávila)*, Museo de Ávila-Delegación Territorial de Cultural.
- LAYTON, R. 1991. *The Anthropology of Art*, Cambridge University Press, Cambridge.
- 2001. Ethnographic study and Symbolic Analysis, in Whitley, D. S. (ed.), *Handbook of Rock Art Research*, Altamira Press, Walnut Creek e Oxford, pp. 311-331.
- LEAL, A.S.A.B.P. 1886. s. v. Villa Nova de Foscoa. In *Portugal antigo e moderno*. 11. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, pp. 829-849.
- LEJEUNE, M. 1996. L'art pariétal de la grotte d'Escoural. M. Otte y C. da Silva : *Recherches préhistoriques à la grotte d'Escoural, Portugal*. ERAUL, 65 :135-240.
- LE MOS, F. S. 1993. *Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental*. Tese de dissertação de doutoramento, Universidade de Braga.
- 1995. Dossier Côa I: O relatório de impacte patrimonial (1989), *Forum*, 15/16, Jan.-Jun. 1994, Universidade do Minho, Braga, p. 141-156.
- LE MOS, F. S., CRUZ, G. 2006. *Muralhas e guerreiros na Proto-histórica do Norte de Portugal e Beira Interior Norte*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- LEROI-GOURHAN, A. 1958a. La fonction des signes dans les sanctuaires paléolithiques. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 307-321.
- 1958b. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 384-398.
- 1958c. Répartition et groupement des animaux dans l'Art pariétal paléolithique. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. LV. pp. 515-522.
- 1965. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 1.^a edición, Mazenod. Paris.
- 1968. Le symbolisme des grands signes dans l'art pariétal paléolithique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 55 (7-8), Paris, pp. 384-398.
- 1970. Résumé des cours 1969-70: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. Paris. pp. 367-376.
- 1971. *Préhistoire de l'Art Occidental*. 2.^a edición aumentada, Mazenod. Paris.
- 1972. Considerations sur l'organisation spatiale des figures animales dans l'art pariétal paléolithique", *Santander Symposium – Actas del Symposium Internacional de Arte prehistórico*, Santander, UISPP, pp. 281-308.
- 1974. Résumé des cours 1973-74: Préhistoire. *En Annuaire du Collège de France*. Paris. pp. 381-388.
- 1981. Les signes pariétaux comme marqueurs ethniques. *Altamira Symposium. Madrid-Asturias-Santander 1979*. Ministerio de Cultura. Madrid, pp. 164-168.
- 1984. Reflexiones Metodológicas en Torno al Arte Paleolítico", *Simbolos, Artes y Creencias de la Prehistoria*, Madrid, Ediciones Istmo [Artes, Técnicas, Humanidades, 3], pp. 414-436.
- 1992. *L'art pariétal. Langage de la préhistoire*. Grenoble. Jérôme Millon.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- . 1995. *Préhistoire de l'Art Occidental*, Paris, Citadelles et Mazenod [primeira edição: 1965].
- LEWIS-WILLIAMS, J. D., DOWSON, T. A. 1988. Entoptic phenomena in Upper paleolithic art. *Current Anthropology*, 29. 2:201-245.
1993. On vision and power in the Neolithic: evidence from decorated monuments. *Current Anthropology*, 34. 1:55-65.
- LOMBA, J., MARTÍNEZ, M., MONTES, R., SALMERON, J. 1995. *Historia de Cieza. Cieza prehistórica. De la depredación al mundo urbano*. Ed. Campobell. Volumen I. Murcia. 235 págs.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F. 1943. Las insculturas de Outeiro da Cruz, *Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense*, vol. I, pp. 95-101.
- . 1951. La clasificación tipológica del arte rupestre del Noroeste Hispánico y una hipótesis sobre la cronología de alguno de sus tipos, *Zephyrus*, vol. II, Salamanca, pp. 73-81.
- LÓPEZ JIMÉNEZ, O. BENET, N. 2005. La edad del Hierro en el área Sudoccidental de la meseta Norte: Organización social, explotación y ocupación del territorio. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 95-116.
- LORBLANCHET M. 1995. *Les grottes ornées de la Préhistoire*. Nouveaux regards. Eds Errance, Paris, 1995.
- . 2002. De l'art des grottes à l'art de plein air au Paléolithique. *L'art paléolithique à l'air libre. Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: 97-112.
- LORBLANCHET, M., BAHN, P. 1993. *Rock art studies. The Post-Stylistic era or were do we go from here?* Oxford Monographs. 35.
- LORENZO-RUZA, R. S. 1951. Petroglifos e labirintos, *Revista de Guimarães*, vol. 61 (3-4), Guimarães, pp. 378-393.
- LOUREIRO, L. F. 2006. O santuário rupestre do Penedo da Moura, *Al-madam. Adenda electrónica*, n° 14, IV, pp. 1-6, disponível em Maio de 2007, no site www.almadam.cidadevirtual.pt ou www.almadam.publ.pt.
- LUCAS PELLICIER, R. 1971. Pinturas rupestres del Solapo del Águila (Río Duratón, Segovia), *Trabajos de Prehistoria*, 28, pp. 119-152, Madrid.
- . 1981. Aproximación al conocimiento de las estaciones rupestres y de la pintura esquemática en el Barranco de Duratón (Segovia), *Altamira Symposium*, pp. 505-526.
- LUÍS, L. 2000. Patrimoine archéologique et politique dans la vallée du Côa au Portugal, *Les Nouvelles de l'Archéologie*, 82: 4e trimestre, Paris, pp. 47-52.
- . 2005. Arte rupestre e ocupação humana no Vale do Côa: Balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa. *Côavisão*. Vila Nova de Foz Côa. 7 Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, pp. 31-60.
- MACWHITE, E. 1951. *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*, Seminario de Historia Primitiva del Hombre, Madrid.
- MAESTRO GONZÁLEZ, A. 2004. *Estructura y evolución alpina de la Cuenca de Almazán (Cordillera Ibérica)*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. "Temas Sorianos", núm. 48, Soria, 410 págs.
- MAESTRO ZALDIVAR, E. M. 1989. *Cerámica ibérica decorada con figura humana*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza Monografías arqueológicas 31.
- MARCO SIMÓN, F. 2005. Religion and Religious Practices of the Ancient Celts of the Iberian Peninsula. *e-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 287-345. [Disponível em http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/6_6].
- MARQUES, J. A. M. 1986. As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção. *Revista de Ciências Históricas*, vol. 1. Universidade Portuquense, Porto, pp. 11-29.
- MARTÍN, E. 1981. Arte rupestre paleolítico en la Meseta. *Memoria de Licenciatura inédita*, Valladolid.
- MARTÍN VALLS, R. 1983. Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos, *Zephyrus*, XXXVI, pp. 217-231, Salamanca.
- MARTÍN, E., MOURE, J. A. 1981. El grabado de estilo paleolítico de Domingo García (Segovia). *Trabajos de Prehistoria*. 38. pp. 97-108.
- . 1988. El Arte Rupestre de Domingo García (Segovia). *Revista de Arqueología*, n° 87, Julio. pp. 16-24.
- MARTÍN, E., ROJO, A., MORENO, M. A. 1986. Hábitat postmusteriense en Mucientes (Valladolid). *Numantia*, II. pp. 87-100.
- MARTÍNEZ GARCÍA, J. 1986-87. Un grabado paleolítico al aire libre en Piedras Blancas (Escullar, Almería). *Ars Praehistorica*, V- VI. pp. 49-58.

- 1987. Reproducción y estudio directo del arte rupestre en la vertiente meridional de la Sierra de los Filabres. *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1987, T. II. Sevilla. pp. 395-397.
- 1992. Arte Paleolítico en Almería. Los primeros documentos. *Revista de Arqueología*, n° 130. pp. 24-33.
- 1995. Grabados prehistóricos, grabados históricos: reflexiones sobre un debate a superar, *Revista de Arqueología*, 172, pp. 14-23, Madrid.
- 1998. Abrigos y accidentes geográficos como categorías de análisis en el paisaje de la pintura rupestre esquemática. El sudeste como marco, *Arqueología Espacial* 19-20, pp. 543-561, Teruel.
- 2002. Pintura rupestre esquemática: el panel, espacio social”, *Trabajos de Prehistoria* 59-1, pp. 65-87, Madrid.
- 2003. Arte rupestre levantino: la complejidad de una confluencia espacio-temporal con el arte macroesquemático y esquemático en el proceso de “neolitización. *III Congreso Neolítico de la Península Ibérica*. 2003, Santander.
- 2005. Compartir el tiempo y el espacio: pinturas rupestres postpaleolíticas del levante peninsular. En *Arte Rupestre en la Comunidad Valenciana*. Ed. Generalitat Valenciana. 179-193. Valencia.
- MARTÍNEZ, M. I., COLLADO, H. 1997. Arte rupestre en la provincia de Badajoz. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 151-173.
- MARTÍNEZ SANCHEZ, C., NICOLÁS DEL TORO, M., GARCÍA BLÁNQUEZ, L. A., PONCE GARCÍA, J. 2006, Figuras esquemáticas pintadas procedentes de una sepultura de finales del III milenio en Lorca (Murcia), in J. Martínez García e M. S. Hernández Pérez (eds.), *Arte rupestre Esquemático en la Península Ibérica*. Comarca de Los Vélez, pp. 513-520.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM CALATAYUD, P. M. 2005. Arte rupestre de l’Alt Maestrat; las cuencas de la Valltorta y de la Rambla Carbonera. En M. S. Hernández Pérez y J. A. Soler Díaz (Eds.) *Arte rupestre en la España mediterránea: actas del Congreso Alicante (25-28 de octubre de 2004)*: 71-88. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura “Juan Gil-Albert”, Caja de Ahorros del Mediterráneo.
- MARTÍNEZ VALLE, R., GUILLEM, P. M., CUEVAS, R. (e. p.). Arte rupestre y poblamiento prehistórico en el territorio de Valltorta-Gassulla. *IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*. 27 al 30 de Noviembre 2006. Alicante.
- MARTÍNEZ VALLE, R., CALATAYUD, P. G., VILLAVERDE, V. 2003. Las figuras grabadas de estilo paleolítico del Abric D’en Meliá (Castelló). En: R. de Balbín y P. Bueno eds: *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. pp. 279-290.
- MARTÍNEZ VALLE, R., VILLAVERDE, V. 2002 *La cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Museu de la Valltorta.
- MARTINS, A. 2006. Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã da Rapada, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 9, n° 1, Lisboa, pp. 47-70.
- MARTINS, C. M. B. 2006. *Proto-história e romanização no monte da Sra. do Castelo (Urros, Torre de Moncorvo*. Comunicação apresentada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Debates no Vale do Côa, em Pinhel, a 17 de Maio.
- MARTZLUFF, M., JOUY-AVANTIN, F., FABRE, B., BLAIZE. 2005. Nouvelles gravures rupestres au Pla de Vall en So (Conflent, P-O). *Roches ornées, roches dressées: colloque en homage à Jean Abélanet*. Perpignan, 24-25 Mai 2001, A. A. P.-O, Presses Universitaires, Perpignan. pp. 171-184.
- MAS CORNELLÀ, M. 1986-1987. Los grabados de la cueva del Arco (Conjunto rupestre del Tajo de las Figuras) y el abrigo del Tajo de Albarianes (Medina Sidonia, Cádiz). *Ars Præhistorica*, V-VI: 247-252. Vic.
- 1991. Documentación e investigación de las manifestaciones artísticas de las Cuevas de las Palomas. Abrigos de Bacinete y conjunto rupestre del Tajo de las Figuras (Cádiz). *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 1991, II: 99-104. Sevilla.
- MAS, M. et alii. 1997. Arte rupestre en Andalucía. Nuevas investigaciones. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 33-51.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S. 2002. Technologie et thématique de l’art rupestre paléolithique sous abris rocheux dans le sud de la péninsule ibérique (Andalousie-Espagne) . *L’art paléolithique à l’air libre*, le paysage modifié par l’image. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 87-94. Tautavel.
- MAS CORNELLÀ, M., RIPOLL LÓPEZ, S., MARTOS ROMERO, J. A., PANIAGUA PÉREZ, J. P., LÓPEZ MORENO DE REDROJO, J. R., BERGMANN, L. 1995. Estudio preliminar de los grabados rupestres de la Cueva del Moro (Tarifa, Cádiz) y el arte paleolítico del Campo de Gibraltar. *Trabajos de Prehistoria*. Vol. 52, n° 2: 61-81. Madrid.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- MAS, M., RIPOLL, S., BERGMANN, L., PANIAGUA, J. P., LÓPEZ, J. R., MARTOS, J. A. 1996. La Cueva del Moro. El arte paleolítico más meridional de Europa. *Revista de Arqueología*, 177: 14-21.
- MATEO, M. A. 2002. La llamada fase pre-levantina y la cronología del arte rupestre levantino. Una revisión crítica. *Trabajos de Prehistoria*, 59 n° 1, pp. 49-64.
- 2003. *Arte rupestre prehistórico en Albacete. La cuenca del río Zumeta*. Estudios, n° 147. Instituto de Estudios Albacetenses Don Juan Manuel. Diputación Provincial de Albacete, 236 págs.
- MATEU BELLÉS, J. F. 1982. *El norte del País Valenciano. Geomorfología litoral y prelitoral*. Universitat de Valencia.
- MEIRELES, J. 1997. Quaternário do Vale do Côa in ZILHÃO (coord.), *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa*, Ministério da Cultura, pp. 41-54.
- MEIRELES, J. ALMEIDA, F. 1998. Geologia. In ZILHÃO, J., ed. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 41-73.
- MENÉNDEZ, M. 2003. Arte prehistórico y territorialidad en la cuenca del río Sella. En: R. de Balbín y P. Bueno Eds: *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Ribadesella 2003*. pp. 185-200.
- MERCIER N., VALLADAS H., AUBRY, T., ZILHÃO J., JORONS, J. L., REYSS J. L., SELLAMI, F. e. p. Fariseu: first confirmed open-air paleolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal). *Antiquity*.
- MERCIER N., VALLADAS H., FROGET L., JORONS, J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. Application de la méthode de la thermoluminescence à la datation des occupations paléolithiques de la vallée du Côa. *Actes du Colloque: "Les premiers hommes modernes de la Péninsule ibérique"*, Vila Nova de Foz Côa, 22-24/10/1998, pp. 275-280.
- MITHEN, S. 1998. *Arqueología de la mente*. Barcelona.
- MOLINEAUX, B. L. 1997. Introduction. The Cultural life of images, in B. L. Molineaux (ed.), *The Cultural life of Images. Visual representation in Archaeology*, Routledge, London/New York, pp. 1-10.
- MONTANO, C., IGLESIAS, M. 1988. *Grabados rupestres de Alcántara*. Excmo. Ayuntamiento de Alcántara. Cáceres.
- MONTEIRO-RODRIGUES, S. 2002. Estação pré-histórica do Prazo-Freixo de Numão. *Coavisaio: Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Coa, 4: pp. 113-126.
- MONTEIRO-RODRIGUES S., ANGELUCCI D. 2004. New data on the stratigraphy and chronology of the prehistoric site of Prazo (Freixo de Numão). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 7, n° 1, pp. 39-60.
- MONTES BERNÁNDEZ, R., SALMERON JUAN, J. 1998. *Arte Rupestre Prehistórico en Murcia*, Murcia.
- MORENO, M. 1996. La mesa de los Infantes en la Sierra del Almuerzo, *Diario de Soria*, martes 30 de julio, p. 11.
- MORPHY, H. 1991. *Ancestral Connections*, Chicago University Press, Chicago.
- 1994. The Anthropology of Art, in T. Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Routledge, London/New York, pp. 648-685.
- 1998. *Aboriginal Art*, Phaidon, London/New York.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C. 2000. Cronología del arte paleolítico cantábrico: últimas aportaciones estado actual de la cuestión. *Paleolítico da Península Ibérica*. Porto:461-473.
- MOURE ROMANILLO, A., GONZÁLEZ SAINZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F., CABRERA VALDÉS, V. 1996. Dataciones Absolutas de Pigmentos en Cuevas Cantábricas: Altamira, El Castillo, Chimeneas y Las Monedas" in MOURE ROMANILLO (ed.), *"El Hombre Fósil" 80 Años Después. Homenaje a Hugo Obermaier*, Santander, Universidad de Cantabria, Fundación Marcelino Botín e Institute for Prehistoric Investigations, pp. 295-324.
- MOURE, J. A., GONZÁLEZ SAINZ, C., GONZÁLEZ MORALES, M. R. 1987. La cueva de La Haza (Ramales, Cantabria) y sus pinturas rupestres. *Veleia*, 4. Vitoria. pp. 67-92.
- MOURE, A., LÓPEZ, P. 1979. Los niveles preneolíticos del abrigo del Verdelpino (Cuenca). *XV Congreso Nacional de Arqueología*; pp. 11-124.
- MUÑOZ IBÁÑEZ, F. J., RIPOLL LÓPEZ, S., BALDELLOU MARTÍNEZ, V., AUSO, P. 2001. La Fuente del Trucho. *Bolskan* n° 18, 2001, pp. 211-224
- MURILLO, M. 1977. Hallazgos arqueológicos en Aldeacentenera. *Rev. Alcántara*, n° 188, pp. 46-48.
- NEIRA CAMPOS, A., FUERTES PRIETO, N., ERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, C., BERNALDO DE QUIRÓS, F. 2006. Paleolítico Superior y Epipaleolítico de la provincia de León. En G. Delibes y F. Díez (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española*. *Studia Archaeologica*. n° 54; pp. 113-148.
- NOVA CONSERVAÇÃO 2004. *Análise e projecto de conservação da rocha n° 1 (com gravuras) e de uma rocha-tipo no núcleo da Ribeira de Piscos*. Relatório entregue pela Nova Conservação, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de

- soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. e COSTAS GOBERNA, F. J. 2004. La fauna en los grabados rupestres de la Ribeira portuguesa del Miño, *Boletín del Instituto de Estudios Vigüeses*, ano X, n° 10, Vigo, pp. 177-204.
- NOVOA ÁLVAREZ, P. , Sanromán Veiga, J. 1999. Nuevos aportes al arte rupestre de Portugal, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europeia*, Vigo (texto da comunicación policopiado).
- NUÑEZ SOBRINO, A. 2000. Estudio preliminar, in R. SOBRINO BUHIGAS. 1935 [2000] *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*, Fac Similae, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 13-67.
- OBERMAIER, H. 1916. El Hombre Fósil. *Memorias de la Comisión de Investigaciones Prehistóricas y Paleontológicas*, n° 9. Madrid.
- 1923. Impresiones de un viaje prehistorico por Galicia, *Separata del Boletim de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, tomo VII, n° 148-149, Ourense, pp. 1-21.
1925. Die Bronzezeitlichen Felsgravierungen von Norwestspanien (Galicien), *Jahrbuch fur Prahistorische und Ethnographische Kunst*, 1. Berlin: 51-59.
- ODDY, A., CARROLL, S. eds. 1999 - *Reversibility – Does It Exist?* London: British Museum.
- OLARIA PUYOLES, C. 1988. *Cova Fosca. Un asentamiento meso-neolítico de cazadores y pastores en la serranía del Alto Maestrazgo*. Monografies de Prehistòria i Arqueologia Castellonenques, 3. Castellón.
- 1999. *Cova Matutano*. (Villafamés, Castellón). Monografías de Prehistoria i Arqueología Castellonenses, 5.
- OLÀRIA, C., GUSI, F., DÍAZ, M. 1990. El asentamiento neolítico del Cingle del Mas Nou (Ares del Maestre, Castellón). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 13, 1987-88: 95-170.
- ORTEGO FÍAS, T. 1951. Las estaciones de arte rupestre en el Monte Valonsadero de Soria, *Celtiberia*, 2, pp. 275-305, Soria.
- 1956 . Los grabados prehistóricos de la Cueva de Santa Cruz, en el término de Conquezuela (Soria), *Libro Homenaje al Conde de la Vega del Sella*, Oviedo, pp. 219-229.
- 1960. Excavaciones arqueológicas en la provincia de Soria, *Caesaraugusta*, 15-16, pp. 107-132, Zaragoza.
- PARAFITA, A. 2003. O paradoxo do Vale do Côa, *Tribuna Douro*, 2, Junho 2003, Régua, p. 37.
- PAZ PERALTA, J. A. 2000. Consideraciones en la identificación de los grabados rupestres históricos-medievales en Aragón (siglos XI-inicios del XIII), *Bara*, 3, pp. 141-162, Zaragoza.
- PEÑA SANTOS, A. DE LA. 1998. Para una aproximación historiográfica a los grabados rupestres galaicos, in F. J. Costas Goberna e J. M. Hidalgo Cuñarro (eds.), *Reflexiones sobre el arte rupestre prehistórico de Galicia*, Asociación Arqueológica Viguesa, Serie Arqueología Divulgativa, n° 4, Vigo, pp. 7-37
- 2003. Un acercamiento historiográfico a los grabados rupestres galaicos, in R. de BALBÍN BEHRMANN e P. BUENO RAMIREZ (eds.), *El Arte Prehistórico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*, Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, Ribadesella, pp. 351-390.
- 2005. Arte rupestre en Galicia, in J. M. Hidalgo Cuñarro (ed.), *Arte rupestre Pré-histórica do Eixo Atlântico*, Eixo Atlântico, pp. 3-82.
- PEÑA, A. DE LA, REY, J. M. 1993. El espacio de la representación. El arte rupestre gallego desde una perspectiva territorial. *Pontevedra. Revista de Estudios Provinciais*, 10:11-50.
- 1997a. Arte parietal megalítico y grupo galaico de arte rupestre: una revision crítica de sus encuentros y desencuentros en la bibliografía arqueológica, *Brigantium* 10, A Coruña, pp. 299-300.
- 1997b. Sobre las posibles relaciones entre el arte parietal megalítico y los grabados rupestres galaicos, in A. A. RODRÍGUEZ CASAL (ed) *O Neolítico Atlántico e as orixes do megalitismo*, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 829-838.
- 1998. Perspectivas actuales de la investigación del arte rupestre Galaico, in R. FÁBREGAS VALCARCE (ed.), *A Idade do Bronze en Galicia. Novas perspectivas*. Cadernos do Seminário de Sargadelos 77, Edicios do Castro, A Coruña, pp. 221-242.
- 2001. *Petroglifos de Galicia*. Ed. Viá Láctea.
- PEÑA SANTOS, A. DE LA, VÁZQUEZ VARELA, J. M. 1979. *Los Petroglifos Gallegos. Grabados rupestres prehistóricos al aire libre en Galicia*. Cuadernos del Seminario de estudios Cerámicos de Sargadelos 30, Edicios do Castro, A Coruña.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- PERESTRELO, M. S. G. 2003. *A Romanização na bacia do rio Côa*. [s. l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- . 2005. O Castelo dos Mouros de Cidadelhe e a Idade do Ferro no Médio Côa. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 67-92.
- PERESTRELO, M. S., SANTOS, A. T. OSÓRIO, M. 2003. Estruturas em fossa no sítio do Picoto (Guarda, Portugal). In *Pré-Actas do “Encuentro de Jóvenes investigadores sobre Bronce Final y Hierro en la Península Ibérica” Salamanca, 20 a 22 de Octubre de 2003*. Salamanca: Cátedra Condes de Barcelona Fundación Duques de Soria, pp. 156-176.
- PERICOT GARCÍA, L. 1942. *La cueva del Parpalló (Gandía)*. Excavaciones del Servicio de Investigación Prehistórica de la Excma. Diputación Provincial de Valencia. Instituto Diego Velázquez, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 349 págs., Madrid.
- PETERSON, R., MOUNTFORT, G., HOLLAM, P., GEROUDET, P. 1981. *Guides oiseaux d'Europe*. Delachaux et Niestlé. 451 pp.
- PHILLIPS, F. M., MONTGOMERY, F., ELMORE, D., SHARMA, P. 1997. Maximum Ages of the Côa Valley (Portugal) Engravings Measured with Chlorine-36. *Antiquity*. Cambridge. 71, pp. 100-104.
- PIETTE, E. 1907. *L'art pendant l'âge du renne*. Masson, Paris, 11 pp.
- PIGEAUD, R. 2004. La Grotte Ornée Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne), *Gallia Préhistoire*, 46, Paris, CNRS Éditions, pp. 1-154.
- PIGEAUD, R., VALLADAS, H., ARNOLD, M., CACHIER H. 2003. Deux datations carbone 14 en spectrométrie de masse par accélérateur (SMA9 pour une représentation pariétale de la grotte Mayenne-Sciences (Thorigné-en-Charnie, Mayenne): émergence d'un art gravettien en France septentrionale? *C. R. Palevol* 2 (203), pp. 161-168.
- PINA CABRAL, J. de 1987. Paved roads and enchanted moorlands: the perception of the past amongst the peasant population of the Alto Minho, *Man*, 22, pp. 715-735.
- . 1991. *Os contextos da Antropologia*, Memória e Sociedade, Difel.
- PINTO, R. , 1929. Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano IX, nº 62, pp. 19-26.
- PIÑÓN VARELA, F. 1982. *Las pinturas rupestres de Albaracín (Teruel)*. Centro de Investigación y Museo de Altamira. Monografía nº 6: 241 págs. Santander.
- PIÑÓN, F., BUENO, P. , PEREIRA, J. 1984. La estación de arte rupestre esquemático de la Zorrera (Mora) *Anales Toledanos*, XIX. Toledo; pp. 11-36.
- PYE, E. 2001. *Caring for the past. Issues in conservation for archaeology and museums*. London. James&James.
- QUEIROGA, F. M. V. R. 1999. Breia, EIA IC/28 (Viana do Castelo, Estorãos) Relatório dos Trabalhos Arqueológicos, IPA (súmula dos resultados disponível, em Maio de 2007, na base de dados do IPA – Endovélico – no site www.ipa.min-cultura.pt).
- RAPHAEL, M. 1945. *Prehistoric Cave Paintings*, New York, Pantheon Books [The Bollingen Series, IV].
- RASILLA, M. DE LA, HOYOS, M. CAÑEVERAS, JIMÉNEZ, J. C. 1996. El abrigo de Verdelpino (Cuenca). Revisión de su evolución sedimentaria y arqueológica. *Complutum Extra* 6 “Homenaje al Dr. Fernández Miranda”, Vol. 1:75-82.
- REBANDA, N. 1995a. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. *Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa*.
- . 1995b. Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre, *Boletim da Universidade do Porto*, 25, Junho, Porto, pp. 11-16.
- REYNOSO, C. 2000. Interpretando a Clifford Geertz, in C. Geertz, *La interpretación de las culturas*, Editorial Gedisa, Barcelona, pp. 9-12.
- RIBEIRO, M. L. 2001. *Notícia explicativa da carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RIBEIRO, O. 1987. *A formação de Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Coleção Identidade série Cultura Portuguesa.
- RIBEIRO, A. T., ALVES, L. B., BETTENCOURT, A., MENEZES, R. T. (En prensa): Space of memory and representation: Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia, Northwestern Portugal), in A. BETTENCOURT e L. B. ALVES (eds.) *Places, Memory and Identity in the European Bronze Age*, Lisbon.
- RICOEUR, P. 2000. *Teoria da interpretação*, Lisboa, Edições 70.
- RINCÓN VILA, R. 1993. El abrigo de La Calderota, Olleros de Paredes Rubia, Palencia. Avance al estudio de los

- esquematismos rupestres en la Cantabria Antigua y las montañas de Palencia y Burgos, *Institución Tello Téllez de Meneses*, 64, p. 37-179, Palencia.
- RIPOLL PERELLÓ, E. 1961-62. La cronología relativa del santuario de la Cueva de la Pileta y el arte solutrense. *Homenaje al Prof. C. de Mergelina*. 739-751. Murcia.
- 1965. Una pintura de tipo Paleolítico en La Sierra del Montsiá (Tarragona) y su posible relación con los orígenes del arte levantino. *Miscelánea en Homenaje al abate Henri Breuil*, t. II. Barcelona, 297-305.
- 1981. Los grabados rupestres del Puntal del Tío Garrillas (término de Pozondón, Teruel), *Teruel*, 66, pp. 147-155.
- 1997. Historia de la investigación del arte rupestre en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 13-21.
- RIPOLL, S., COLLADO, H. 1997. La Mina de Ibor (Cáceres): Nueva estación con arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Revista de Arqueología (Madrid)* núm. 196, Agosto de 1997, pp. 24-29.
- RIPOLL, S., CACHO, C., MUNICIO, L. 1997. El Paleolítico Superior en la Meseta. *Espacio, tiempo y forma. Serie I, Prehistoria y arqueología*, n° 10, 1997, pp. 55-88.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M. 1999. La grotte d'Atlanterra (Cádiz, Espagne). *International Newsletter on Rock Art*, 23: 3-5. Foix.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., MUÑOZ, J. F. 2002. Dix années de recherches sur l'art rupestre paléolithique dans la péninsule ibérique. *L'art paléolithique à l'air libre, le paysage modifié par l'image*. Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999. 159-174. Tautavel.
- RIPOLL LÓPEZ, S., MAS CORNELLÁ, M., TORRA COLELL, G. 1991. Grabados paleolíticos en la Cueva del tajo de las Figuras (Benalup, Cádiz). *Espacio, Tiempo y Forma. Serie I: Prehistoria y Arqueología*, 4:111-126. UNED. Madrid.
- RIPOLL, S., MUNICIO, L. 1992. Las representaciones de estilo paleolítico en el conjunto de Domingo García (Segovia). *Espacio, Tiempo y Forma (UNED), Serie I, Prehistoria y Arqueología*, t. V. pp. 107-138.
- 1999. Dirs. *Domingo García. Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la meseta castellana*. Monografías de la Junta de Castilla y León, n° 8.
- RIPOLL, S., MUNICIO L., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., LÓPEZ, J. R. 1994. Un conjunto excepcional de Arte Paleolítico: El Cerro de San Isidro en Domingo García (Segovia). *Nuevos descubrimientos. Rev. De Arqueología*, n° 157, mayo 1994. Madrid. pp. 12-21.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J. 2003. El arte mueble del yacimiento de la Peña de Estebanvela. En: R. de BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella*. 2003. pp. 263-278.
- RIPOLL, S., MUÑOZ, F. J., PÉREZ, S., MUÑIZ, M., CALLEJA, F., MARTOS, J. A., LÓPEZ, R. y AMAYA, C. 1994. Arte rupestre paleolítico en el yacimiento solutrense de la Cueva de Ambrosio (Vélez-Blanco, Almería). *Trabajos de Prehistoria*, 51, 2. pp. 21-39.
- RIPOLL LÓPEZ, S., RIPOLL PERELLÓ, E., COLLADO GIRALDO, H. 1997. Avance al estudio de la Cueva de Maltravieso (Cáceres). El arte rupestre paleolítico en Extremadura. *Extremadura Arqueológica* VII, pp. 95-117.
- 1999. *Maltravieso, el santuario extremeño de las manos*. Memorias 1, Museo de Cáceres, 168 págs.
- ROCHETTE CORDEIRO, A. M., REBELO, F. 1996. Carta geomorfológica do Vale do Côa a jusante de Cidadelhe. *Cadernos de Geografia*, n° 15, 1996, Coimbra F.L.U.C., pp. 11-33.
- RODRIGUES, J. D. 1999. *Conservação da Arte Rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Relatório 241/99 – Gero, LNEC. Trabalho realizado para o Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, R. M. y SÁNCHEZ SÁNCHEZ, X. M. 2000. Los grabados rupestres de época medieval. Una aproximación teórica, *Congreso Internacional de Arte Rupestre Europea*, Vigo.
- ROMERO CARNICERO, F. 1991. *Los Castros de la Edad del Hierro en el Norte de la provincia de Soria*, Studia Archaeologica, 80, Valladolid.
- ROSSELLÓ, V. M. 1995. *Geografia del País Valencià*. Edicions Alfons el Magnànim. Institució Valenciana d'Estudis i Investigació. Generalitat Valenciana. Diputació de València. València.
- ROUSSOT, A. 1990. Art mobilier et parietal du Périgord et de la Gironde. Comparaisons stylistiques., L'art des objets au Paléolithique. *Colloque international d'art mobilier paléolithique*, Paris, t. 1:189-205.
- ROYO GUILLÉN, J. I. 1986-1987. El abrigo con grabados rupestres de Val Mayor, Mequinenza (Zaragoza), Bajo Aragón. *Prehistoria*, VII-VIII, pp. 179-190.
- 1999. Las manifestaciones ibéricas del arte rupestre en Aragón y su contexto arqueológico: una propuesta metodológica. *Bolskan*, n° 16, pp. 193-230.
- 2004. *Arte rupestre de época ibérica. Grabados con representaciones ecuestres*. Serie de Prehistòria i

BIBLIOGRAFIA GENERAL

- Arqueologia. Servei d'Investigacions Arqueològiques i Prehistòriques. Diputació de Castelló, 176 pàgs.
- ROUSSOT, A. 1984. Abri du Poisson. En *"L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises"*. Ministère de la Culture. París. pp. 154-156.
- 1990. Art mobilier et art pariétal du Périgord et de la Gironde: comparaison stylistique. In: Actes des colloques de la Direction du Patrimoine, *L'art des objets au Paléolithique*, Tome 1: L'art mobilier et son contexte, Foix – Le Mas d'Azil, novembre 1987, pp. 189-205.
- RUBIO ANDRADA, M. 1991. *La pintura rupestre en el parque natural de Monfragüe (Cáceres)*. Trujillo, 105 pàgs., 76 figs. y 1 mapa.
- RUBIO, M., PASTOR, V. 1999. El grabado del Cándalo, Garciaz (Cáceres). *Zephyrus*, vol. LII, pp. 303-318.
- RUST, A. 1943. *Die alt und mittelsteinzeitlichen Funde von Stellmoor*. Neumünster. Karl Wachholtz.
- SACCHI, D. 1984. *L'art paléolithique de la France méditerranéenne*. Musée des Beaux-Arts de Carcassonne: 52 p., 84 fig. (préface de A. Leroi-Gourhan).
- 1987. L'art paléolithique des Pyrénées roussillonnaises. En J. Abelanet et Alii. Eds. *Etudes roussillonnaises offertes à Pierre Ponsich*. Perpignan. pp. 47-52.
- 1988a. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées-Orientales, France. Etude préliminaire, *actes du 1er congrès international d'art rupestre*, 1985, *Bajo Aragon Prehistorica VII-VIII*, 1986-1987: 279-293.
- 1988b. Un témoin de l'art paléolithique de plein air en Roussillon : le rocher gravé de Fornols-Haut, *actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986: 37-42.
- 1993a. Les critères d'authenticité et de datation de l'art pariétal paléolithique. En *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 311-314.
- 1993b. Les suidés. En: *L'Art Pariétal Paléolithique. Techniques et méthodes d'étude. Documents Préhistoriques*, 5. París. pp. 161-163.
- 1993c. Les Caprinés, Antilopinés, Rupicaprinés. En: *L'art pariétal paléolithique. Techniques et méthodes d'études*. CTHS, pp. 123-136.
- 1995. Brèves remarques à propos du site d'art rupestre de Foz Côa (Portugal), de son importance et de son devenir. En V. O. JORGE Ed. *Dossier Côa*. pp. 519-522.
- 2002a. Propos liminaire. In: *Actes du Colloque L'art Paléolithique à l'air libre: le Paysage modifié par l'image*, 07-09/10/1999. Coord. D. Sacchi, pp. 7-11.
- 2002 b. *L'art Paléolithique à l'air libre : le Paysage modifié par l'image*. Actes du Colloque de Tautavel-Campôme, 7-9 octobre 1999, Gaep & Geopre, Carcassonne. 245 pp.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L. 1987. Le rocher gravé de Fornols-Haut. *Archéologia* 225. pp. 52-57.
- 1988. Un témoin d'art paléolithique de plein air en Roussillon: le rocher gravé de Fornols-Haut. *Actes du 7e colloque international d'archéologie de Puigcerdà*, 6-8 juin 1986, pp. 37-42.
- SACCHI, D., ABELANET, J. BRULE, J. L., MASSIAC, Y., RUBIELLA, C. VILETTE, P. 1988. Le rocher gravé de Fornols-Haut à Campôme, Pyrénées Orientales, France. Etude préliminaire. *I Congreso Internacional de Arte Rupestre. Bajo Aragón Prehistoria VII/VIII (1986/87)*. pp. 279-293.
- 1988b. Les gravures rupestres de Fornols-Haut, Pyrénées-Orientales. *Rev. L'Anthropologie*. T. 92, 1. París. p. 100.
- SAINT-MATHURIN, S. 1984. L'Abri du Roc-aux-Sorciers. En: *L'Art des cavernes. Atlas des grottes ornées françaises*. Ministère de la Culture, pp. 583-587.
- SAINT-PERIER, R. 1936. *La grotte d'Isturitz, II. Le Magdalénien de la Grande Salle*. Archives de l'IPH, 17. Masson, Paris, 139 pp.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J. 1996. El Arte Rupestre Paleolítico. En J. Lomba, M. Martínez, R. MONTÉS & J. SALMERÓN: *Historia de Cieza*, Vol. I. Cieza Prehistórica. De la depredación al mundo urbano: 71-89.
- SALMERÓN JUAN, J., LOMBA MAURANDI, J., CANO GOMARIZ, M. 1999 a. El arte rupestre paleolítico de Cieza. Primeros hallazgos en la región de Murcia. Resultados de la 1ª Campaña de prospecciones Losares-Almadenes 93. *Memorias de Arqueología* 1993, 8, pp. 94-111.
- 1999 b. Las pinturas rupestres de El Paso, Los Rumíes y El Laberinto (Cieza, Murcia). *Actas del XXIV Congreso Nacional de Arqueología*, Cartagena 1997, vol. I, pp. 197-208.
- SALMERÓN, J., LOMBA, J., CANO, M., GRUPO LOS ALMADENES. 1997. Avance al estudio del arte rupestre paleolítico en Murcia: Las Cuevas de Jorge, Las Cabras y el Arco (Cieza, Murcia). *XXIII Congreso Nacional de Arqueología*. 201-216. Elche, 1995. Zaragoza.

- SAN ROMÁN FERNÁNDEZ, F. 2006. Librán y San Pedro Mallo: Nuevas estaciones de Arte Rupestre Esquemático en la provincia de León”, *Congreso de Arte Rupestre Esquemático en la Península Ibérica. Comarca de los Vélez*, Almería, 5-7 de mayo de 2004.
- SANCHES, M. J. 1996 a. *Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal*, série Monografias y Estudios, Fundación Rey Afonso Henriques, Zamora
- 1996b. Passos/Santa Comba Mountain in the context of the late prehistory of northern Portugal, *World Archaeology*, vol. 28(2), pp. 220-230
- 1997. *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols., SPAE, Porto
- 2001. Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, Northern Portugal) in Late Prehistory, *Archeos*, 12, IPT, Tomar, pp. 65-105.
- SANCHES, M. J., MOTA SANTOS, P., BRADLEY, R., FÁBREGAS VALCARCE, R. 1998. Land marks – a new approach to the rock art of Trás-os-Montes, northern Portugal, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 0, Porto, pp. 85-104.
- SÁNCHEZ MORENO, E. 2005. La guerra como estrategia de interacción social en la Hispania prerromana: Viriato, jefe redistributivo [Em linha]. In *Universidad Autónoma de Madrid: Área de Historia Antigua*. [citado em 26 de Setembro de 2006]. Disponível em <<http://www.ffil.uam.es/antigua/piberica/viriato/viriato1.htm>>.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L. 1981. *Cueva Navarro (Cala del Moral, Málaga)*. Corpus Artis Rupestris, I. Paleolítica. Vol. I. Salamanca.
- 1982. La cueva del Morrón (Jimena, Jaén). *Zephyrus*, XXXIV-XXXV: 5-12. Salamanca.
- 1984-85. Algunas bases para el estudio de los actos funerarios eneolíticos: Sima de Curra (Carratraca, Málaga), *Zephyrus*, XXXVII-XXXVIII, Salamanca, pp. 227-248.
- 1986. Arte prehistórico en la cueva de Nerja. En *Trabajos sobre la cueva de Nerja, I. La Prehistoria de la Cueva de Nerja (Málaga)*. 283-330. Málaga.
- 1987. Arte rupestre en Andalucía. En *Arte Rupestre en España. Revista de Arqueología* (Monografía) 96-105. Madrid.
- 1997. Propuesta de la secuencia figurativa en la Cueva de la Pileta. *El món mediterrani després del Pleniglacial (18.000-12.000 BP)* (Fullola, J. M. et Soler, N. eds.). Museu d'Arqueologia de Catalunya-Girona, Serie Monogràfica, 17: 411-433.
- 2000. Panorama Actual del Arte Paleolítico en Andalucía, *Paleolítico da Península Ibérica*, Porto, ADECAP [Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. II], pp. 541-554.
- SANCHIDRIÁN TORTI, J. L., MAS CORNELLÀ, M. 1993. Discusiones en torno al considerado arte paleolítico del Campo de Gibraltar (Cádiz) . *II Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar*. Ceuta, Noviembre de 1990. UNED. Madrid.
- SANTIAGO VILCHES, J. M. 1982. La cueva de las Palomas en el arte paleolítico del sur de España. *Boletín del Museo de Cádiz* II: 5-11, 1979-1980. Diputación Provincial de Cádiz. Cádiz.
- SANTOS, A. T. 2003. *Uma Abordagem Hermenêutica – Fenomenológica à Arte Rupestre da Beira Alta. O caso do Fial (Tondela, Viseu)* [Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto], Porto.
- En prensa. A Fenomenologia da Pré-história e a Arte Rupestre ou “Como o martelo só se revela no acto de martelar, *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*.
- SANTOS ESTÉVEZ, M. 1998. Los espacios del arte: el diseño del panel y la articulación del paisaje en el arte rupestre gallego, *Trabajos de Prehistoria*, 55, nº2, Madrid, pp. 73-88.
- 2005. Sobre a cronologia del arte rupestre atlántico en Galicia, *Archaeoweb*, 7 (2) Setembro/Dezembro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>
- 2006. Respuesta a la réplica firmada por F. J. Costas Goberna, R. Fábregas Valcarce, J. Guitián Castromil, X. Guitián Rivera y A. de la Peña Santos aparecida en el foro con fecha 23/01/2006, *Archaeoweb*, 8(1) Abril, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>
- SANTOS ESTÉVEZ, M., GARCÍA QUINTELA, M. V., PARCERO UBIÑA, C. 2007. Un programa de investigación para el arte rupestre en Galicia, *Archaeoweb*, 8 (2), Janeiro, disponível em Maio de 2007 no site <http://www.ucm.es/info/archeoweb>
- SANTOS JÚNIOR, J. R. 1933. O abrigo pré-histórico da «Pala Pinta», *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (1), Porto, pp. 33-43.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- . 1934. As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, vol. 6 (3), Porto, pp. 185-222.
- . 1940. Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, Lisboa, pp. 327-376.
- SANZ PÉREZ, E. 2001. *Las montañas de Urbión, Cebollera y Cabrejas. Geomorfología y patrimonio geológico*, Excma. Diputación Provincial de Soria, Col. "Temas Sorianos", núm. 43, Soria, 244 págs.
- SAUVET, G. 1988. La Communication Graphique Paléolithique (De l'analyse quantitative d'un corpus de données à son interprétation sémiologique), *L'Anthropologie (Paris)*, 92 (1), Paris, pp. 3-16.
- SARMENTO, M. 1933 [1878]. Sinaes gravados em rochas. *Dispersos*, pp. 161-162.
- SAUVET, G., SAUVET, S. 1979. Fonction sémiologique de l'art pariétal animalier franco-cantabrique, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 76 (10-12), Paris, pp. 340-354.
- . 1983. *Los Grabados Rupestres Prehistoricos de la Cueva de La Griega (Pedraza, Segovia)*, Salamanca, Departamento de Prehistoria y Arqueologia da Universidad de Salamanca [*Corpus Artis Rupestris I. Palaeolithica Ars*, 2].
- SAUVET, G., SAUVET, S., WLODARCZYK, A. 1977. Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), Paris, pp. 545-558.
- SAUVET, G., WLODARCZYK, A. 1995. Éléments d'une Grammaire Formelle de l'Art Pariétal Paléolithique, *L'Antropologie (Paris)*, 99 (2-3), Paris, pp. 193-211.
- SCARRE, C. 2002. Contexts of monumentalism: regional diversity at the Neolithic transition in north-west France, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 21, n° 1, Oxford, pp. 23-61.
- SEGURA, F. S. 1990. *Las ramblas valencianas. Algunos aspectos de hidrología, geomorfología y sedimentología*. Universitat de València.
- SELLAMI, F., N. TEYSSANDIERT & M. TAHA. 2001. Dynamique du sol et fossilisation des ensembles archéologiques sur les sites de plein air. Données expérimentales sur l'organisation des micro-artefacts et les traits pédo-sédimentaires, in L. BOURGUIGNON, I. ORTEGA and M.-C. FRÈRE-SAUTOT (eds.), *Préhistoire et approche expérimentale*: 313-324. Montagnac: Editions M. Mergoil.
- SEVILLANO, M. C. 1976a. Grabados rupestre de carros y ruedas en Vegas de Coria (Cáceres). *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 258-267.
- . 1976b. Un petroglifo con inscripción en la comarca de las Hurdes, Cáceres. *Zephyrus*, XXVI-XXVII, pp. 268-291.
- . 1979. Noticia de un grabado en las Erias (Cáceres). *Zephyrus*, XXVIII-XXIX, pp. 229-233.
- . 1983. Analogías y diferencias entre el arte rupestre de Las Hurdes y el del valle del Tajo. *Zephyrus*, XXXVI, pp. 259-265.
- . 1991. *Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes (Cáceres)*. Acta Salmanticensia, n° 77, Salamanca, 216 págs.
- SEVILLANO, M. C., BÉCARES, J. 1997. Grabados rupestres en la comarca de las Hurdes. *Extremadura Arqueológica VII*, pp. 75-94.
- SHEE, E. 1974. Painted megalithic art in western Iberia, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. 1, Porto, pp. 105-123.
- . 1981 a. *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, Oxford.
- . 1981 b. A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, 3, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto, pp. 49- 55.
- SEIVEKING, A. 1987. *A Catalogue of Palaeolithic Art in the British Museum*. British Museum Publications, Londres, 115 pp.
- SILVA, E. J. L. 2000. Novos dados sobre o Megalitismo do Norte de Portugal, in V. S. GONÇALVES (ed.), *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos, Trabalhos de Arqueologia*, vol. 25, Lisboa, pp. 269-280.
- SILVA, E. J. L., CUNHA, A. L. 1986. As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Livro de Homenagem a Jean Roche*, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, pp. 490-505.
- SILVA, A. F., RIBEIRO, M. L. 1991. *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 15-A Vila Nova de Foz Côa*, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- SIMMONET, G., L., R. 1984. Quelques beaux objets d'art venat de nos recherches dans la grotte ornée de Labastide (Haute-Pyrénées). Approche naturaliste. *Bull. de la Soc. de Spéléologie et Préhistoire*, XXIV, pp. 25-36.
- SOBRINO BUHIGAS, R. 2000 [1935]. *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*. Seminario de Estudos Galegos, Edícios do Castro, A Coruña, edição facsimilae.

- SOÑEÑA, G. 2005. Celtiberian Ideologies and Religion. e-*Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. Milwaukee. 6 The Celts in the Iberian Peninsula, pp. 347-410. [Disponível em <http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6>].
- SORIA LERMA, M., LÓPEZ PAYER, M. G. 1999. Arte esquemático en la Cuenca Alta del Segura. Nuevas aportaciones. *Boletín del Instituto de Estudios Gienenses*, nº 176, tomo II (Julio/Diciembre), pp. 909-943
- SOSA, O. 1988. As pinturas rupestres da mamoa 3 de Chã de Parada – Baião. Notícia preliminar. *Arqueologia*, nº 17, Porto, pp. 119-120.
- SOSA, A. C., SOARES, A. M., MIRANDA, M., QUEIROZ, P. F., LEEUWAARDEN, W. V. 2004. *São Julião. Nucleo C do concheiro pré-histórico*. Cadernos de Arqueologia de Mafra, 2. Mafra.
- SOUTO, A. 1932. Arte Rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga). As insculpturas da Serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiraladas no noroeste peninsular, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. V (IV), Porto, pp. 285-300.
- STUIVER, M., REIMER, P. J., BARD, E., BECK, J. W., BURR, G. S., HUGHEN, K. A., KROMER, B., McCORMAC, F. J., van der PLICHT, J., SPURK, M. 1998. INTCAL98 Radiocarbon age calibration 24,000 – 0 cal BP, *Radiocarbon*, 40, pp. 1041-1083.
- TAÇON, P. 1993. Introduction: Expressing relationships to the land by marking special places, in P. FAULSTICH and P. S. C. Taçon (eds) *Spatial considerations in rock art. Time and Space AURA* 8, pp. 81-83.
- 1999. Identifying sacred landscapes in Australia: from physical to social, in W. ASHMORE and A. B. KNAPP (eds), *Archaeologies of Landscape. Contemporary perspectives*. Blackwell, Oxford, pp. 33-57.
- TERÉS NAVARRO, E. 1987. Pinturas rupestres en El Raso de Candeleda, *Revista de Arqueología*, 73, pp. 60-61, Madrid.
- THOMAS, J. 1996. *Time, Culture and Identity - An interpretive archaeology*, London/New York, Routledge.
- 1993. The Politics of Vision and the Archaeologies of the Landscape, in B. Bender (ed.), *Landscape, Politics and Perspectives*, Berg, New York/Oxford, pp. 19-46.
- TILLEY, C. 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Pats and Monuments*. Oxford: Berg.
- 2004. *The materiality of stone. Explorations in landscape phenomenology*, Oxford/New York, Berg.
- TOPPER, U. 1975. Felsbilder an der Südspitze Spaniens. *Madridrer Mitteilungen* 16: 25-55. Instituto Arqueológico Alemán. Madrid.
- TOPPER, U. y W. 1988. *Arte Rupestre en la provincia de Cádiz*. Ed. Diputación Provincia de Cádiz. Cádiz.
- TOUS LES ANIMAUX DU MONDE. T. III. Larousse, 1971.
- UCKO, P., ROSENFELD, A. 1967. *Arte Paleolítico*. Ed. Guadarrama. Madrid.
- UCKO P. J., LAYTON, R. 1999. *The Archaeology and Anthropology of Landscape. Shaping your Landscape*, Routledge, London/New York.
- UNTERMANN, J. 1972. Áreas e movimentos linguísticos na Hispânia pré-romana. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 72: 1-2, pp. 5-41.
- UTRILLA, P., BLASCO, F. 2000. Dos asentamientos magdalenenses en Deza, Soria. *BSAA, Valladolid*, 2000. pp. 9-63.
- UTRILLA, P., BLASCO, F., RODANÉS, J. M.^a. 2006. Entre el Ebro y la Meseta: el Magdalenense de la cuenca del Jalón y la placa de Villalba. En G. DELIBES y F. DIEZ (eds): *El Paleolítico Superior en la Meseta Norte Española. Studia Archaeologica. nº 54*, pp. 173-213.
- UTRILLA, P., CALVO, M. J. 1999. Cultura material y arte rupestre levantino: la aportación de los yacimientos aragoneses a la cuestión cronológica. Una revisión del tema en el año 2000. *Bolskan*, 16, pp. 39-70.
- UTRILLA, P., RODANÉS, J. M. 2003. *Un asentamiento Epi-paleolítico en el valle del río Martín. El Abrigo de los Baños (Ariño, Teruel)*. UniVersidad de Zaragoza, Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Área de Prehistoria. Zaragoza.
- UTRILLA, P., VILLAVEDE, V. 2004. *Los grabados levantinos del Barranco Hondo. Castellote (Teruel)*. Gobierno de Aragón. Departamento de Educación, Cultura y Deporte, 158 págs.
- UTRILLA MIRANDA, P., VILLAVEDE BONILLA, V., MARTÍNEZ VALLE, R. 2001. Les gravures rupestres de Roca Hernando (Cabra de Mora, Teruel). Les Premiers Hommes Modernes de la Péninsule Ibérique. *Actas du Colloque de la Comisión VIII de L'Uispp*: 161-174. Lisboa.
- VALLADAS H., MERCIER, N., FROGET, L., JORONS J. L., REYSS J. L., AUBRY T. 2001. TL Dating of Upper Paleolithic Sites in the Côa Valley (Portugal), *Quaternary Science Reviews*, vol. 20, nos. 5-9, pp. 939-943.

BIBLIOGRAFÍA GENERAL

- VAN DEN BRINK, F. H., BARRUEL, P. 1971. *Guide des Mammifères sauvages de l'Europe occidentale*. Delachaux et Niestlé, 263. pp.
- VASCONCELLOS, L. DE. 1897. *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa.
- VIALOU, D. 1983. Art Pariétal Paléolithique ariégeois. *Rev. L'Anthropologie*. t. 87, 1. París. pp. 83-97.
- 1986. *L'art des grottes en Ariège magdalénienne*. XXVI Supl. de Gallia Préhistoire. Centre National de la Recherche Scientifique. Paris.
- VIANA, A. 1929. As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portucale*, n.ºs 10 e 11, Porto.
- 1960. Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal), *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Ourense*, tomo XX (I-IV), Ourense, pp. 209-231.
- VILAÇA, R. 2005. Entre o Douro e o Tejo, por terras do interior: O I milénio a. C. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia Actas das 2^{as} Jornadas de Património da Beira Interior*. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, pp. 13-32.
- VILASECA, S. 1934. L'Estació-taller de sílex de Sant Gregory. *Memoria de la Academia de Ciencias y Arte de Barcelona*, XXIII: 415-439.
- VILLAVERDE, V. 1985. Hueso con grabados paleolíticos de la Cova de les Cendres (Teulada, Alicante). *Lucentum*, IV: 7-14.
- 1994. *Arte paleolítico de la Cova del Parpalló*. Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación de Valencia, 2 vols., Valencia. 404, [482], págs.
- 2001. El Arte de los cazadores y recolectores del Paleolítico superior. En V. Villaverde (ed.) *De neandertales a cromañones. Los inicios del poblamiento humano en las tierras valencianas*. Universidad de València: 331-366.
- 2002. Contribution de la séquence du Parpalló (Espagne) à la sériation chronostylistique de l'art rupestre paléolithique de la Péninsule Ibérique". En D. Sacchi (dir.) *L'Art Paléolithique à l'Air Libre. Le paysage modifié par l'image*. Gaep & Géopré: 41-58.
- 2005. Arte Paleolítico de la región mediterránea de la Península Ibérica: de la Cueva de la Pileta a la Cova de les Marevelles.. En *Actas del Congreso Arte Rupestre en la España Mediterránea (Alicante, 2004)*. Ed. M. Hernández y J. Soler. 17-45. Alicante.
- VILLAVERDE, V., LÓPEZ MONTALVO, E., DOMINGO SANZ, I., LÓPEZ VALLE, R. M. 2002. Estudio de la composición y el estilo. MARTÍNEZ VALLE, R. y VILLAVERDE BONILLA, V (coord.); (con la colaboración de Guillem Calatayud, P. M. et al.): *La Cova dels Cavalls en el Barranc de la Valltorta*. Monografías del Instituto de Arte Rupestre, 1: 135-189.
- VILLOCH VÁZQUEZ, M. V. 1995. Monumentos y petroglifos: la construcción del espacio en las sociedades constructoras de túmulos del Noroeste peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 52. n.º 1; pp. 39-55.
- VIÑAS, R., SARRIÁ, E., ALONSO, A. 1983. *La pintura rupestre en Catalunya*, Barcelona.
- WALDERHAUG, O., WALDERHAUG, E. M. 1998. Weathering of Norwegian Rock Art – a critical review. *Norwegian Archaeological Review*. Trondheim. 31:2, pp. 119-1.
- WATCHMAN, A. 1995a. Executive Summary. *Summary of report to Electricidade de Portugal*.
- 1995b. Dating the Foz Côa engravings, Portugal. En D. Seglie Ed. *News 95-International Rock Art Congress*. Turin. p. 98.
- 1995c. Recent petroglyphs, Foz Côa, Portugal. *Rock Art Research* 12 (2), pp. 104-108.
- 1996. A review of the theory and assumptions in the AMS dating of the Foz Côa petroglyphs, Portugal, *Rock Art Research*. 13 (1), pp. 21-30.
- WHITLEY, D. S. 1998. Finding rain in the desert: landscape, gender and far western North American rock art, in C. CHIPPINDALE, P. S. Ç. TAÇON (eds), *The Archaeology of Rock-Art*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 11-29.
- WHITLEY, A. 2000. Very like a whale: menhirs, motifs and myths in the Mesolithic-Neolithic transition in northwest Europe. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 10, n.º 2, pp. 243-259.
- ZILHÃO, J. 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Trabalhos de Arqueologia, 6. Lisboa.
- 1995a. The age of the Côa valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the palaeolithic and refutation on "scientific" dating to historic or proto-historic times. *Antiquity* 69. pp. 883-901.
- 1995b. The stylistically Paleolithic petroglyphs of the Côa valley (Portugal) are of Paleolithic age. A refutation of their "direct dating" to recent times. En V. O. Jorge ed. *Dossier Côa*. pp. 423-470.
- 1995-1996. L'art rupestre paléolithique de plein air. Vallée du Côa (Portugal). *Dossiers d'Archéologie*, n.º 209. Décembre 1995-Enero 1996. Dijon. pp. 106-117.

- 1997a. Símula dos resultados científicos, In *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Ministério da Cultura, Lisboa, pp. 13-37.
- 1997b. *O Paleolítico superior da Estremadura Portuguesa* – 2 vols. Ed. Colibri, Lisboa.
- 2003. Vers une chronologie plus fine du cycle ancien de l'art paléolithique de la Côa : quelques hypothèses de travail. En: R. DE BALBÍN y P. BUENO eds. *Primer Symposium Internacional de Arte Prehistórico de Ribadesella. 2003*. pp. 75-90.
- 2004 a. Public archaeology and political dynamics in Portugal. A reply to Bednarik. *Public Archaeology (2004)* Vol. 3, pp. 167-183.
- 2004 b. Further lessons in integrity. A final reply to Robert Bednarik. *Public Archaeology (2004)* Vol. 3, pp. 245-247.
- ZILHÃO, J. Coord. 1997. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996. Ministerio de Cultura. Lisboa.*
- ZILHÃO, J., AUBRY, T., CARVALHO, A. F., BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V., MEIRELES, J. 1997. The rock art of the Côa valley (Portugal) and its archaeological context: first results of current research, “*Journal of European Archaeology*”, 5/1, pp. 7-49.
- ZILHÃO, J., AUBRY, T., CARVALHO, A. F. DE, ZAMBUJO, G., ALMEIDA, F. 1995. O sítio arqueológico paleolítico do salto do boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). En V. O. JORGE ed. *Dossier Côa*. pp. 471-498.

